

universidade do estado do rio de janeiro
centro de tecnologia e ciências
escola superior de desenho industrial
projeto de graduação, rio de janeiro, 2010

AVIDA JUDAICA

aluna
alice (alizah) chekroun
orientador
freddy van camp

universidade do estado do rio de janeiro
centro de tecnologia e ciências
escola superior de desenho industrial
projeto de graduação, rio de janeiro, 2010

aluna
alice (alizah) chekroun
orientador
freddy van camp

A VIDA JUDAICA

“Ufaratzta Yama Va Kedma, Tzafona va Negba...”

“Você deve espalhar-se ao oeste e ao leste, ao norte e ao sul...”

Genesis 28:14

Esse projeto é dedicado à visão chassídica de disseminar e tornar os ensinamentos judaicos disponíveis até os cantos mais remotos do mundo.

Tivemos grande fonte de inspiração através do legado que foi iniciado pelo Baal Shem Tov*, e que atingiu seu ápice com o Rebe de Lubavitch, criando, ao longo dos anos, uma rede com mais de 4mil famílias espalhadas ao redor da Terra.**

* Rebe Israel ben Eliezer, fundador do Chassidismo. Neste ano, em 2010, completam 250 anos de seu falecimento.

** Rebe Menachem Mendel Schneersohn, o sétimo Rebe da dinastia de Chabad - Lubavitch.

agradecimentos

hubby

Sagi Chekroun

mame e tate

Noni Geiger e Luiz Velho

orientador

Freddy Van Camp

avós

Anna Bella e Pedro Geiger

esdi

Elianne Jobim

Pedro Pereira

grupo de orientação

turmas 42 / 43

Arisio Rabin

Silvia Steinberg

contribuição externa fundamental

Adair Rocha

Betty Kitober

Karen Worcman

Max Nehemias

Ruy Schneider

Susane Worcman

modelagem e renderização 3D

Fábio Ferreira

motion graphics

Ana Mizuta

apoio domiciliar

Antonia

Ciça

RESUMO

A partir do tema "Design e cidadania" propomos a apresentação de informação sobre a tradição e a cultura judaica para o público brasileiro em geral.

Considerando as iniciativas do Estado em celebrar a diversidade cultural brasileira, percebemos a carência de uma interface como esta no Rio de Janeiro, que divulgue os hábitos e práticas deste segmento da população, cuja etnia e religiosidade expressam parte da cultura carioca, fluminense e brasileira.

Para isso, conceituamos forma e conteúdo para uma exposição de longa duração a se localizar no subsolo do Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro.

A abordagem da curadoria visa um eixo de aproximação com o público através de um fio condutor universal: as unidades de passagem de tempo.

A exposição consiste de dez módulos que traduzem visualmente vários conceitos do judaísmo.

São eles: Questão de fé; O Alef Beit; Povo do Livro; Ética, moral e valores; O dia; A semana; O mês; O ano; a Vida e a História.

palavras chave

judaísmo, exposição, cidadania,
sinagoga grande templo israelita

SUMÁRIO

1. introdução **7**
2. proposta **9**
 - 2.1 tema **9**
 - 2.2 justificativa **9**
 - 2.3 problematização **11**
 - 2.4 objetivos **12**
 - 2.5 requisitos **12**
3. pesquisa e definições preliminares **14**
 - 3.1 similares **14**
 - 3.2 conteúdo **22**
 - 3.3 local **24**
 - 3.4 suportes e tecnologia **29**
4. o projeto **33**
 - 4.1 conceituação e definições do museu **33**
 - 4.2 desenvolvimento do projeto **39**
5. resultado **91**
 - 5.1 apresentação de resultados **92**
 - 5.2 considerações finais **100**
6. conclusão **102**
7. referências bibliográficas **106**
8. anexos **108**

1. Introdução

1. INTRODUÇÃO

No início deste processo, a banca de orientação propôs Design e Cidadania como 'tema-guarda-chuva' para o desenvolvimento de propostas para os projetos de conclusão.

Na ocasião, houve uma série de debates sobre o mesmo.

Pessoalmente, tanto o tema quanto as discussões foram instigantes para pensar sobre o sujeito e sua inserção na sociedade. Não em linhas muito teóricas, mas na simplicidade e complexidade das relações inter e intra pessoais entre os sujeitos e, principalmente, na possibilidade de olhar o outro.

Refletir sobre a diversidade de origens dos brasileiros em geral, e de cada indivíduo em particular, faz parte desse exercício de enxergar o próximo.

Isto ganha perspectiva se pensarmos também nas formas de preservação, perpetuação e disseminação das tradições ancestrais que trazem cada um de nós aos dias de hoje.

2. Proposta

2. PROPOSTA

2.1 tema

Conceituar forma e conteúdo para uma exposição a ser localizada no Rio de Janeiro - de caráter permanente - sobre tradições e práticas da vida judaica.

2.2 justificativa

No cenário mundial, o povo judeu numera 0,2% da população, figurando na categoria de minoria étnica, religiosa e lingüística.

O Brasil é o décimo país do ranking da distribuição desta população pelo globo terrestre, com 96.000 habitantes.

Desses, aproximadamente 30% são residentes do Rio de Janeiro.

Historicamente, desde a fundação do Brasil, existem relatos da imigração judaica e/ ou dos cristãos novos.

De lá para cá houve uma série de ondas migratórias com picos nos períodos de guerras e entre guerras.

Desse modo, a presença judaica no Brasil teve grande relevância tanto para o povo judeu quanto para o País.

Como resultado, existem hábitos populares enraizados no cidadão nacional e carioca oriundos de uma cultura pouco conhecida.

Atualmente, no Rio de Janeiro, existem algumas instituições como o Museu Judaico que possui acervo de objetos, e / ou uma programação ativa sobre a produção cultural e intelectual do povo judeu.

Ainda assim, não existe um centro cultural que disponibilize conteúdo compreensivo sobre as tradições e práticas judaicas.

Estatística de distribuição da População Judaica Mundial 2006

Rank // País // Judeus

% da População Judaica Mundial

1 Israel	5,313,800	40.6%
2 Estados Unidos	5,275,000	40.3%
3 França	491,500	3.8%
4 Canada	373,500	2.9%
5 Reino Unido	297,000	2.3%
6 Russia	228,000	1.7%
7 Argentina	184,500	1.4%
8 Alemanha	118,000	0.9%
9 Australia	103,000	0.8%
10 Brasil	96,500	0.7%

fonte: Jewish Virtual Library

A Constituição Brasileira prevê a liberdade de religião e a Igreja e o Estado estão oficialmente separados, sendo o Brasil um Estado oficialmente laico,[2] embora muitos grupos tenham reivindicados direitos sociais no Brasil alegando que eles ainda não existem por questões religiosas.[3] A legislação brasileira proíbe qualquer tipo de intolerância religiosa, (...) O Brasil é um país religiosamente diverso, com a tendência de mobilidade entre as religiões.

O censo demográfico realizado em 2000, pelo IBGE, apontou a seguinte composição religiosa no Brasil:

73,8% dos brasileiros (cerca de 125 milhões) declaram-se católicos;

15,4% (cerca de 26,2 milhões) declaram-se evangélicos (evangélicos tradicionais, pentecostais e neopentecostais);

7,4% (cerca de 12,5 milhões) declaram-se sem religião, podendo ser agnósticos, ateus ou deístas;

1,3% (cerca de 2,3 milhões) declaram-se espíritas;

0,3% declaram-se seguidores de religiões tradicionais africanas tais como o Candomblé, o Tambor-de-mina, além da Umbanda;

1,8% declaram-se seguidores de outras religiões, tais como: as testemunhas de Jeová (1,1 milhão), os budistas (215 mil), os santos dos Últimos Dias ou mórmons (200 mil), os messiânicos (109 mil),

os judeus (87 mil), os esotéricos (58 mil), os muçulmanos (27 mil) e os espiritualistas (26 mil)."

Dos 87 mil

contingente urbano	86.316	%0,063
contingente rural	509	%0,002
homens	43.597	
mulheres	43.228	

fonte: Wikipedia

adequação ao tema proposto pela banca

A escolha deste tema parece apropriada se considerarmos dois fatores, um histórico e um contextual:

- a) a presença judaica no Brasil e no Rio de Janeiro ;
- b) as iniciativas de fomento à cultura pela Prefeitura do Rio de Janeiro como o Museu do Amanhã, na Zona Portuária, o Museu de Arte do Rio e o Museu da Imagem e do Som;
- c) e uma política afirmativa do governo do País de apoio a disseminação das etnias que compõem o Brasil, com iniciativas em São Paulo, Salvador e Rio, em que podemos destacar o Museu Afro Brasil em São Paulo. Além disso existe uma preocupação do MinC, através da Fundação Palmares, de constituir um Museu com a dimensão do que significa a cultura afrobrasileira, inserida no contexto de igualdade racial

ver anexos III, IV e V

por que o tema se relaciona com design e cidadania?

Neste tema, o designer comunica e projeta a apresentação de um conteúdo complexo e estranho ao leitor, organizando uma arquitetura de informação e traduzindo isso visualmente.

Consideramos que o tema em si - a vida judaica - se relaciona com cidadania e cultura. Estamos lidando com o direito do cidadão ao saber e ao conhecimento das culturas que formam a belíssima colcha de diversidades deste país, tratando-as com importância e celebrando-as.

por que uma exposição 'material' e não 'virtual'?

Esta exposição é especialmente relevante por ser produzida no Rio de Janeiro para o carioca, ou visitante nesta cidade.

Além disso, colocá-lo no ciberespaço seria contraditório com o sentido da proposta, de criar um ambiente que em si gerasse a interação entre o público, para ser um espaço de tolerância e harmonia.

2.3 problematização

Acredita-se que a falta de conhecimento sobre o outro, de seus hábitos e tradições é um dos principais fatores para a origem de comportamentos preconceituosos.

Assim, a própria comunidade judaica, por questões de segurança, se 'guetifica', erguendo muros em suas instituições e aumentando ainda mais o abismo e comunicação entre as duas culturas.

Além disso, muitos desses 30.000 judeus cariocas não estão vinculados a qualquer instituição, escola ou sinagoga, não tendo conhecimento sobre sua própria origem.

E muitos daqueles que freqüentam essas instituições têm pouco conhecimento das razões de práticas e tradições.

Não obstante, esta exposição não é pensada somente para o judeu 'desgarrado', mas também, e principalmente, para qualquer um que tenha interesse em saber mais sobre esse povo, sua tradição e cultura.

Consideramos que existem poucas portas de diálogo e informação sobre o tema. Isso pode resultar na falta de conhecimento e perpetuação de conceitos distorcidos.

Percebemos então a necessidade de criação de uma interface para o carioca, brasileiro ou turista, sobre esta temática.

2.4 objetivos

O principal intuito é que o local sirva como ferramenta para o cidadão brasileiro, de origem judaica ou não, se aproximar de uma cultura que faz parte da história e da fundação deste País.

Transformar o espaço em um canal de conhecimento que permita e facilite a interação do espectador com o conteúdo como forma de atravessar muros e preconceitos.

Além disso, pretende-se proporcionar a interação entre o público, constituindo-se de um local de tolerância e harmonia.

Como consequência, o projeto prevê a revitalização do Grande Templo Israelita por meio da apropriação e transformação de seus espaços existentes em ponto de cultura e saber sobre a tradição judaica.

2.5 requisitos

Eixo de aproximação

Por tratar-se de uma cultura estranha, é importante que o projeto estabeleça um eixo de aproximação com o público através de um fio condutor de caráter universal.

Conteúdo claro e objetivo

Com a preocupação de projetar uma experiência que efetivamente ensine ao espectador, o seu conteúdo deve ser apresentado de forma clara e objetiva.

Acessibilidade

Percebe-se a necessidade de planejar um espaço que atenda plenamente ao público em geral, como por exemplo ao portador de deficiência e aos turistas nacionais e estrangeiros.

3. Pesquisa

3.PESQUISA E DEFINIÇÕES PRELIMINARES

3.1 similares

levantamento, organização e análise

Foram escolhidas cinco outras propostas similares como base de referência, análise e reflexão.

O critério para essa escolha foi simples:

A oportunidade de pesquisa *in loco* através de uma viagem à Alemanha e Israel realizada no interim deste trabalho.

Trata-se de três referências relevantes no cenário internacional - Holocaust Memorial, Judische Museum e Israel Museum, e duas no cenário carioca - Museu do Índio e Museu do Universo.

internacionais

Holocaust Memorial, Berlinm, Alemanha

Memorial composto de duas experiências distintas, uma instalação na superfície com lápides e um centro de informação com uma exposição permanente.

A exposição subterrânea é composta de 6 seções:

Introdução, Sala das Dimensões, Sala das Famílias, Sala dos Nomes, Sala dos Locais e Portal para locais de Memória na Europa.

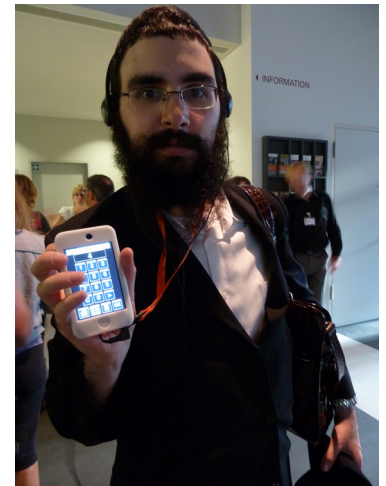
Estas conduzem o espectador a uma aproximação da dimensão do Holocausto de forma crescente.

Primeiro o público se depara com uma grande linha do tempo introdutória, depois ele conhece pessoalmente a história de seis pessoas (representantes dos seis milhões que pereceram). Na próxima sala, há relatos pessoais e correspondências no chão. A seguir o espectador é convidado a conhecer quinze famílias e detalhes do impacto da Guerra sob a perspectiva de cada um de seus membros. Chega-se a uma sala em que o nome de cada uma das vítimas é projetado e pronunciado constantemente. Por fim, chega-se à exibição de todos os locais de extermínio.

O Memorial é uma referência fundamental para este projeto, tanto em sua execução quanto em seu conceito.

Em termos de execução, a utilização de um iPod como áudio-guia complementa e adiciona camadas de informação à exposição.

Em termos conceituais, o elemento das lápides, sempre presente como módulo construtor, é usado em cada sala de um modo diferente, conferindo consistência visual à exposição.



áudio guia da exposição



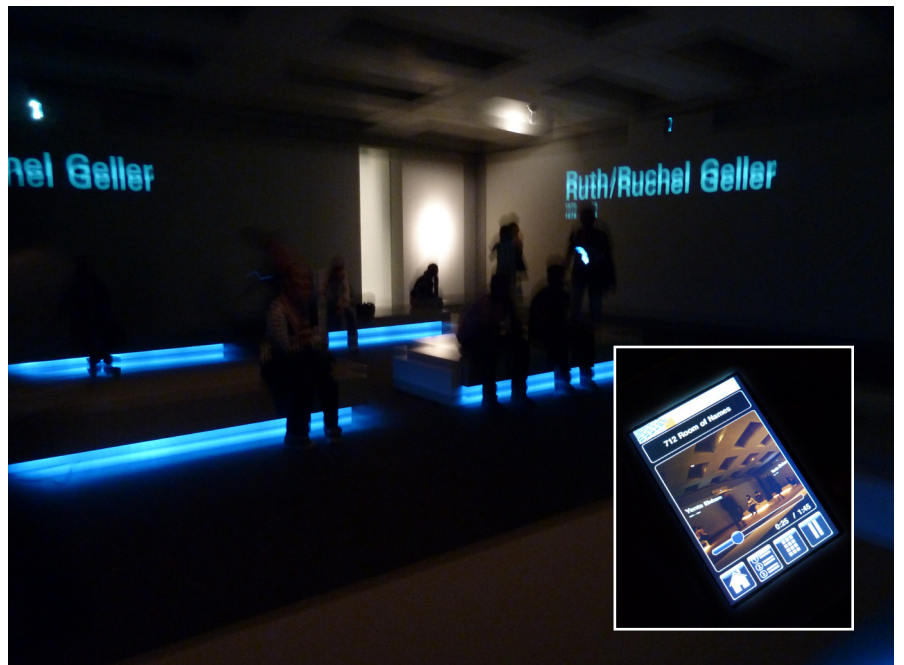
grande linha do tempo da
ii guerra mundial
holocaust memorial



Holocaust Memorial, Berlim

sala das dimensões

cartas escritas durante a guerra
retro iluminadas no chão



sala dos nomes

o nome de cada vítima do holocausto é pronunciado



sala das famílias

a história de 15 famílias

Jewish Museum, Berlim, Alemanha

O Museu é extenso e abrangente e por isso um pouco cansativo. Mesmo assim, apresenta algumas boas soluções que servem de inspiração para o nosso projeto.

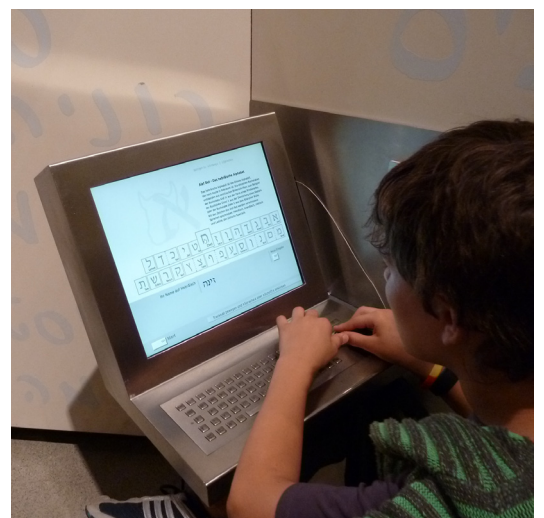
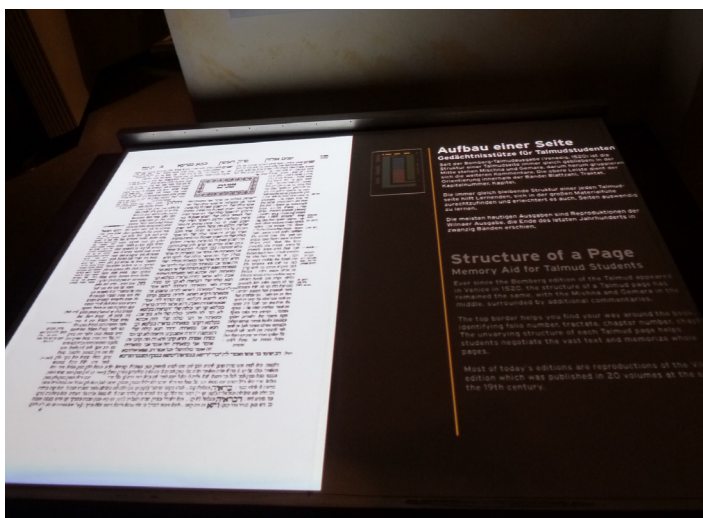
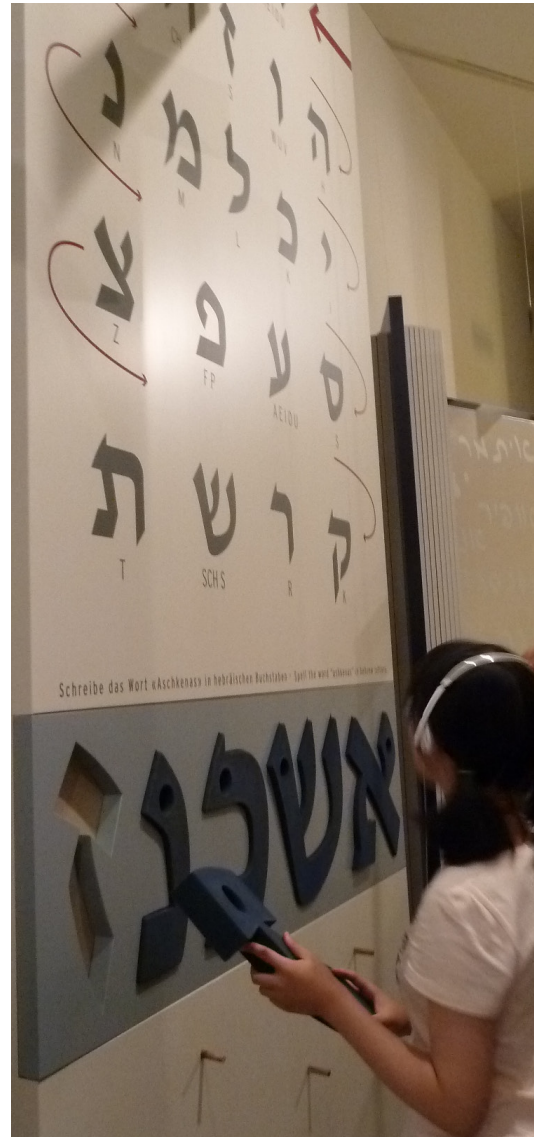
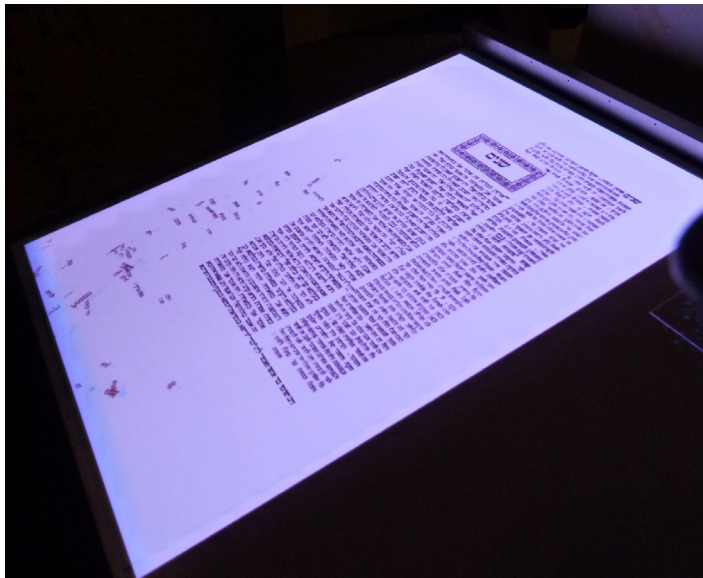
Israel Museum, Jerusalem, Israel

O Museu tem um seção bem montada sobre a vida e arte judaica, dividida em cinco seções: O ritmo da vida: nascimento, casamento e morte; Iluminando as escrituras; Rota das sinagogas: santidade e beleza; Ciclo do ano judaico; Vestimenta e joalheria: questão de identidade.

O Museu não permite tirar fotos, contudo mencionamos esse exemplo como referência de curadoria do conteúdo.

Jewish Museum, Berlim

grande jogo de encaixe do alfabeto hebraico



interface de soprao

a cada 'soprada' adiciona-se camadas de informação à página do talmud

interface para aprender a escrita hebraica



seção sobre as tradições judaicas



detalhe da mesa de shabat

nacionais

Museu do Índio e Museu do Universo, Rio de Janeiro, Brasil

Além disso, escolheu-se também dois exemplos de exposições de longa duração nacionais para análise.

Ambas localizadas no Rio de Janeiro uma no Museu do Índio e outra no Museu do Universo.

A exposição no Museu do Índio foi especialmente relevante como referência para este projeto por alguns motivos:

- > tratar da aproximação do público com uma cultura diferente;
- > conteúdo específico de difícil apreensão;
- > espaço limitado em relação à quantidade de conteúdo;
- > uso de soluções inteligentes de custo relativamente baixo.



vista do segundo andar para
a exposição permanente
Museu do Universo



Museu do Índio



outras referências

Além desses cinco exemplos, três exposições projetadas pelo escritório BaseDesign serviram como referência para esta proposta.

La Sed Exhibition, Expo Zaragoza, Espanha

Visão Geral do Projeto

Baseado no tema da exposição de Água e Desenvolvimento Sustentável, projetar a identidade do Pavilhão Sede.

Solução

“Para mostrar a importância da água no nosso mundo, nós criamos uma rede ilustrada de raízes invisíveis e as ramificações visíveis de sede. O foco da exposição foi em quatro instalações audiovisuais imersivas que apresentam a sede, tanto sob uma perspectiva negativa como catalisadora para o progresso.”

Martin Azúa / XIA, designer de exposições



Climatic Change Exhibition, Obra Social Caixa Catalunya, Espanha

Visão Geral do Projeto

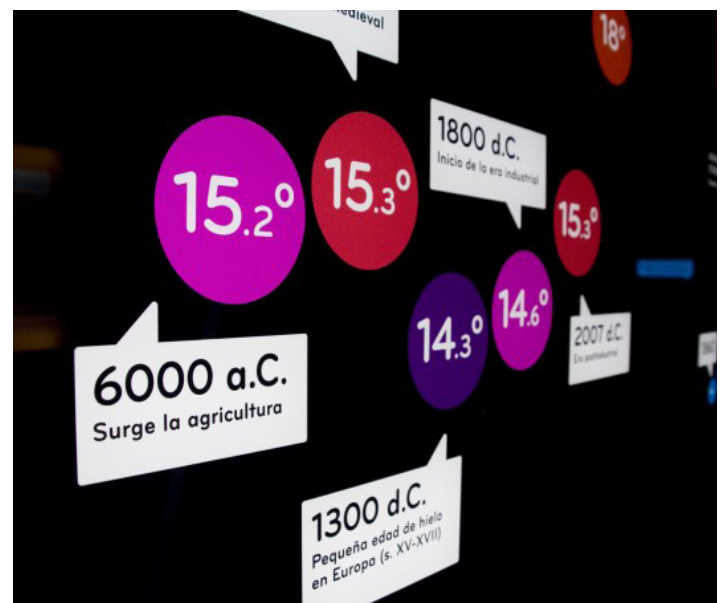
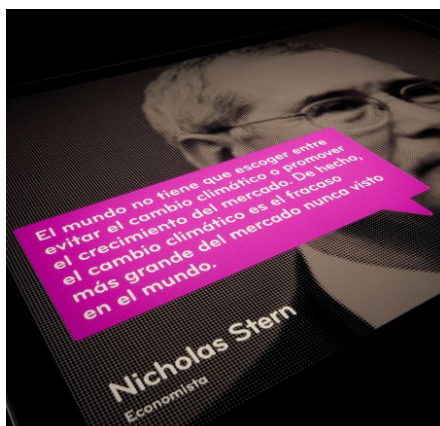
Exposição abordando alterações climáticas e outras disfunções ambientais.

Solução

“Criamos a parte gráfica da exposição em balões de texto de perguntas e respostas, para apresentar a informação de uma forma que traz os visitantes para a exposição como participantes.

Guri-Casajuana, arquitetos

Ramon Folch, curador



Habitar el M6n Exhibition, Forum 2004, Espanha

Vis6o Geral do Projeto

Identidade para uma das quatro exposi66es principais da conven66o "Habitar el Mon" ("habitar o mundo").

Solu666o

Dirigindo-se aos temas da exposi666o em tr66s n66veis - mundo, cidade, pessoas, criamos imagens a partir de pontos de tr66s tamanhos diferentes. A BaseLab projetou uma fonte correspondente a uma matriz de pontos e criou um programa para converter qualquer imagem em uma s66rie de pixels redondos.



3.2 definição preliminar de conteúdo

panorama de fatos fundamentais do judaísmo

A exposição pretende focar/privilegiar no aspecto vibrante/vivo da cultura judaica trazendo uma tradição de mais de 4 mil anos para uma perspectiva atual, tentando evitar imprimir a carga pesada das perseguições sofridas ao longo dos tempos.

Elencou-se três fontes confiáveis de conteúdo resumido e compreensivo das principais tradições do Judaísmo.

São eles os sites <askmoses.com> e <chabad.org>, e o livro “Fatos fundamentais do Judaísmo!”

organização e análise

Para organizar e ordenar o conteúdo geral da exposição, respeitando a ênfase mencionada acima, fez-se um cruzamento entre três fontes com dois conceitos em perspectiva:

conceitos

a) A unidade de tempo.

A passagem de tempo é um fenômeno cotidiano vivenciado por todos os indivíduos independente de sua origem ou credo.

É um fio condutor familiar para facilitar a aproximação com um conteúdo estrangeiro.

b) Objetos rituais

Encontrou-se nos objetos uma maneira neutra e tangível de transmissão desse conteúdo.

Serve como um contraponto ao caráter espiritual do judaísmo trazendo o espectador para o plano material da prática ritual.

Imagina-se que esses objetos criem empatia com o público que terá a possibilidade de se relacionar com eles, que são ora familiares, ora alienígenas.

fontes

a) um elenco preliminar dos objetos rituais

b) o índice do livro “Fatos fundamentais do Judaísmo!”

c) o índice do “Kitzur Shulchan Aruch” o código de leis judaicas universal.

Preliminarmente, procurou-se encontrar os objetos nas quinze seções do livro. Porém, percebeu-se a necessidade de reordenar estas seções.

A resposta para a esta reordenação de maneira interessante ao espectador foi encontrada na assiduidade das práticas rituais.

Foca-se na vida cotidiana e nos diferentes ciclos e escalas de passagem de tempo, que consiste em algo comum a todos os sujeitos.

Assim, o conteúdo estará dividido em seis seções principais, com subdivisões dentro das mesmas.

As seis seções foram, portanto, organizadas por unidades de tempo:

O dia [24 horas]
 A semana [7 dias]
 O mês [4 semanas]
 O ano [12 meses]
 A vida [120 anos]
 A história [5770 anos]

Além disso, existem quatro seções satélites que seriam uma introdução a conceitos gerais do Judaísmo.

São elas:

O Alef Beit
 Povo do Livro
 Questão de fé
 Ética, moral e valores

ver anexo I

listagem completa dos sub-itens das seções

**planilha excel para
cruzamento de informações**

B'h	categoria	frequencia	ocasião	conteudo ffj
Objetos Rituais Judaicos				
Faca de Mohel	utensilio	esporadico	brit mila	chap 10
Mezuzah	objeto	diário	casa	chap 9
Hamsa	objeto	semanal	casa	
Anel	utensilio	esporadico	casamento	ch 10
Chuppah	utensilio	esporadico	casamento	ch 10
Mikvah	construcao	diário	casamento	ch 10
Ketuba	documento	esporadico	casamento	ch 10
Chanukiah	objeto	esporadico	channukah	ch 7
Dreidl	objeto	esporadico	channukah	ch 7
Mechitzah	construcao	esporadico	eventos	ch 2
Vela de Yortzeit	objeto	esporadico	falecimento	ch 10
Besamin	alimento	semanal	havdallah	ch 6
Vela de Havdallah	objeto	semanal	havdallah	ch 6
Panelas diferentes leite e carne	utensilio	diário	kashrut	ch 8
Faca de Schechitá	utensilio	esporadico	kashrut	ch 8
Netilat Yadim	objeto	diário	lavar mãos	ch 11
Keará	objeto	esporadico	pessach	ch 7
Matzah	alimento	esporadico	pessach	ch 7
Copo do Elyahu	utensilio	esporadico	pessach	ch 7
Meguilá	documento	esporadico	purim	ch 7
Reco Reco	objeto	esporadico	purim	ch 7
Tefillin	vestimenta	diário	reza	ch 5, 9
Chapéu	vestimenta	diário	reza	ch 5
Livro de Rezas	documento	diário	reza	ch 5
Gartl	vestimenta	diário	reza	ch 5
Talit	vestimenta	diário	reza	ch 5, 9
Shofar	objeto	esporadico	rosh hashanah	ch 7
Mayim Acharonim	objeto	diário	shabbat	ch 6
Copo de Kidush	objeto	semanal	shabbat	ch 6
Velas de Shabbat	objeto	semanal	shabbat	ch 6
Tábua de Chalá	objeto	semanal	shabbat	ch 6
Coertura de Chalá	objeto	semanal	shabbat	ch 6
Vinho	alimento	semanal	shabbat	ch 6
Chalah	alimento	semanal	shabbat	ch 6
Lulav Esrog	alimento	esporadico	sukkot	ch 7
Sukkah	construcao	esporadico	sukot	ch 7
Banco Baixo	utensilio	esporadico	tisha be av	ch 7

3.3 Local

Pesquisa

Foram cogitados, preliminarmente, quatro locais para pesquisar a possibilidade de implementação do projeto:

Armazém do Cais do Porto, Praça Antero de Quental, Museu Judaico do Rio de Janeiro e uma casa abandonada.

primeiro local

Desta lista, elegeu-se primeiramente o Armazém do Cais do Porto. Porém, a Companhia de Docas, responsável pelo local, exigiu uma série de procedimentos burocráticos para a entrada no local. Além disso, as dimensões do armazém (3 mil m²), pareciam grandes demais o que limitaria a possibilidade de aprofundamento do projeto devido ao tempo hábil de desenvolvimento.

segundo local

O segundo local cogitado para apropriação foi o Museu Judaico do Rio, localizado no Centro carioca, ocupando uma área de 160m² em três salas de um prédio comercial.

A instituição abriu suas portas para visitação, sessão de fotos, medições e disponibilização de plantas.

A reduzida área do local também apresentava um bom desafio para o projeto.

Museu Judaico do Rio de Janeiro



vitrine principal
com a coleção de chanukiot



vista em perspectiva pela
entrada do museu

vista do armazém



terceiro local

No entanto, a partir de uma sugestão, abandonou-se a ideia de usar o espaço do Museu Judaico e o Grande Templo Israelita foi o terceiro local a ser cogitado e escolhido definitivamente.

Análise e mapeamento

Essa nova escolha foi fundamental para o encaminhamento do projeto, inclusive dotando-o de significados e enriquecendo a proposta inicial.

**Sinagoga Grande Templo Israelita
do Rio de Janeiro**



Sobre O Grande Templo

“O Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi a primeira edificação projetada e construída no Rio de Janeiro, então capital do país, especificamente destinada a ser um templo judaico, uma Sinagoga. O projeto, de 1928, foi elaborado pelo arquiteto italiano não-judeu, Mario Vodret, que venceu um concurso organizado pela coletividade judaica da cidade. Mario Vodret, autor de diversas obras, igualmente tombadas, foi trazido ao Brasil pela cantora lírica italiana, Gabriela Bezanzoni, casada com o grande industrial Henrique Lage e seu propósito era projetar o que veio a ser o Parque Lage. Explica-se, assim, o porque do Grande Templo, embora construído por uma comunidade preponderantemente oriunda da Europa Central, os Askenazim, tenha traços que remetem à cultura dos judeus do Mediterrâneo, os Sefaradim. Segundo consta, o arquiteto teria se inspirado na Grande Sinagoga de Trieste e o projeto ainda guarda alguma semelhança com a Grande Sinagoga de Florença. O projeto original foi ainda adaptado pelo arquiteto judeu, igualmente italiano, Guido Levy. Cabe observar a arquitetura, ao mesmo tempo solene e monumental, bem como as pinturas evocativas de cenas bíblicas e o painel de mosaico que emoldura o altar.

A inauguração ocorreu em 1932 e cumpre assinalar que sua localização reflete o fato de que, na ocasião, a maioria da coletividade residia nas proximidades, a Praça Onze.

É digno de honrosa menção o fato da comunidade então ser composta predominantemente por imigrantes muito pobres, em sua maioria recém-chegados, com escassa representatividade social. Entretanto, com donativos que, muitas vezes, limitava-se a poucas moedas, almejaram construir não uma pequena casa de orações, porém, um Templo pujante que encarnasse a perenidade da religião judaica, quando já se formavam as trevas do nazismo, e a esperança que o Brasil simbolizava.

Durante várias décadas, o Grande Templo foi o centro da vida religiosa e social dos judeus do Rio de Janeiro. Aqui estiveram e pregaram os mais distinguidos Rabinos e outras personalidades que visitaram o Rio de Janeiro. As cerimônias religiosas atraíam grande número de judeus de todo o Rio de Janeiro, bem como de outras cidades brasileiras. Da mesma forma, aqui se realizavam os mais importantes casamentos e Bar-Mitzvot, a cerimônia de maioridade religiosa, que os meninos, aos 13 anos, e as meninas, aos 12, performam.

Com o crescimento e a consolidação econômica e social da comunidade, novas Sinagogas foram erigidas e novos locais de residência da maioria resultaram na diminuição de freqüência, porém, não na perda de importância.

Hoje, no Grande Templo são realizadas as principais cerimônias religiosas, tais como o Ano Novo e o Dia do Perdão, o Yom Kippur, assim como continuam os casamentos e Bar-Mitzvot.

Marco da coletividade judaica do Rio de Janeiro, o Grande Templo recebe regularmente a visita de judeus e não-judeus, inclusive grupos de judeus do exterior que tem conhecimento de sua beleza.”

texto veículado pela administração do Templo

O Templo hoje

“Para o recém-eleito presidente da Federação Israelita do Estado Rio de Janeiro (Fierj), Osias Wurman, que foi diretor-tesoureiro do Grande Templo Israelita por 14 anos, “a tendência do Templo é se tornar um espaço que possa ser aproveitado de forma múltipla, principalmente sob o aspecto histórico. Além de uma pequena sinagoga que respeitaria o atual Aron Hakodesh, acredito que o local tem um grande potencial de abrigar uma exposição permanente sobre a história dos judeus do Rio de Janeiro, um museu fotográfico da comunidade e até um museu do Holocausto. Acredito também que o subsolo do Templo possa abrigar o acervo do Museu Judaico, além de um auditório com recursos audiovisuais”.

A própria Federação Israelita ocupava, até o último mês de outubro, o subsolo do Grande Templo. Com o fechamento do Consulado de Israel no Rio, o imóvel em Copacabana foi cedido, em regime de comodato, à Fierj, que já se instalou na ampla cobertura no coração da Av. N. S. de Copacabana, a principal do bairro, que tem uma das maiores concentrações judaicas da cidade.

“Concordo com as palavras do Osias. Por todos os aspectos, o Grande Templo e sua atmosfera ímpar na cidade do Rio de Janeiro será sempre o local das grandes festas religiosas. Com a saída da Federação, concordo que o melhor é sediar o Museu Judaico”, declara Ruy Schneider, presidente do Templo, acrescentando a idéia de um Centro de Pesquisas de Famílias e Descendentes “e outras atividades que hoje configuram o dinamismo de um museu”. Schneider afirma que o fechamento do Templo para atividades regulares foi uma opção estratégica, por questões financeiras e de segurança. “Nos últimos anos, a comunidade sofreu um processo de empobrecimento, sofreu um processo de evasão para São Paulo.”

(publicado em outubro de 2002 na revista Morashá,
por ocasião do aniversário de 70 anos do Templo)

Escolha

A ideia de transformar o Grande Templo em um espaço de cultura e conhecimento não é nova. Dessa maneira, esse desejo da reapropriação do espaço por muitos membros da comunidade judaica carioca, reitera a pertinência desse local para esta proposta.

Em adição a isso, ele oferece espaço mais amplo do que o Museu Judaico, está localizado em um local de melhor acesso do que o Armazém e é um monumento histórico nacional.

Mapeamento

O local foi mapeado em três ocasiões. Essas cartografias foram essenciais para pensar nesse Museu utópico e em uma experiência completa para o público, aproveitando todos os espaços existentes.

Além disso, vislumbrar um projeto abrangente foi importante para dar o enfoque, nesse momento, no desenvolvimento de uma exposição permanente para o subsolo, praticamente independente da Sinagoga em si.

Por alegadas questões da segurança do Templo, as plantas baixas originais não puderam ser disponibilizadas. Assim, fez-se medições do local em quatro visitas, com a maior precisão possível.



três vistas da área do subsolo do Grande Templo

3.4 Suportes / tecnologia

O interesse deste projeto é o de resolver a curadoria do conteúdo, através de uma arquitetura de informação, e a tradução visual do mesmo.

No entanto, pretende-se incorporar certos recursos tecnológicos de acordo com a necessidade expositiva e não de forma gratuita. Por isso, pesquisou-se apenas conceitualmente recursos novos como a realidade aumentada, mesas multitoque e etc, somente para pensar possibilidades de interação do usuário com a informação exposta.

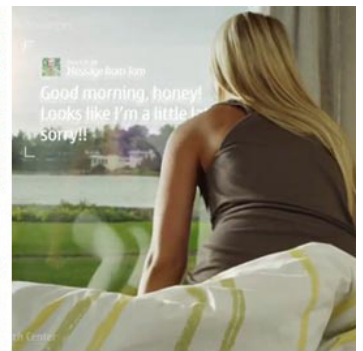
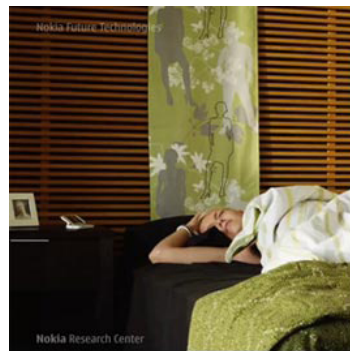
Uma boa referência foi o Nokia Concept, e algumas experiências e sugestões de realidade aumentada para museus.

Museu de Rua

O Museu de Londres está oferecendo para o público aplicativo para iPhone, dando aos visitantes a oportunidade de explorar a história dos locais turísticos mais famosos de Londres usando realidade aumentada.

O Museu de Rua abrange mais de 200 localidades ao redor da cidade.

Quando um usuário visita um desses locais, o aplicativo sobrepõe uma visão histórica do marco a um ponto de vista atual através do visor da câmera do telefone.



Nokia Concept

cotidiano em realidade aumentada



Museu de Rua

visão dos usuários quando se utiliza o street museum fora do palácio de buckingham

Arte de realidade aumentada invade o MoMA

por Julia Kaganskiy | 4 outubro, 2010

No sábado, 9 de outubro, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, será o espaço de uma exposição de arte de realidade aumentada. Visitantes com Android ou dispositivos iPhone serão capazes de admirar uma exibição não-oficial - com ou sem a permissão do museu.

Segundo a revista Wired:

O show não será visível para os visitantes regulares do MoMA, mas aqueles que usam um aplicativo smartphone chamado “navegador Layar de realidade aumentada” e será capaz de ver obras complementares em cada um dos andares, e colocar suas próprias adições usando uma técnica de realidade aumentada baseada em localização.

Segundo os curadores:

Realidade Aumentada (RA) é o fenômeno da adição de elementos virtuais em nossa realidade física. Essas adições são visíveis apontando o seu smartphone contemporâneo para o mundo ao seu redor. O telefone sabe onde você está (por causa do GPS) e com esses dados se conecta à Internet para obter imagens relevantes, formas 3D e colocá-los à sua maneira.

A tecnologia “RA” permite a qualquer um (re) fazer qualquer forma, em qualquer lugar!

A exposição temporária vai durar apenas algumas horas (e, possivelmente, menos ainda, considerando que o projeto não é tolerado pelo MoMA em si, e quem vai dizer como eles vão reagir à ‘invasão’?). Qualquer um equipado com um telefone iPhone ou Android (...), aplicativo Layar, e um mapa das obras espalhadas entre as galerias, exposições e jardins do MoMA poderá ver a exposição escondida.



realidade aumentada no MoMA, NY



Museu Allard Pierson

Museu Allard Pierson

Os visitantes do Museu Allard Pierson vão começar a participar de uma exposição que mostra a Roma antiga através da realidade aumentada.

Em “Um futuro para o passado”, um iMac giratório sobrepõe edifícios e texto em dois grandes quadros/murais. Truques como esse não são novidade para a publicidade, mas raramente temos observado os princípios da realidade aumentada intervindo em espaços públicos.

[Museu Allard Pierson via Engadget]

<http://gizmodo.com/5210015/museum-exhibit-explores-rome-through-imacs-and-augmented-reality>

A incorporação dessas soluções “de ponta” se dá a partir da percepção da densidade do conteúdo vs. espaço disponível.

Seriam utilizadas como ferramentas de busca, adição de camadas de informação e interação com outros usuários.

4. O Projeto

4. O PROJETO

4.1 conceituação e definições

Objetivou-se uma curadoria que criasse um eixo de aproximação com o público por meio de um fio condutor universal: as unidades de passagem de tempo.

Pretendeu-se traduzir visualmente vários conceitos do judaísmo nos dez módulos expográficos, além de, usar a riqueza arquitetônica do Templo como fonte de inspiração para os elementos que compõem a exposição.

Seções da exposição

O Alef Beit

Questão de fé

Povo do Livro

Ética, moral e valores

O dia	[24 horas]
A semana	[7 dias]
O mês	[4 semanas]
O ano	[12 meses]
A vida	[120 anos]
A História	[5770 anos]

Organização do espaço

Identificamos uma grande necessidade de que o conteúdo fosse estruturado de maneira que, conceitualmente, já anunciasse as possibilidades de materialização do mesmo. Encontramos essa articulação no próprio judaísmo: a "árvore da vida".

Árvore da vida

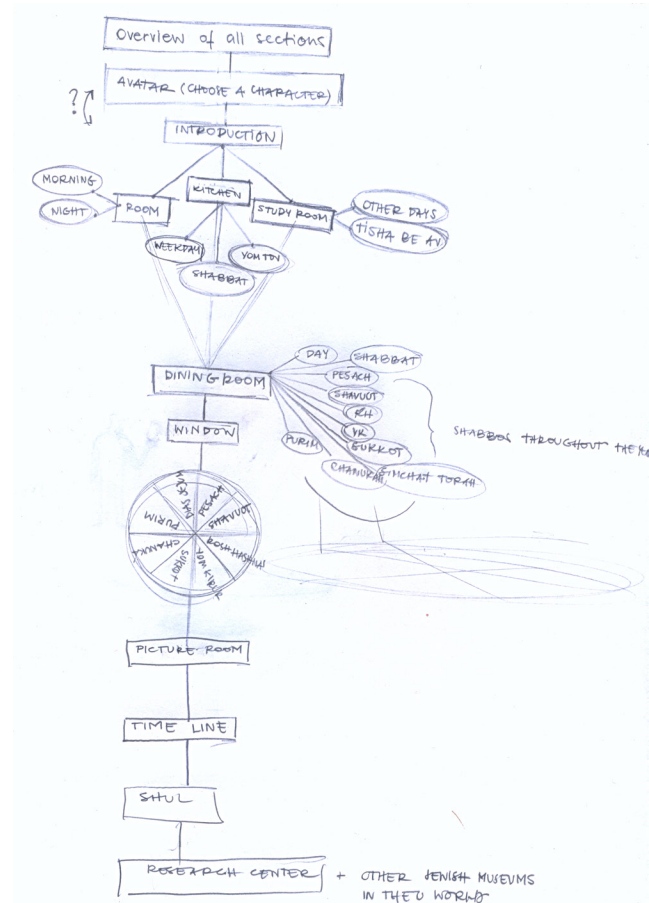
A "árvore da vida" é o que o chassidismo chama de *blueprint* da criação, não só do mundo, mas de qualquer processo criativo.

Conseguiu-se criar um paralelo entre essa estrutura e o conteúdo curado para a exposição.

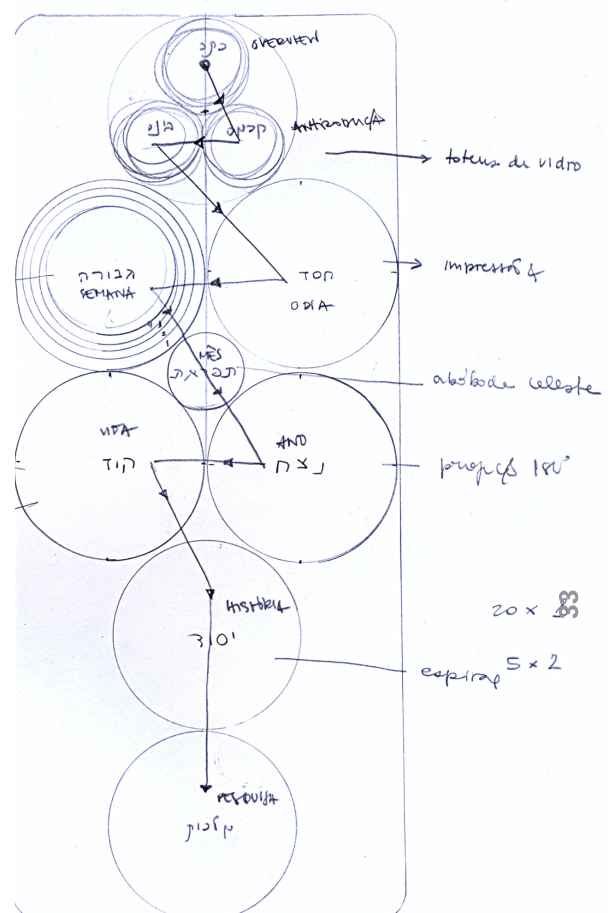
A árvore tem 10 atributos que são divididos em dois grupos: 3 intelectuais e 7 emocionais.

Os pontos de partida e de chegada são separados e especiais, e comparados ao sêmen que contém o DNA e o útero que é o receptor da criação.

Da mesma maneira, a exposição começa pelos fundamentos da religião judaica com as seções "Alef Beit", "Questão de fé" e "Povo do Livro", dando ao espectador algumas ferramentas para a compreensão do judaísmo e da própria exposição.



primeiros esboços para organizar o conteúdo



Continua com as seis sessões que constituem o aspecto emocional da experiência e representam o principal eixo de aproximação com o público - a experiência da passagem de tempo.

Por fim, a sessão "Ética, moral e valores" - comparada ao receptáculo da árvore - mostra que todos os valores e tradições exibidos são validados quando colocados em ações transformadoras da conduta intrapessoal do sujeito e interpessoal para com a sociedade.

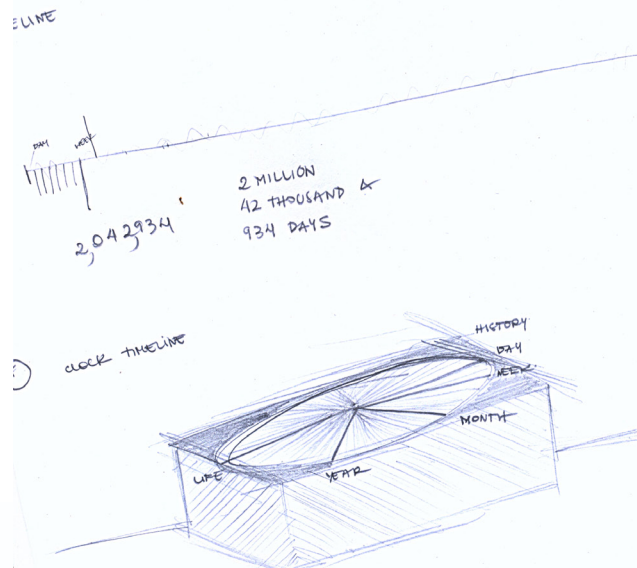
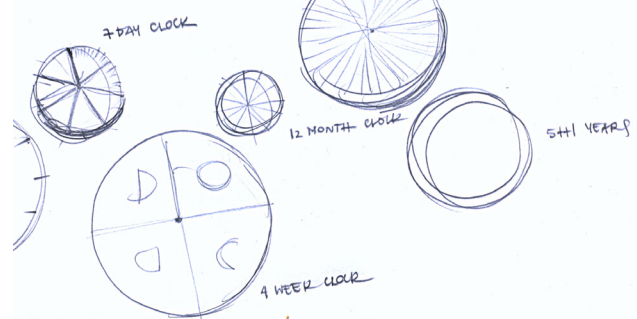
Suportes expográficos

Além dessa estrutura que define a organização do espaço na planta baixa, sentiu-se falta de mais um elemento que costurasse todas as seções através de um fio visual semântico.

Procurou-se um retângulo base como no projeto do Holocaust Memorial.

O círculo foi a forma de representação encontrada para transmitir o caráter cíclico do tempo, viés importante na curadoria do conteúdo.

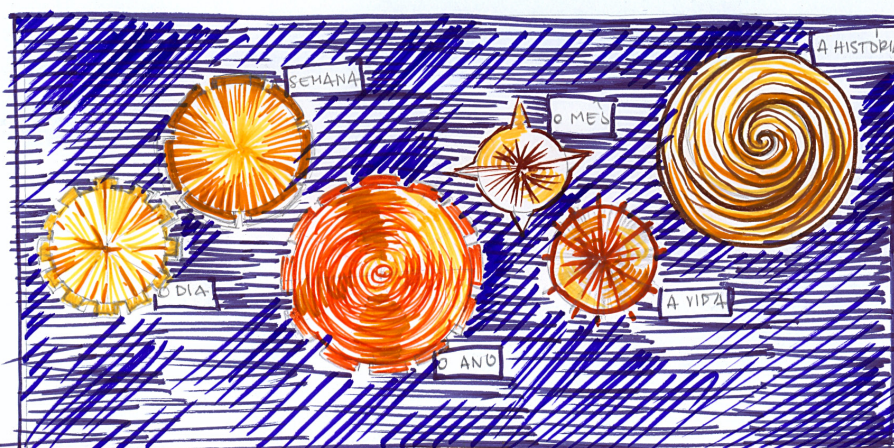
Em adição a isso, a própria arquitetura do templo incorpora este elemento em vários momentos.



ABERTURA

Paralelo com 6 relógios com as diferentes unidades de tempo

tentativas de representar as seis unidades de tempo



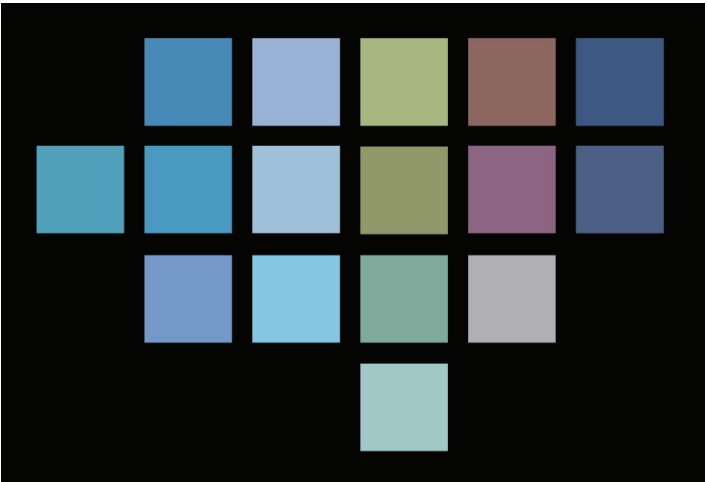
Elementos visuais

Cartela de cores e elementos gráficos

Na mesma direção das decisões anteriores, a escolha da cartela de cores e elementos gráficos foram baseadas em aspectos da própria arquitetura do Templo.

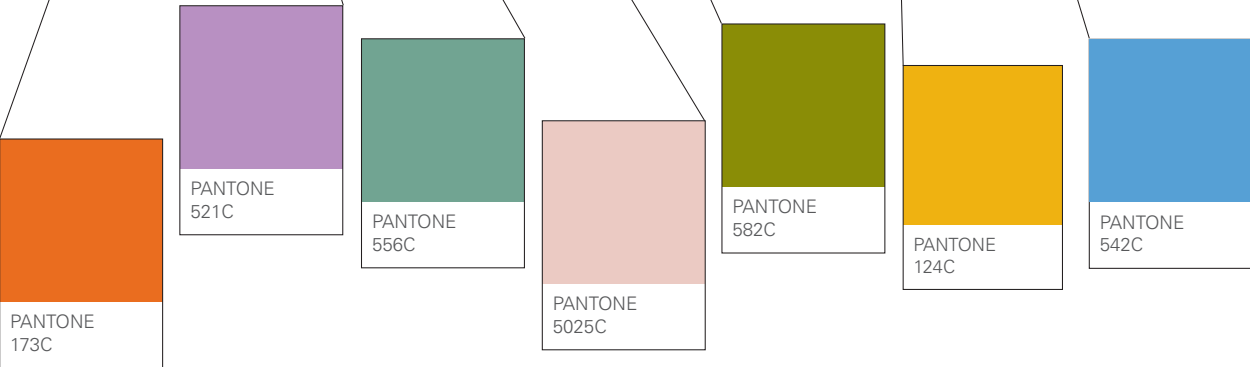
A Sinagoga oferece uma cartela cromática interessante, já composta, que poderia ser utilizada neste momento.

Assim, foram ‘pinçadas’ oito cores iniciais do mosaico que emoldura o altar do salão principal, essas cores-base foram ajustadas e aplicadas às seções da exposição, sob três critérios:



primeiro teste de pinçar cor

cores ajustadas



- a) indicação de cores na literatura cabalística;
- b) semântica de cada seção;
- c) ordenação visualmente harmônica

Esse código cromático passou a caracterizar as seções para ajudar ainda mais no entendimento do conteúdo e curadoria do mesmo.



o dia
abençoado seja

O amarelo traz um significado de luz solar.



a semana
uma ilha no tempo

Esta cor traduz a sensação das águas do mar.



o mês
o ciclo da lua

Este lilás remete à luz lunar tendendo para a frieza do prateado.



o ano
as festividades

Este laranja traz uma caráter vibrante e ativo associado ao ciclo do ano.



a vida
o livro da vida

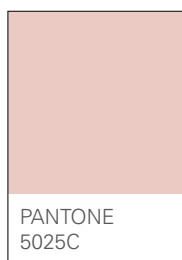
Este verde, é talvez o tom mais sóbrio da palheta para indicar a perenidade dos marcos da vida, que são, talvez os mais praticados entre os judeus.



a história
6000 anos em 30 metros

O azul quase sempre caracteriza a nação judaica, fazendo parte da bandeira nacional de Israel.

A escolha pareceu apropriada para esta seção que é a mais abrangente de todas.



questão de fé;
o alef beit;
povo do livro;
ética, moral e valores.

Estas seções têm o mesmo tratamento e precisava-se de um tom neutro tendendo a um cinza quente- esta então foi a escolha.

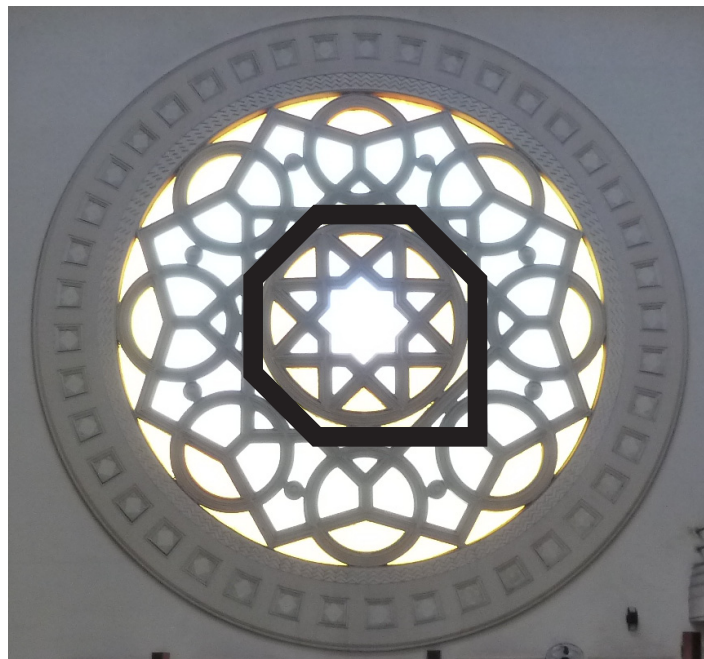
Os elementos gráficos foram apropriados da estrutura dos enormes vitrais das duas laterais do Templo.

“O balão de fala”

Um dos requisitos importantes para o projeto é que o conteúdo fosse claro e objetivo.

Com referência na exposição Climatic Change, projetada pela Base Design, pensamos em desenvolver um balão de fala ou tag para conter conteúdo condensado e dividido em parágrafos curtos, sob a forma de chamadas, organizado e claro para o entendimento do público.

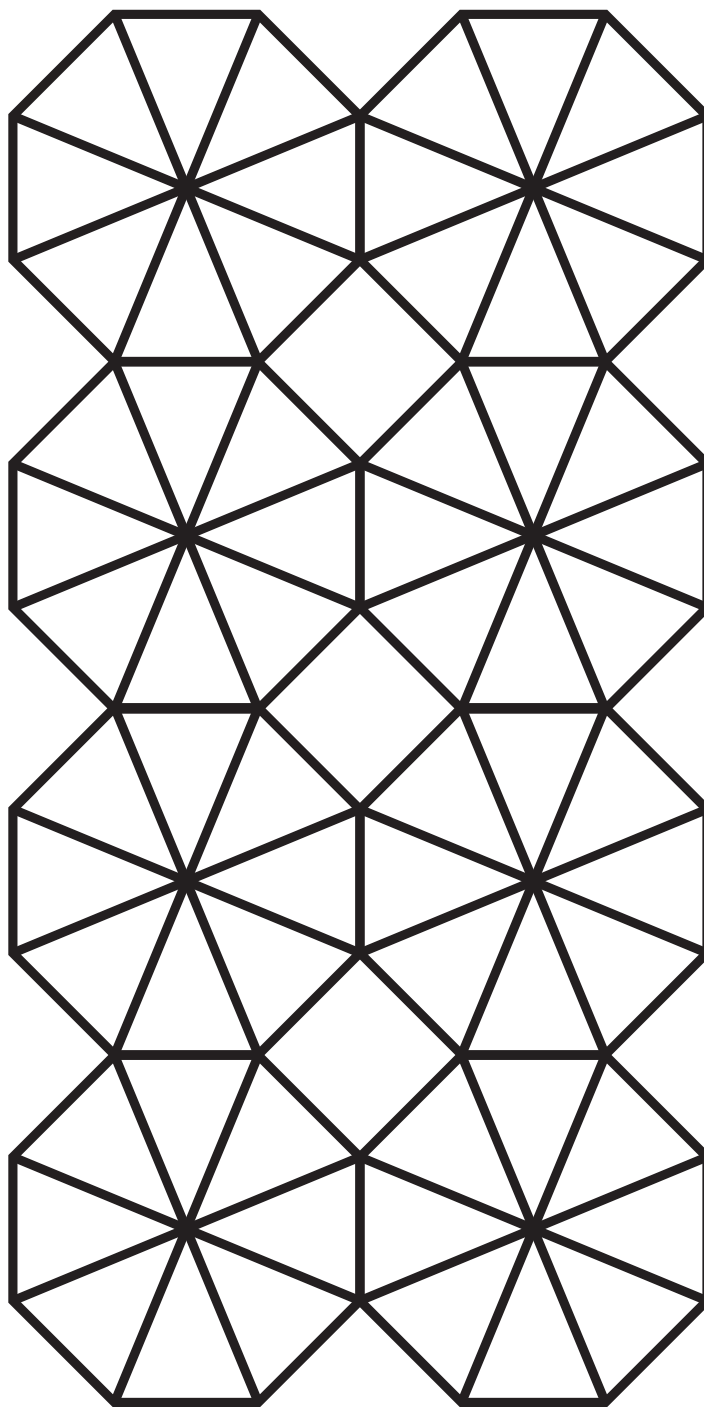
Desse modo, adaptamos a figura do balão de fala à estrutura octogonal presente no vitral.



vitral do Templo

Padrão octogonal

Além do balão de fala, um padrão também foi derivado do vitral para constituir a identidade do museu. Assim, as partes externas e internas da exposição têm pontos em comum.



Program *committee*

TheSans ExtraLight and ExtraLight Italic

Program *committee*

TheSans Light and Light Italic

Program *committee*

TheSans SemiLight and SemiLight Italic

Program *committee*

TheSans Plain and Plain Italic

Program *committee*

TheSans SemiBold and SemiBold Italic

Program *committee*

TheSans Bold and Bold Italic

Program *committee*

TheSans ExtraBold and ExtraBold Italic

Program *committee*

TheSans Black and Black Italic

Limerick *discussion*

TheSerif ExtraLight and ExtraLight Italic

Limerick *discussion*

TheSerif Light and Light Italic

Limerick *discussion*

TheSerif SemiLight and SemiLight Italic

Limerick *discussion*

TheSerif Plain and Plain Italic

Limerick *discussion*

TheSerif SemiBold and SemiBold Italic

Limerick *discussion*

TheSerif Bold and Bold Italic

Limerick *discussion*

TheSerif ExtraBold and ExtraBold Italic

Limerick *discussion*

TheSerif Black and Black Italic

Escolha tipográfica

A família de fontes precisava ser flexível e traduzir o contraponto da contemporaneidade do projeto e perenidade do conteúdo.

Escolheu-se a família Thesis Sans e Serif, desenhada por Lucas de Groot, em 1994. A escolha foi baseada na versatilidade de aplicações da fonte em um projeto de alta complexidade.

Sobre a fonte Thesis

TheSans e TheSerif fazem parte da superfamília Thesis que Luc(as) de Groot publicou pela primeira vez em 1994.

TheSans é uma fonte de baixo contraste - ou seja, as diferenças entre os traços finos e grossos não são muito pronunciadas. No entanto, a referência de escrever com uma caneta de ponta grossa ainda está presente, dando as letras uma ênfase diagonal e um fluxo direto que facilita a leitura. As formas romanas tendem a ter algumas características de uma construção em itálico ou manuscrito. No entanto, os caracteres itálicos são muito distintos: eles não foram obtidos a partir da inclinação, mas foram concebidos individualmente, para complementar perfeitamente as formas romanas.

(adaptado de texto veiculado
no website www.lucasfonts.com)

Fonte hebraica

Além disso, a exposição também inclui a escrita hebraica, que tem suas peculiaridades próprias. Buscamos uma fonte que fosse o mais clássica e menos estilizada possível.

A fonte a ser utilizada no projeto é a New Peninim Bold.
(não identificamos o autor da fonte até o presente momento)

Parte externa

Apesar do foco principal do projeto ser o desenvolvimento da exposição permanente no subsolo da Sinagoga, pensou-se também na experiência do público desde sua chegada no local.

Uma das razões para que isso seja fundamental ao projeto é o fato de que este espaço deve ser convidativo desde sua entrada. Consideramos que os muros que normalmente cercam as instituições devem dar lugar a um espaço planejado mais aberto e transparente.

Os componentes planejados foram:
entrada externa;
corredor de acesso;
bilheteria e mesa de informação;
guarda volumes;
saída; e
acesso aos portadores de deficiência.

שפמן טארק
חדל חי עכגד
עת צמנה בסז

New Peninim Bold

4.2 Desenvolvimento do projeto

Organização do espaço

O primeiro balizador para a organização do espaço foi a metragem quadrada da sala - um retângulo de aproximadamente 26 x 18 m², que no início parecia insuficiente para abrigar uma exposição sobre a Vida Judaica, tema tão vasto e complexo.

Esse dado conduziu a ideia de cada seção ser como um portal para o assunto tratado.

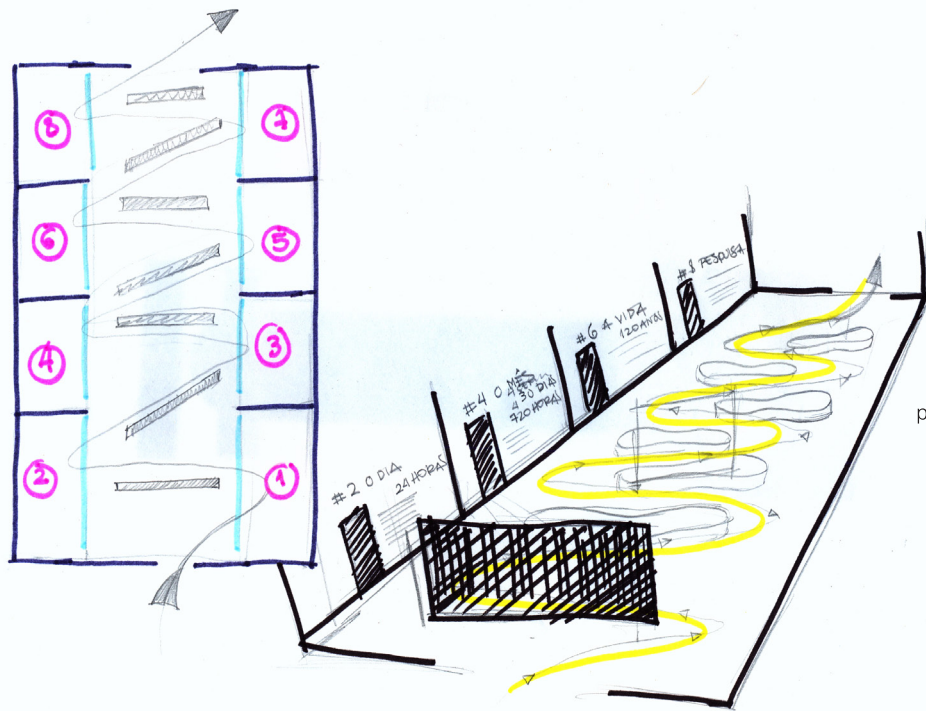
Nesse ponto, o uso da tecnologia se faz necessário para criarmos camadas virtuais no ambiente real. O uso de um áudio guia interativo seria a principal maneira de realizar isso. Algumas das seções também têm incorporadas em si locais de interatividade, ora mecânica, ora virtual.

O segundo desafio foi aproveitar as colunas pré-existentes de maneira a incorporá-las no projeto. Algumas serviram de suporte para sustentar as seções, outras se tornaram suporte para bancos e o restante permaneceu como coluna.

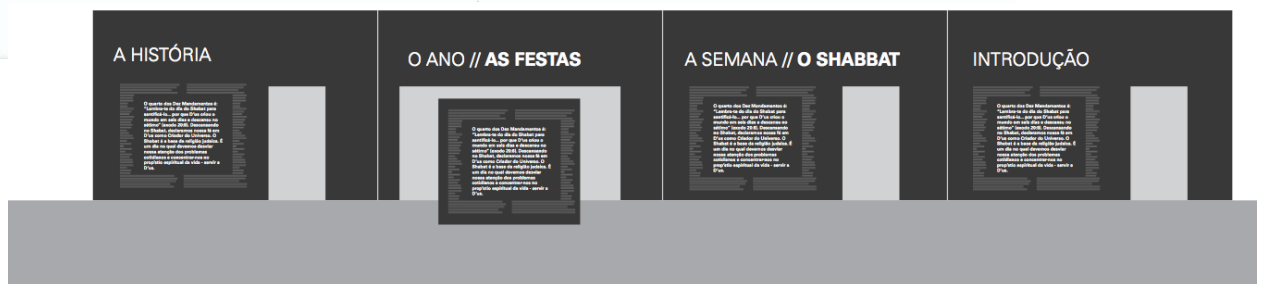
Já existem banheiros bem equipados, tanto masculino quanto feminino com três cabines cada. Assim, mantivemos como está.

No Templo há vários espaços, salas, saletas e quartos que poderiam servir de locais administrativos ou reserva técnica. Contudo, isso não foi planejado neste projeto.

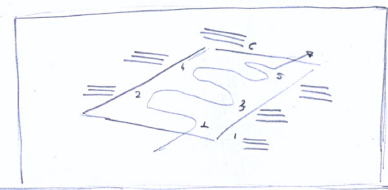
Por fim, tivemos a preocupação de respeitar, onde necessário, a distância mínima de 90cm para a maioria das passagens inter e intra seções.



primeira organização em 'zigue-zague'



A



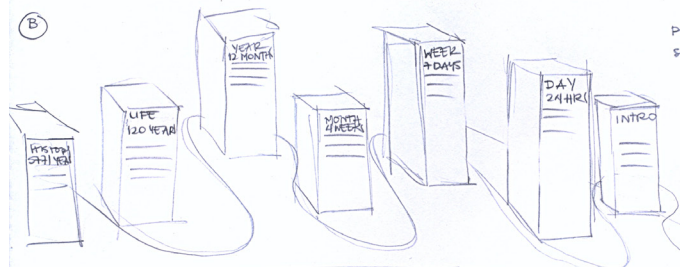
backlight wall
with floor plan
and table of contents

- CHOOSE AVATAR

- CHOOSE YOUR TRACK
• SHABBAT DAY
• LIFETIME
• WHOLE EXHIBITION
• 10 HIGHLIGHTS

esboços para pensar o 'overview'
da exposição

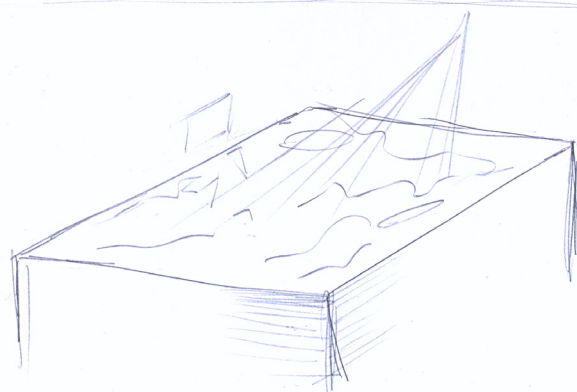
B



pillars on the
section

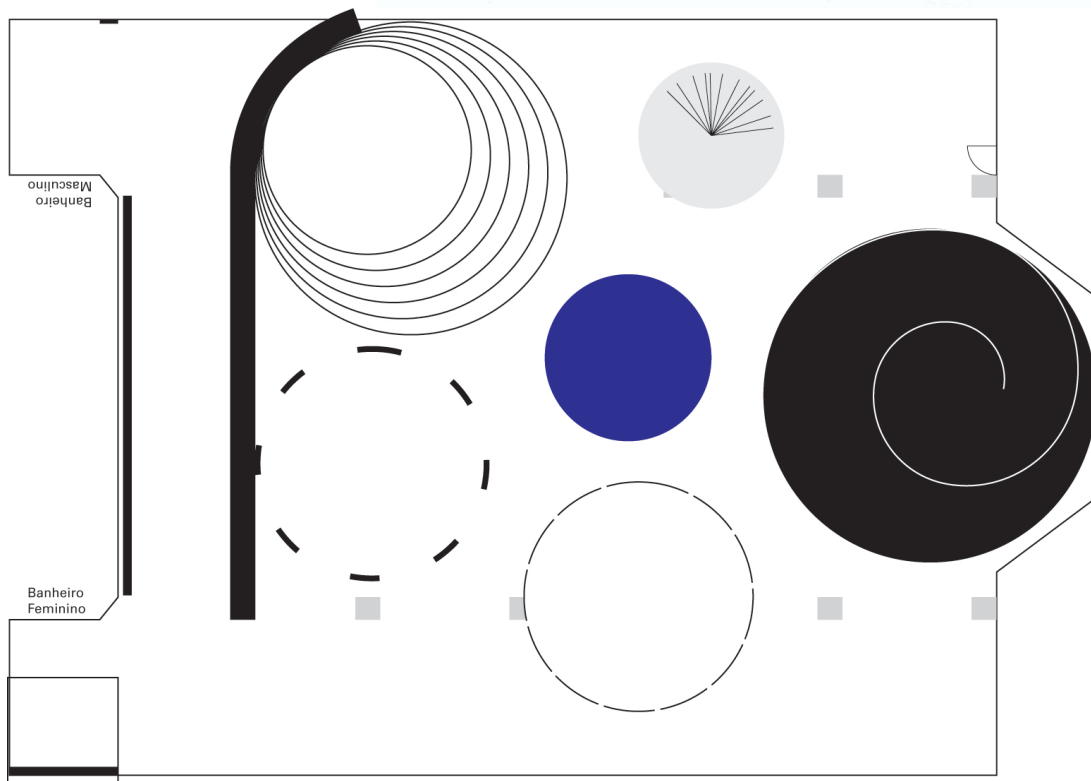
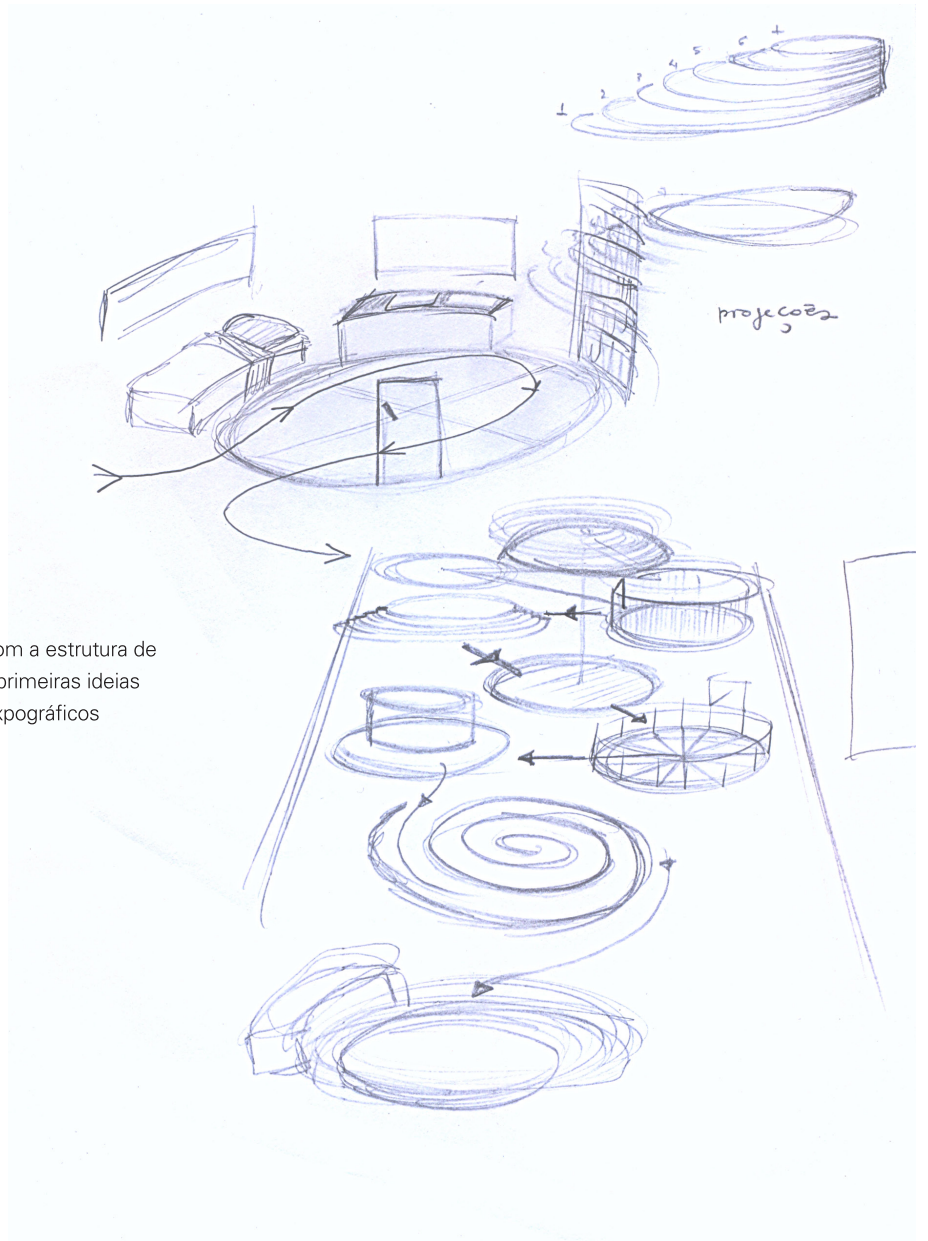
41

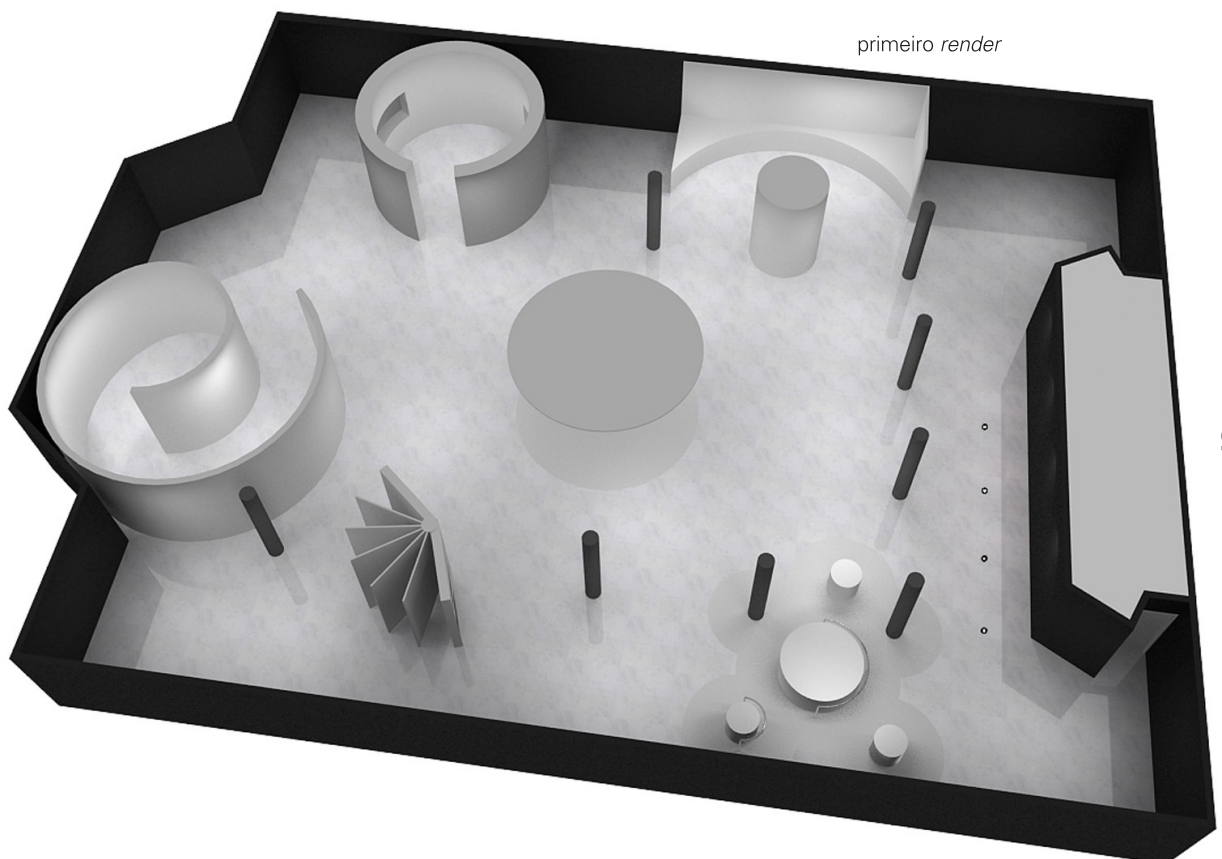
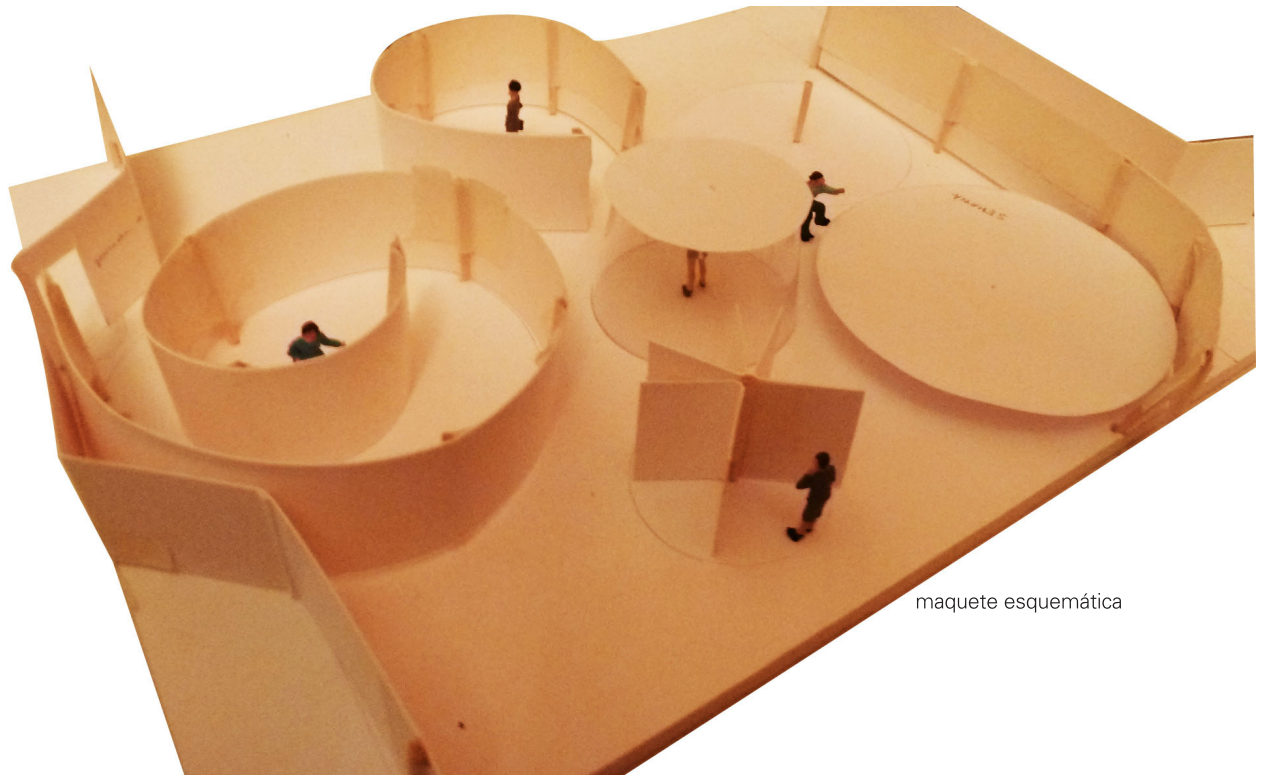
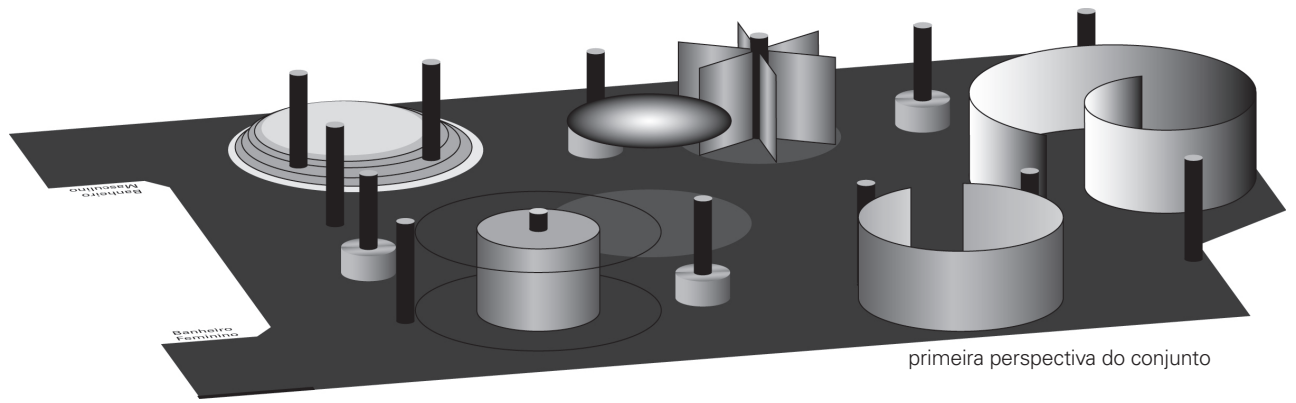
C

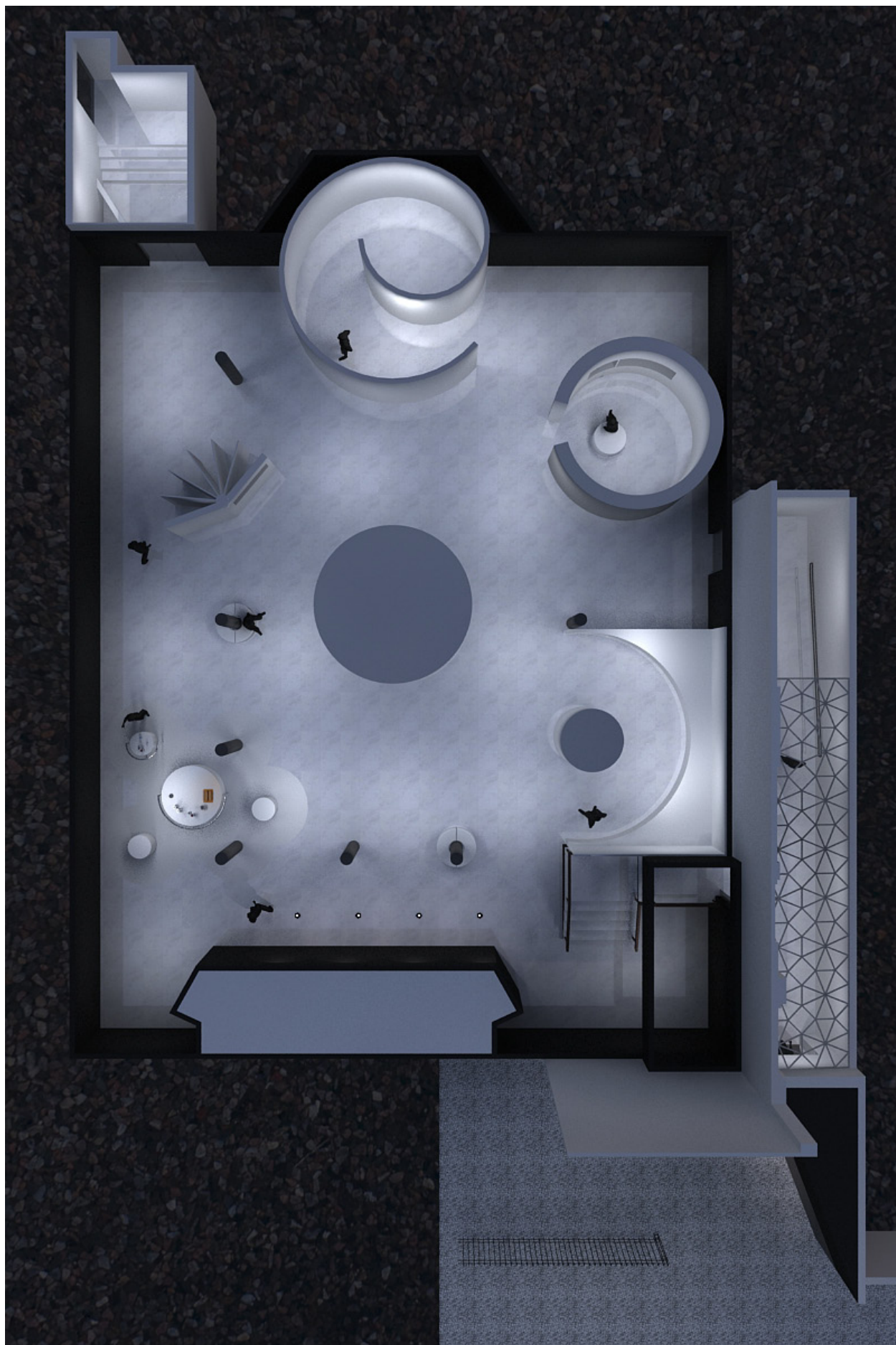


3D model of the exhibition
lights on the
different tracks

esboços iniciais com a estrutura de "árvore" da vida e primeiras ideias para os suportes expográficos







vista geral com todos os ambientes projetados, inclusive a parte externa

espaço interno
vista aérea 01



espaço interno
vista aérea 02



Elementos visuais aplicados

Criamos um padrão para os títulos das seções “intelectuais” e outro para as seções “emocionais”. Eles foram aplicados com o mesmo tamanho em todas as seções com exceção do “Livro da vida” - em que as proporções foram respeitadas. Os caracteres em hebraico aparecem somente nas seções intelectuais e funcionam muitas vezes como sinalização para a seção com uma massa de cor que invade parede, chão ou teto.

x
x
2x
2x
x

A SEMANA

UMA ILHA NO TEMPO

the week an island in time

השבוע

5x

איי בזמן

10x

padrão tipográfico para os títulos da exposição

TheSans light > a semana / the week

TheSans bold > uma ilha no tempo / an island in time

New Peninim bold > hebraico (hashavua / hi b'zman)

Os “octógonos” foram utilizados em quatro direções e em três tamanhos diferentes 54, 36 e 18 centímetros. O primeiro é utilizado para introduções ou seções em que o mesmo está distante do leitor, como é o caso da seção “Mês” em que ele está colocado no chão. Os intermediários são usados normalmente para outros textos de parede e os menores para legendas ou textos lidos de muito perto.

primeira aplicação de texto
no octógono



padrão final

notar as tiras coloridas, espaço para
criar referências a outras seções para
criar uma malha de informação e
indicação do audio guia

O MÊS



O ciclo da Lua

O calendário judaico é baseado nos ciclos lunares. No começo do ciclo da Lua, ela aparece como um quarto crescente. Esse é o sinal para um novo mês judaico. Saber exatamente quando o mês começa sempre foi importante na prática judaica, porque a Torá estabelece as festas judaicas de acordo com os dias do mês.

O DIA ► BENÇÃOS ► FENÔMENOS NATURAIS
A SEMANA ► O TÉRMINO DO SHABAT

Construção do octógono

Construímos três octógonos, de 18, 36 e 54cm.

Abaixo encontra-se a construção do octógono de 18 cm em escala 1:1.

Padrões

18 cm > a = 21.5 / 24pt | b = 36 / 43.75pt | c = 21 / 29pt

36 cm > a = 36 / 43.75pt | b = 71 / 87.5pt | c = 43.5 / 58pt

54 cm > a = 65 / 81pt | b = 108 / 132pt | c = 64 / 86.5pt

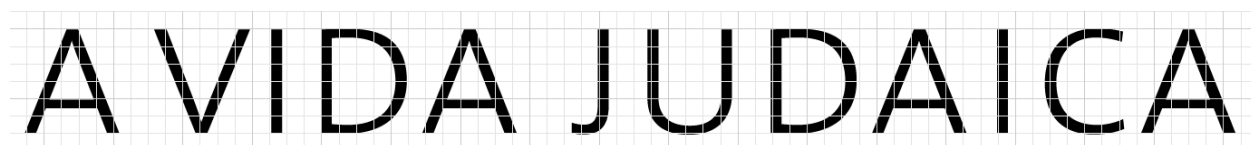
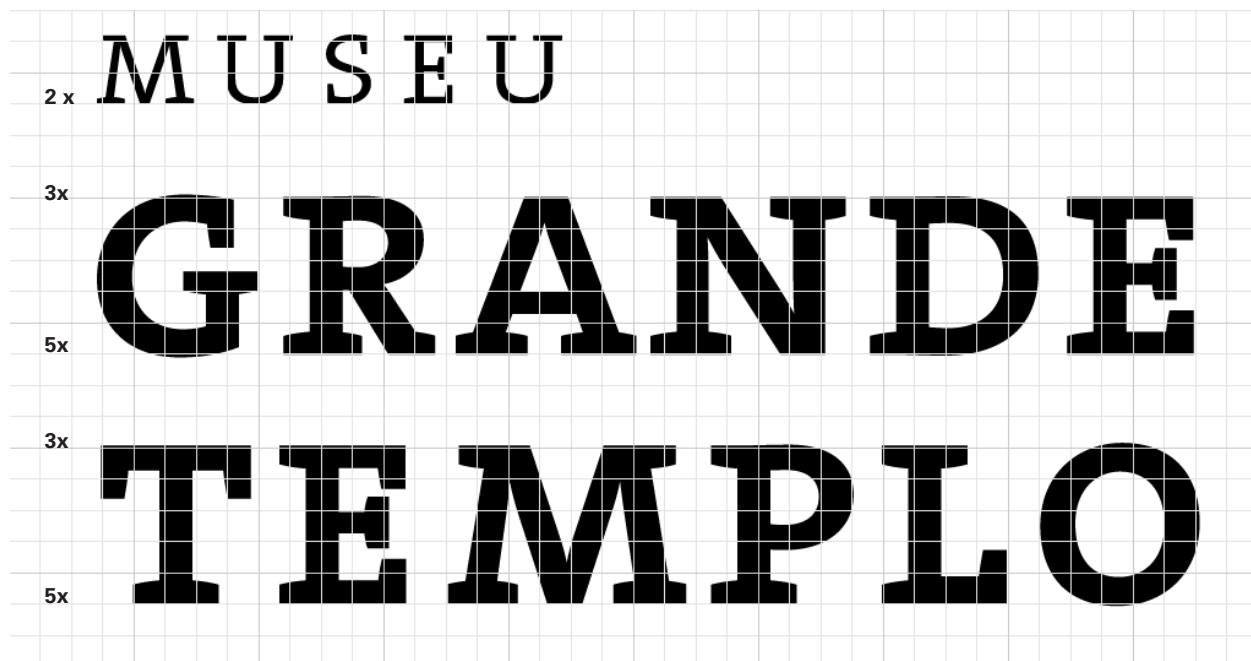


MUSEU GRANDE TEMPLO

Foi construído em TheSerif Light e Bold,
respeitando as proporções abaixo.

A VIDA JUDAICA

Foi construído em TheSans Light,
respeitando os espaçamentos abaixo.





uma das aplicações de “A VIDA JUDAICA”
parede de abertura da exposição

Suportes expográficos

Quatro seções intelectuais

As quatro seções, classificadas como intelectuais ou satélites, receberam o mesmo tratamento. Elas habitam as paredes do espaço ocupando uma altura de 45 cm com módulos retangulares que variam a cada seção.

O Alef Beit

As letras são consideradas pela Cabalá, os blocos de formação do mundo. É importante notar, que cada letra corresponde a um valor numérico, e uma das atividades cabalísticas principais é uma matemática própria chamada Gematria.

Assim, esta seção foi tratada literalmente como tijolos. São paralelepípedos giratórios onde cada face contém um tipo de informação:
grafias cursiva e imprensa;
valor numérico;
explicação cabalística sobre a forma da letra.

Questão de fé

Esta seção ficou localizada na mesma parede de “Alef Beit” - as duas tem um significado parecido, de serem fundamentos para o Judaísmo. O alfabeto e a linguagem e os paradigmas que baseiam as tradições. Demos um tratamento similar, os tijolos dessa vez são maiores, não giram e formam uma textura por terem espessuras diferentes. Cada tijolo é retro-iluminado e mostra apenas o título do fundamento. Ele deve ser aceso através do toque para que se possa ler a explicação que está inicialmente apagada.

Povo do Livro

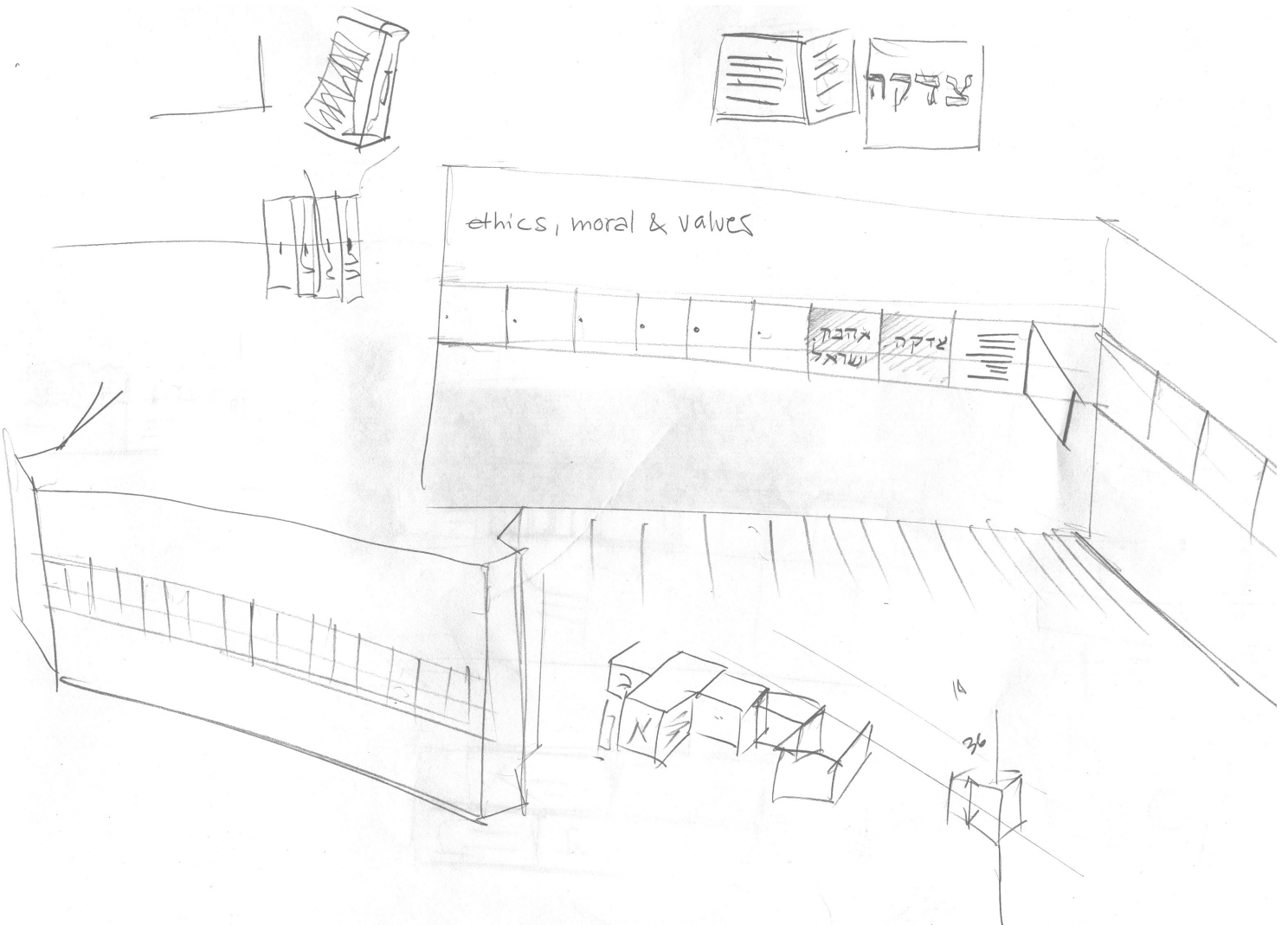
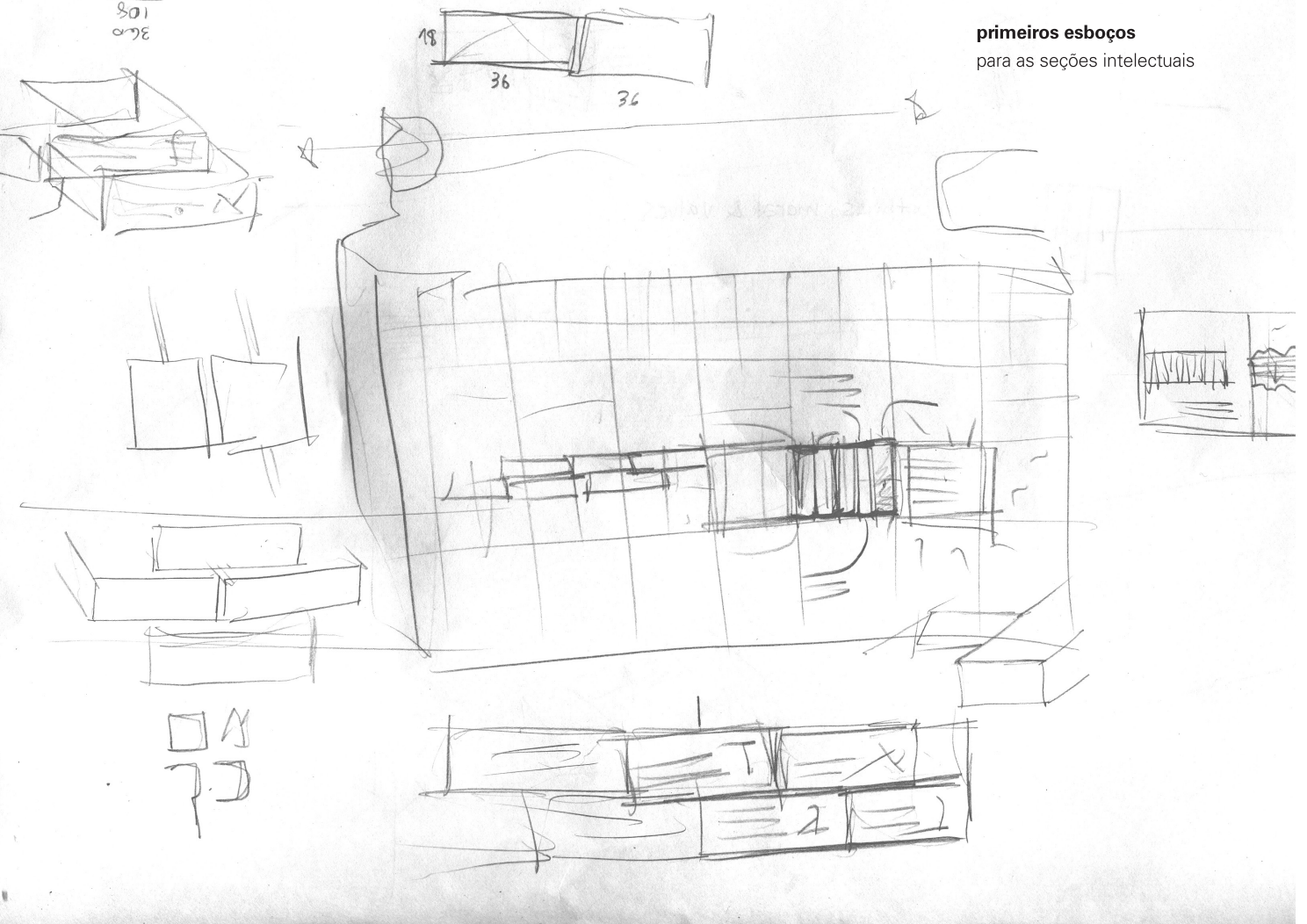
Nesta seção, temos uma seleção de 100 livros importantes. Cada um é classificado em sua lombada por duas categorias: área de conhecimento e autor. Os livros estão em um suporte com trilhos e podem ser puxados para informações sobre o mesmo, com um breve resumo e histórico.

Ética, moral e valores

Neste caso, temos uma seção com 24 conceitos abstratos, uma solução com imagens estáticas e texto seria pouco dinâmica e teria pouco impacto no espectador. Então, foi escolhido o uso de filmes curtos para transmitir esses conceitos. Incluiu-se uma barra com pontos acolchoados para o apoio durante a exibição do filme.

206
801
278

primeiros esboços
para as seções intelectuais





parede com duas seções

o alef beit

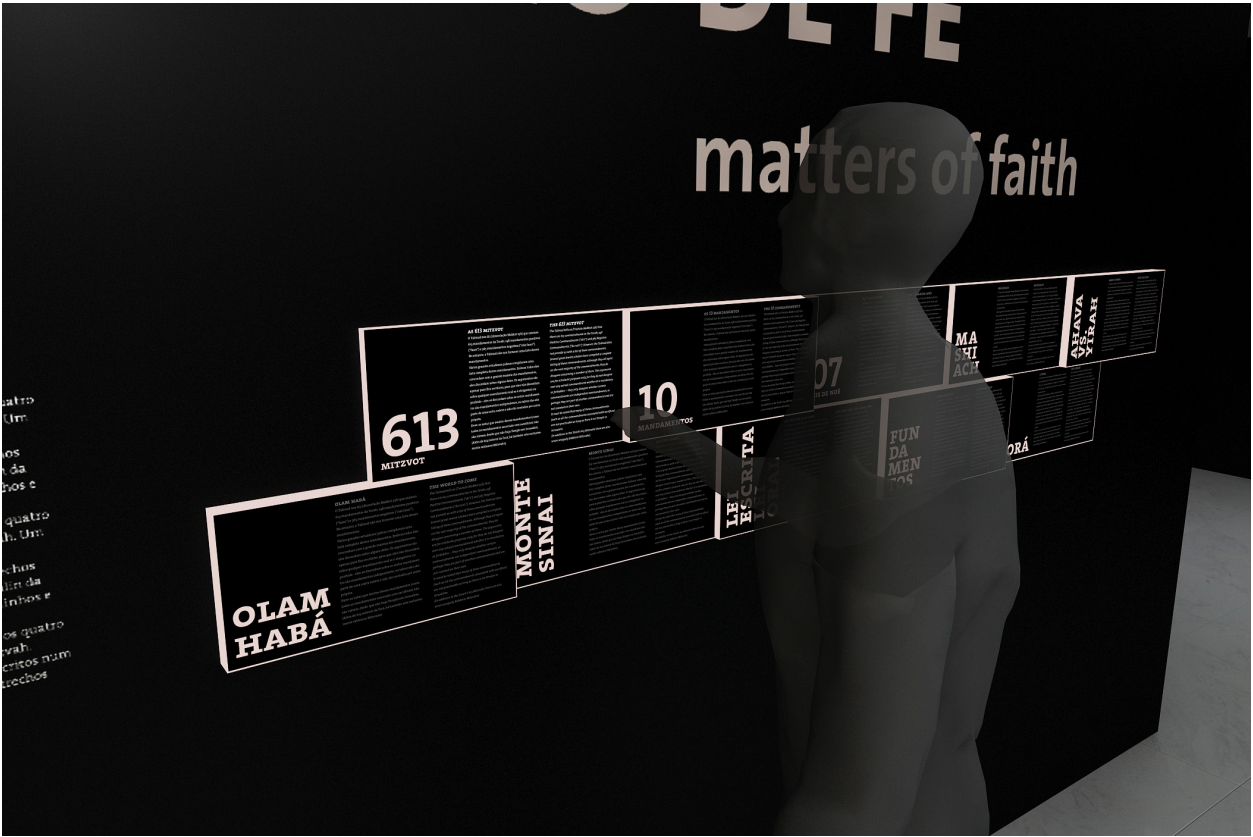
detalhe do bloco pivotando





questão de fé

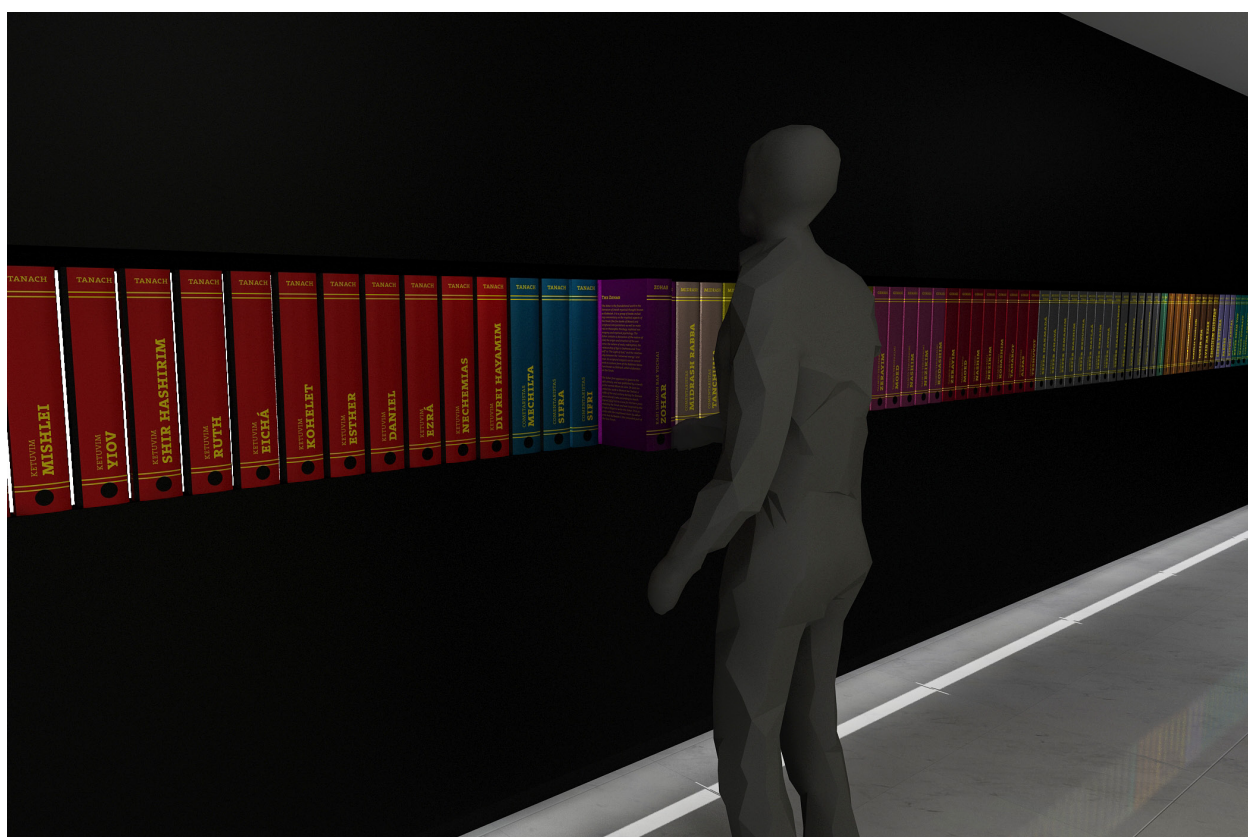
detalhe do bloco acendendo





povo do livro

detalhe do livro puxado





cinco monitores abrigam
os 24 curtas na seção
"ética, moral e valores"

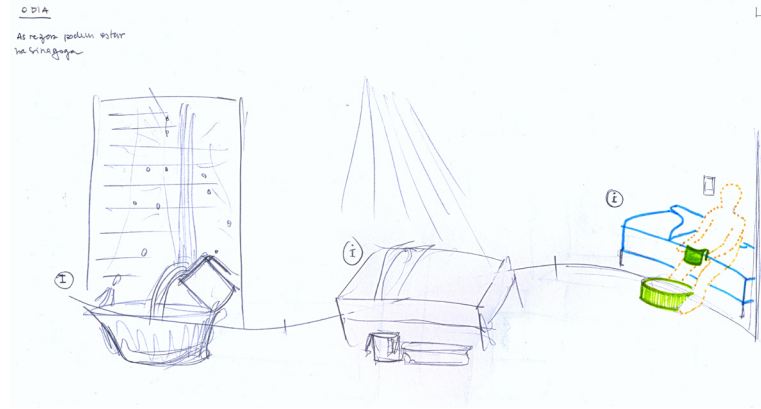
ética, moral e valores

Seis seções emocionais

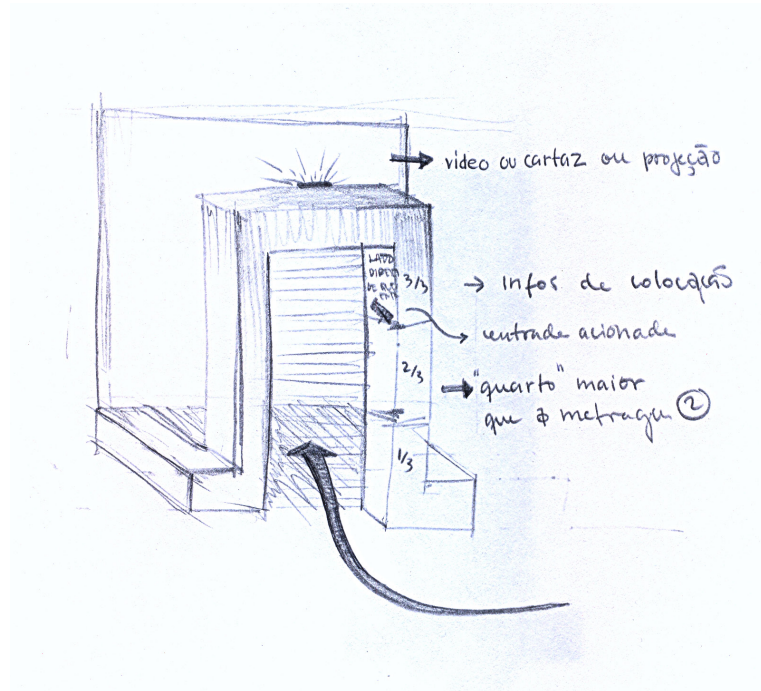
Já as seis seções receberam um tratamento mais orgânico baseadas no círculo com diferentes representações do caráter cíclico do tempo. Queríamos imprimir a sensação de imersão em cada espaço para remeter ao aspecto emocional da experiência.

O dia: abençoado seja

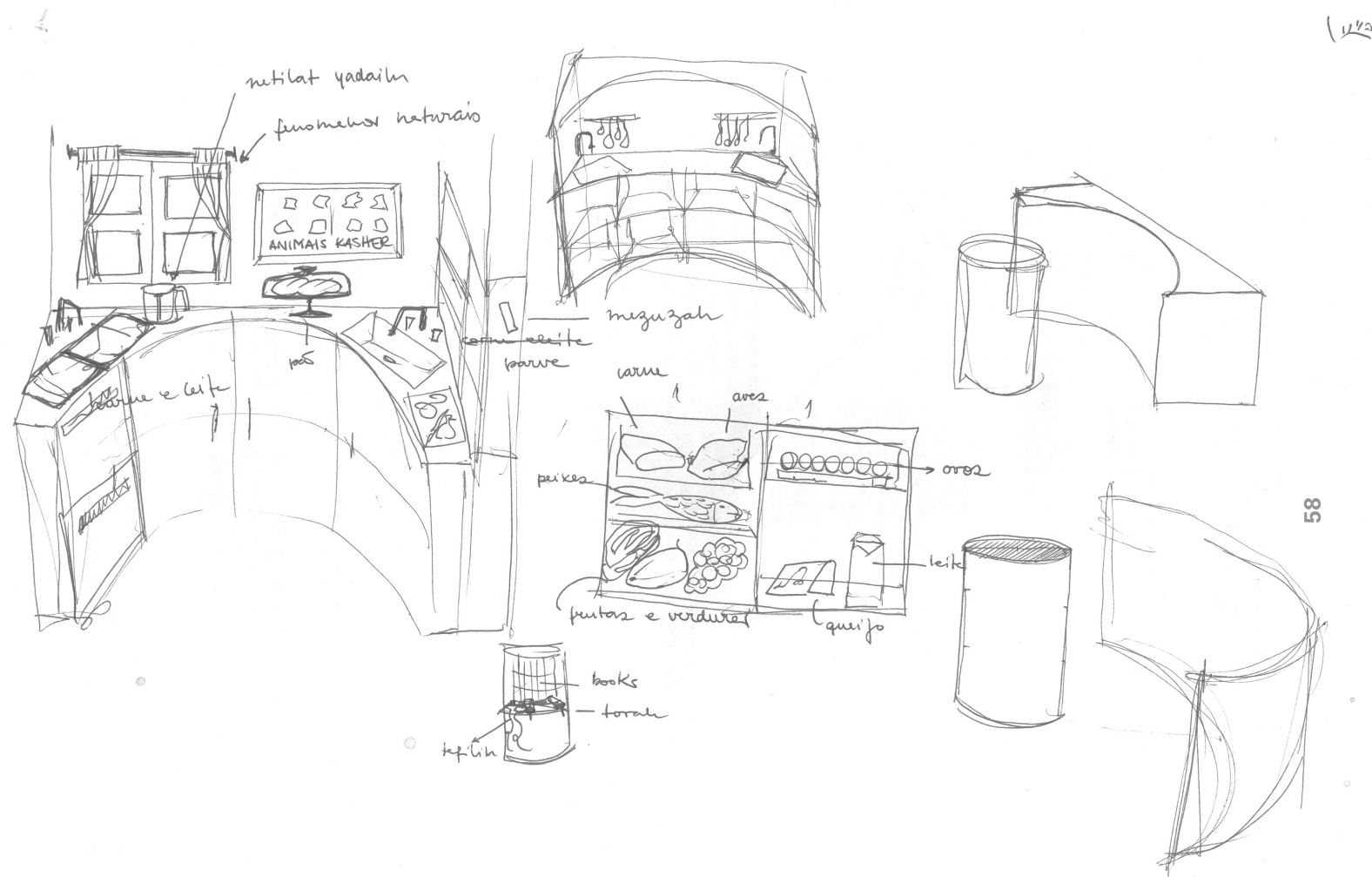
As atividades diárias foram divididas em quatro subseções; as rezas, as bênçãos, a alimentação, e conexão. Pretendeu-se criar um espaço que representasse as atividades da casa - dormir, acordar, comer e estudar - através de seus cômodos, e as atividades comunitárias através da sinagoga/ casa de estudos. Usamos fotografias aplicadas em duas estruturas; um pilar central e uma grande bancada multi-toque semi-circular. A vista superior desse módulo é bastante similar a um ícone de sol e lua.

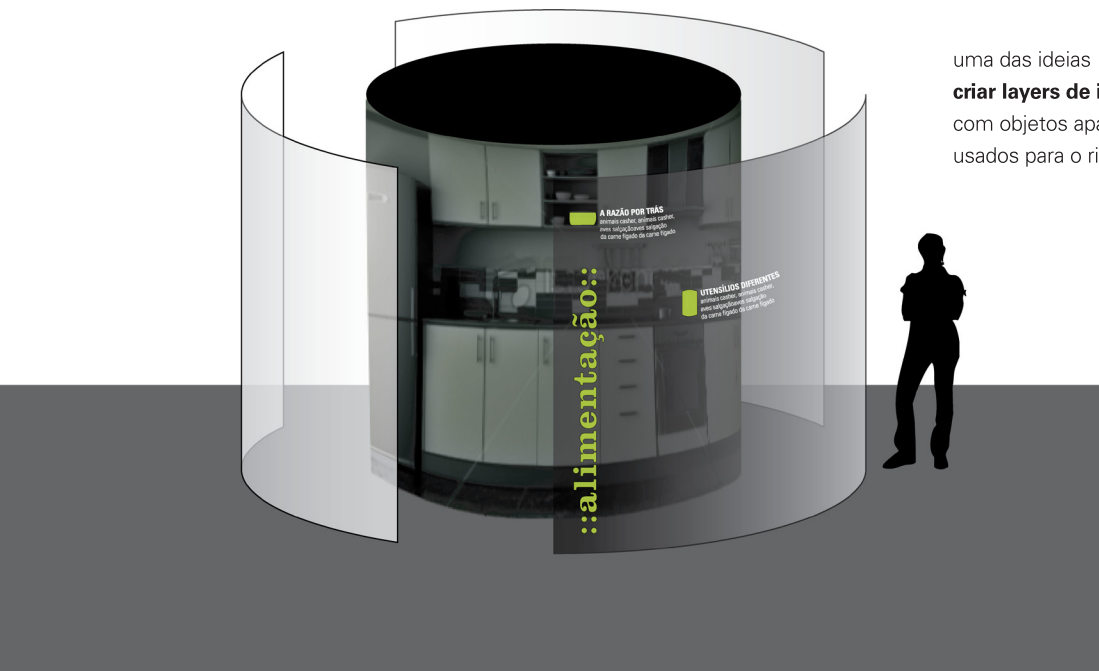
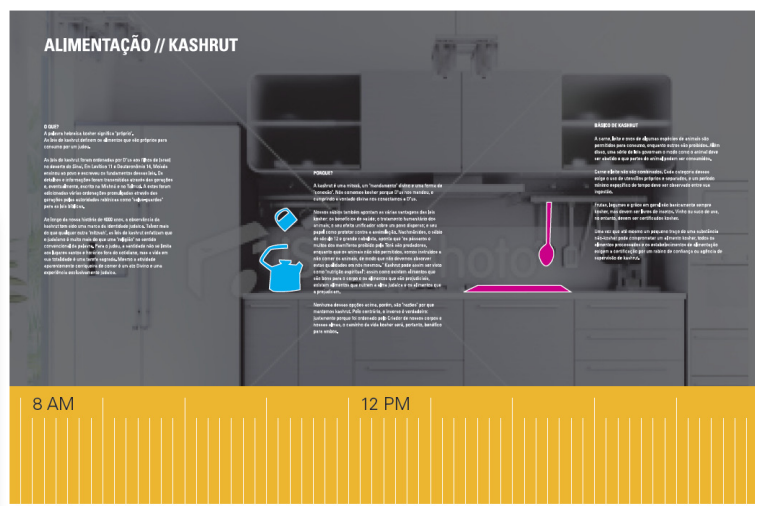


esboços para pensar a
forma de apresentação



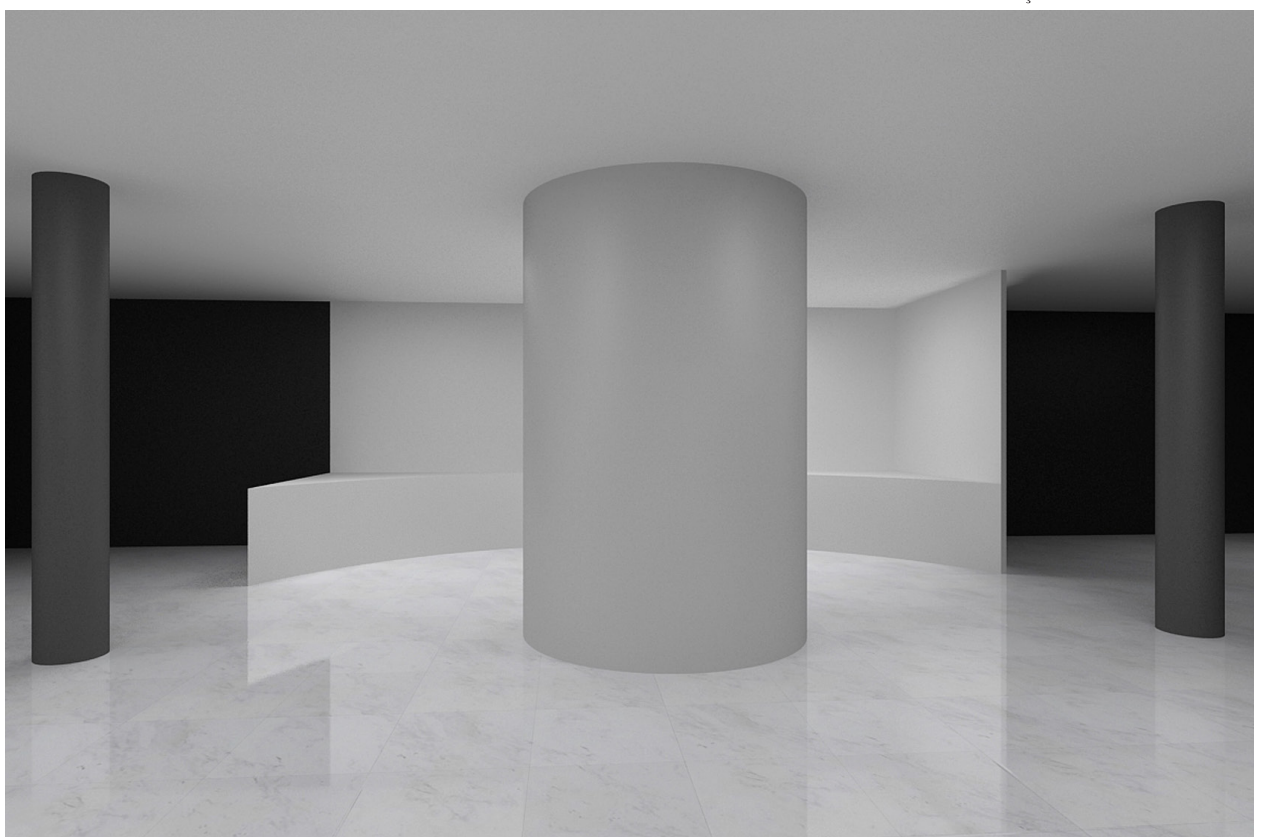
esboços para pensar
o conteúdo





uma das ideias
criar layers de informação
com objetos aparentemente cotidianos
usados para o ritual judaico.

primeiro *rendering* que sofreu
várias alterações





vista frontal

vista aérea
superfícies negras interativas



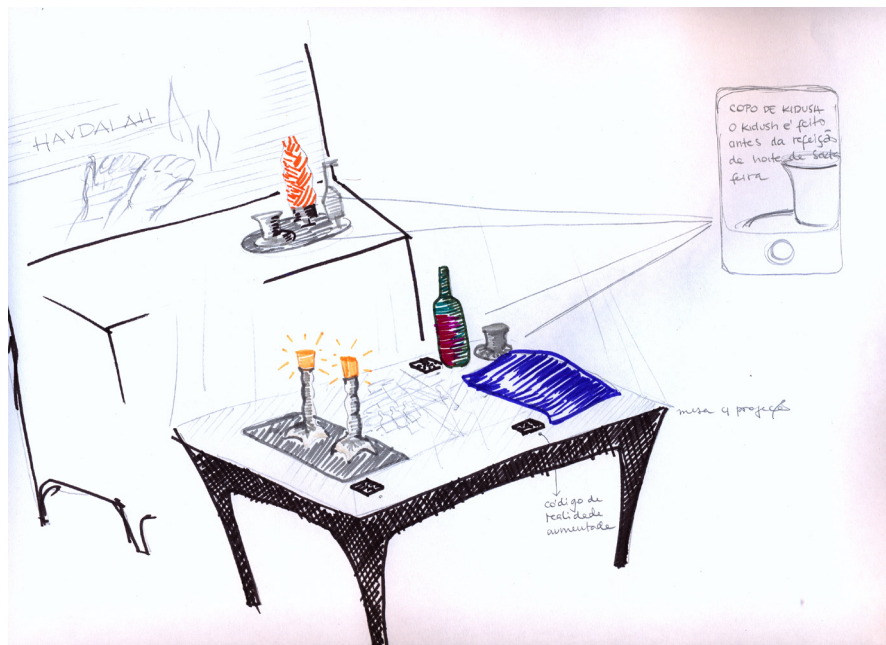


**aproveitamento da coluna
com conteúdo da seção "o dia"**

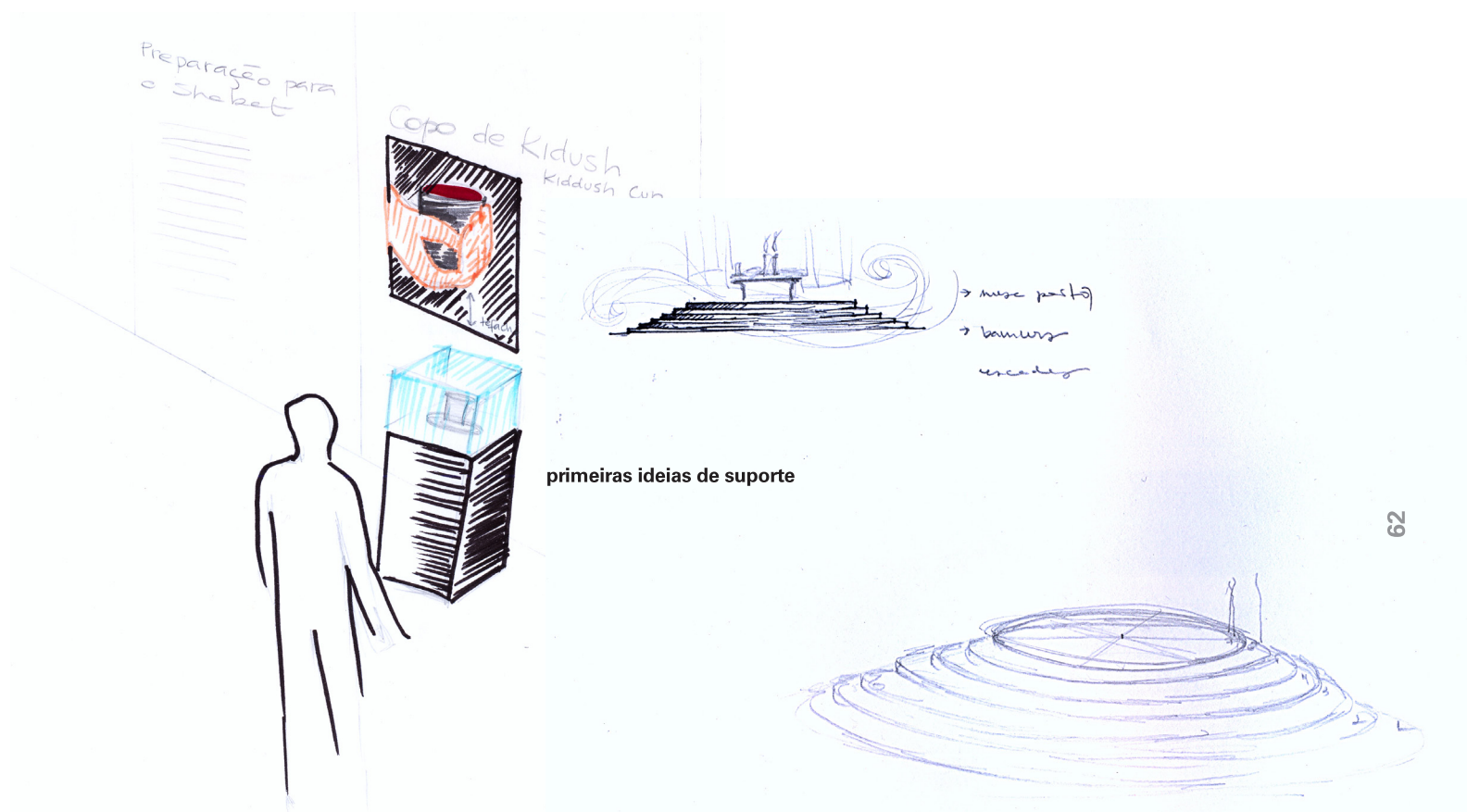
**detalhe do octógono sobre tefilin**

A semana: uma ilha no tempo

O Shabat é o quarto mandamento e visto, provavelmente, por qualquer judeu observante, como uma ilha no tempo. Representamos um arquipélago através de quatro mesas interativas multi-toque.



rabisco para pensar o conteúdo



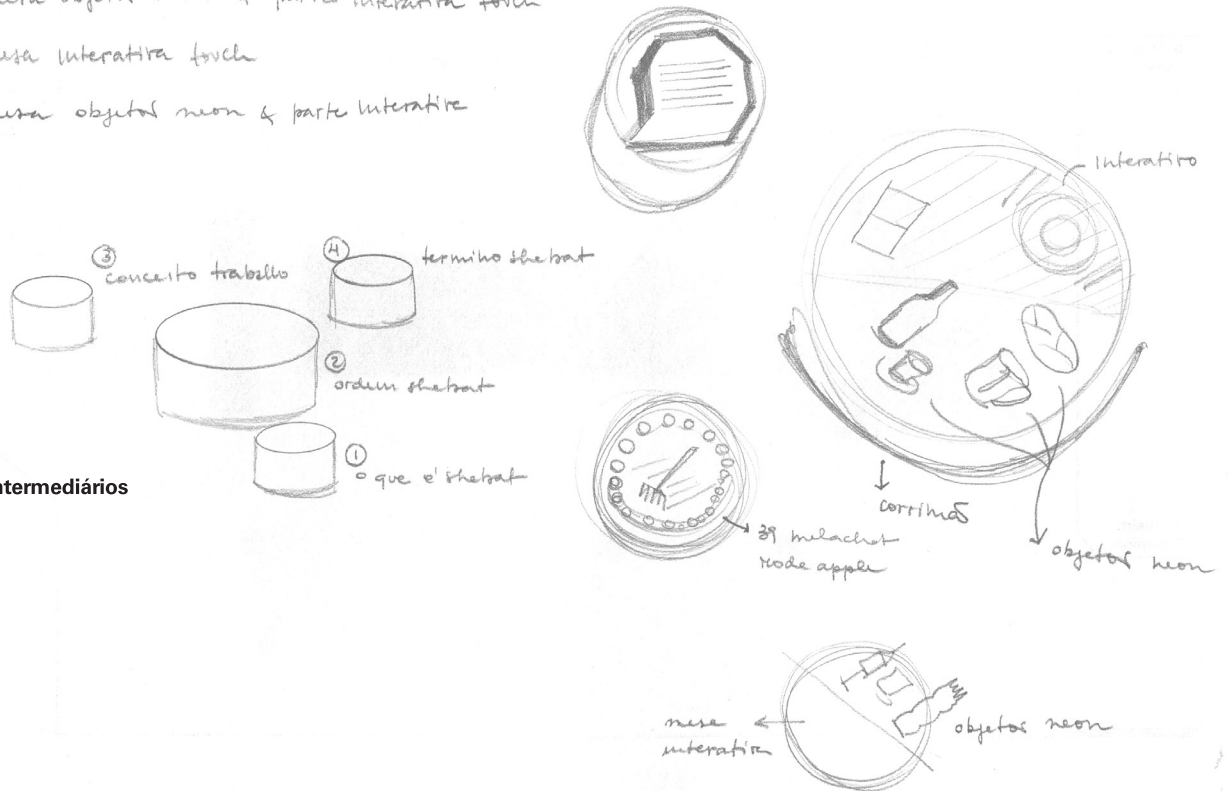
primeiras ideias de suporte

Sessão Semanal 11

conteúdo: o que é shebat, ordem do shebat, conceito de trabalho, término do shebat

- ① mesa backlight
- ② mesa objetos neon & parte interativa touch
- ③ mesa interativa touch
- ④ mesa objetos neon & parte interativa

esboços intermediários

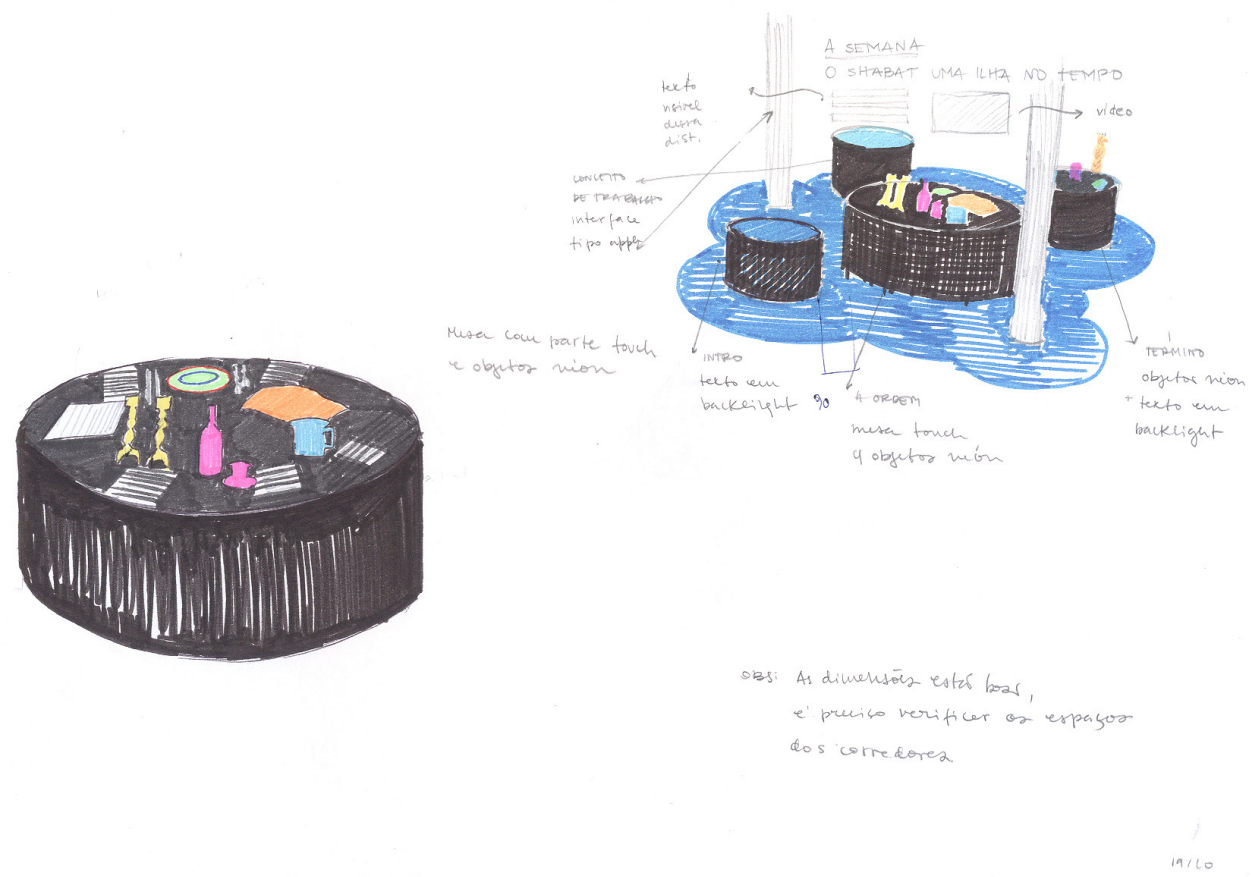


construção 1:1

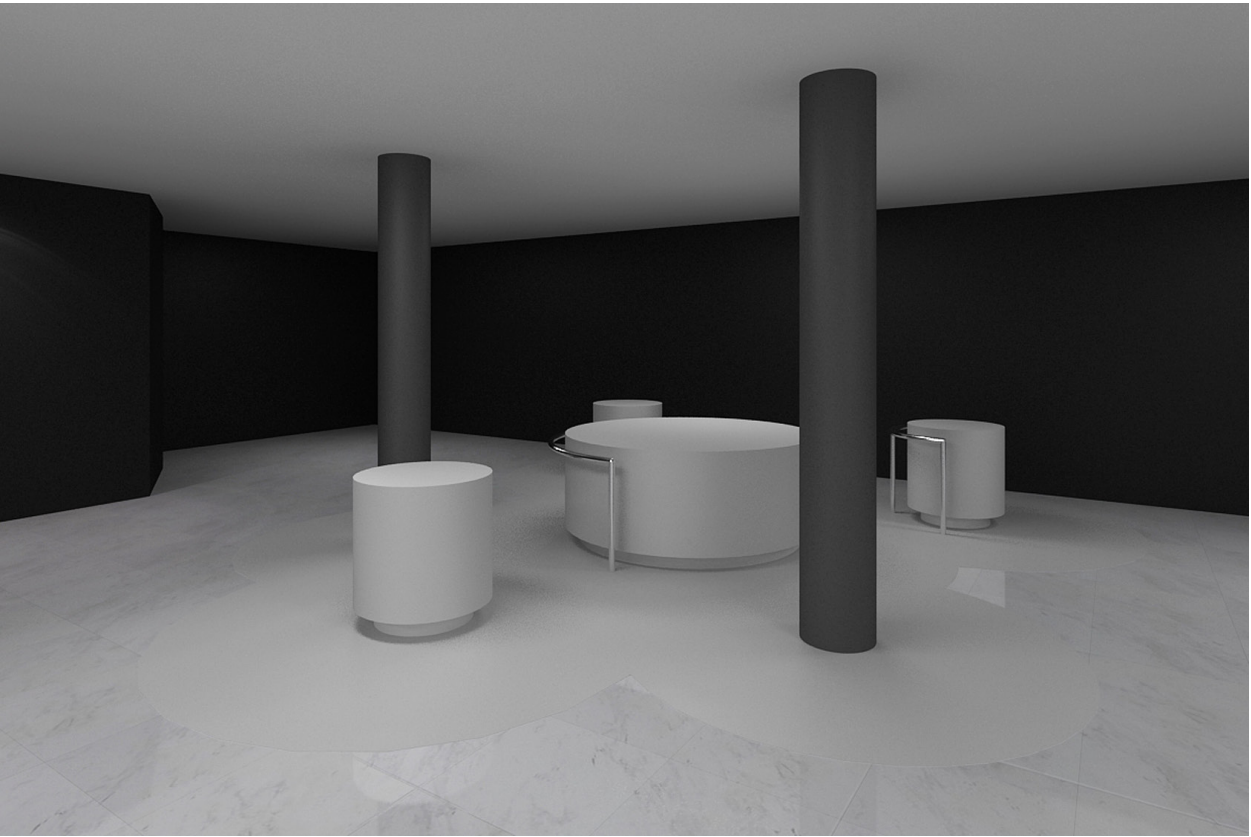


construção 1:1





primeiro rendering

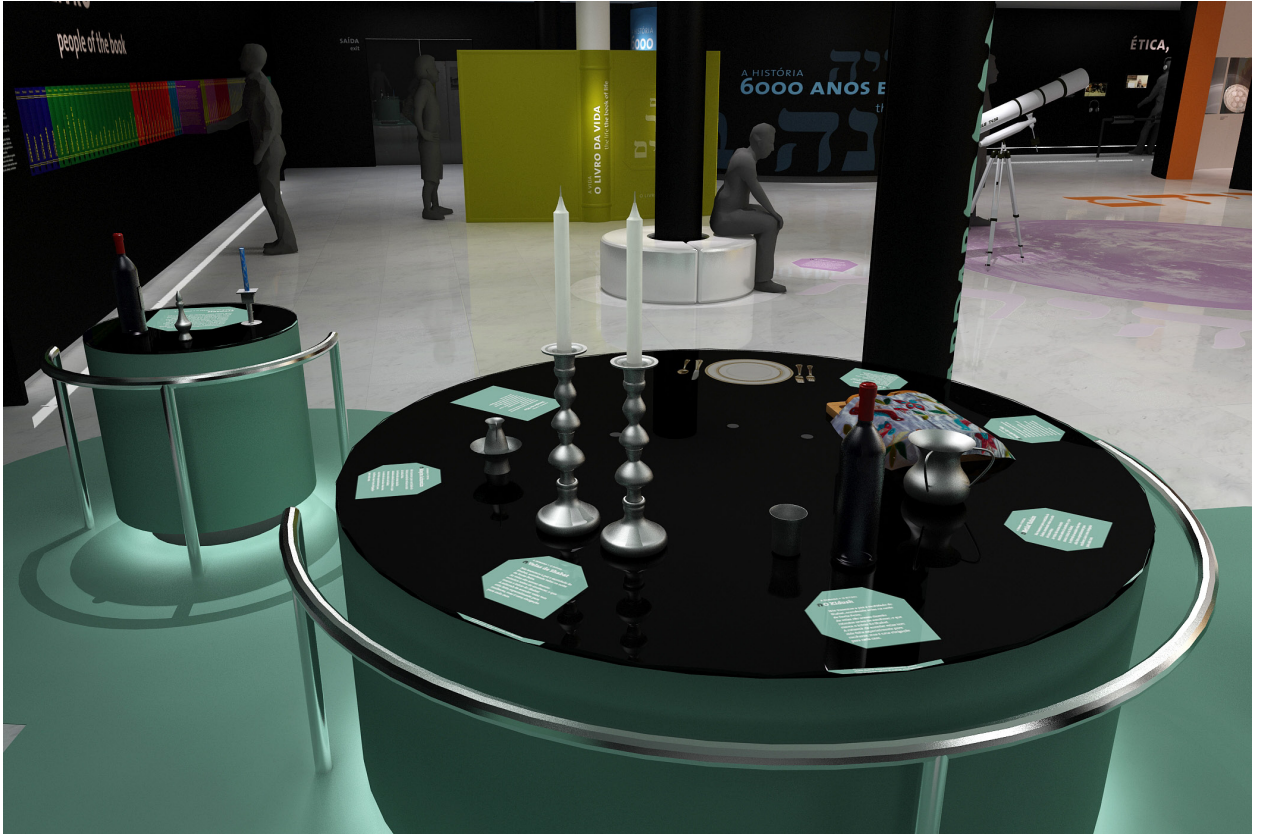




vista frontal

vista aérea

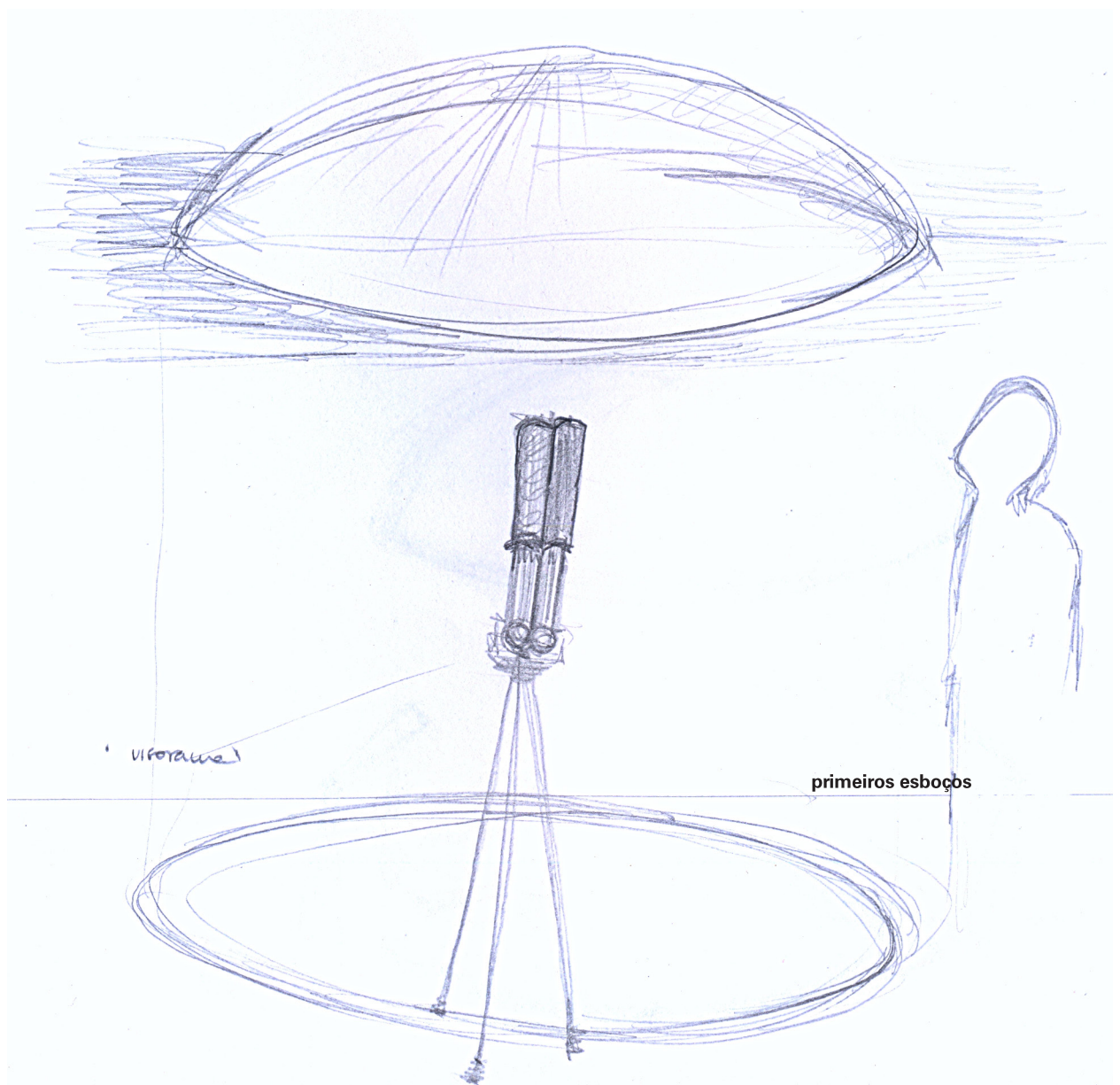


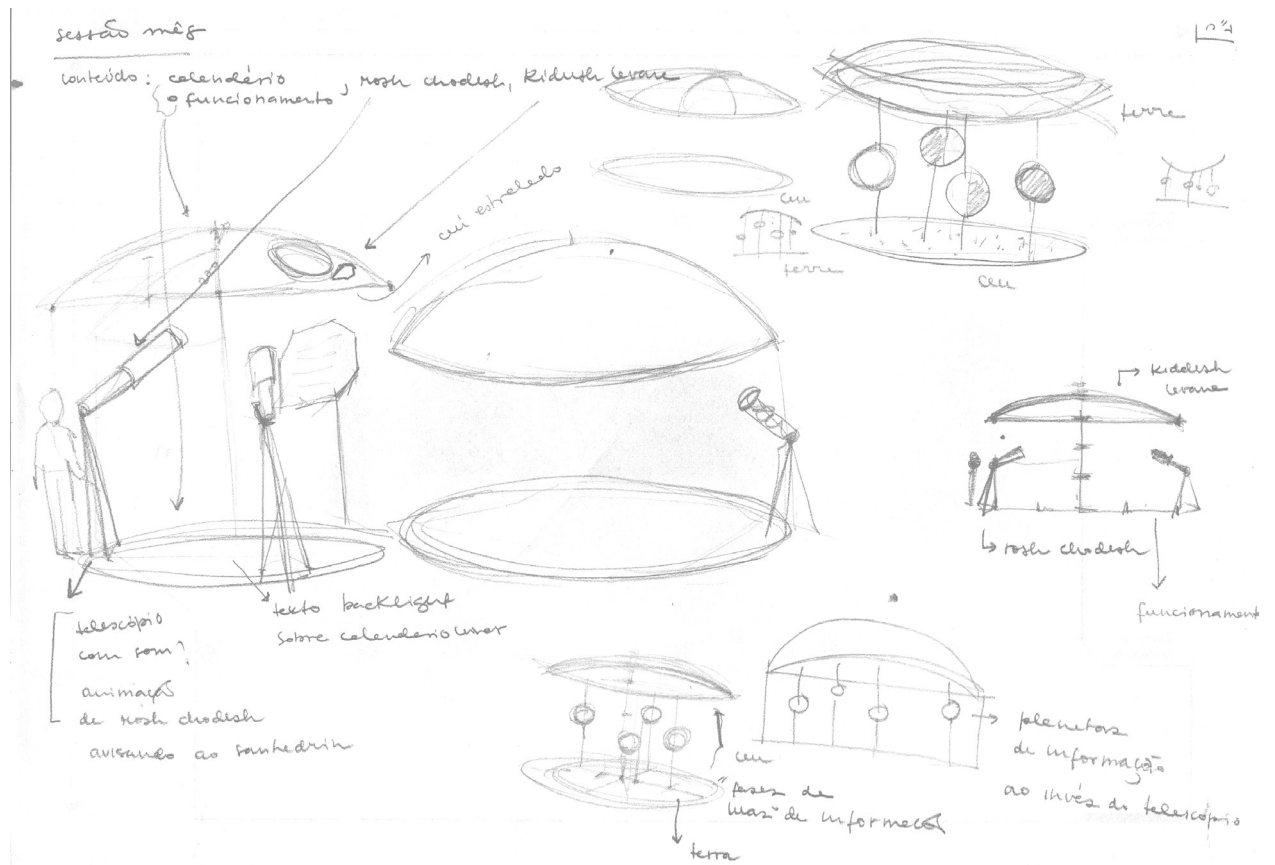


detalhe com os objetos na mesa

O mês

A peculiaridade do mês judaico é a sua direta relação com o calendário lunar e a prática de observações astronômicas. Assim, criamos uma sanca com uma representação do céu retro-iluminada. Nesta sanca temos o volume de uma lua onde é projetada uma animação com suas quatro fases. No chão, temos uma superfície também retro iluminada com uma imagem da Terra. Por fim, esta seção tem um telescópio cenográfico que funciona como um "visorama" programado para mostrar conteúdo de acordo com a posição em que é apontado.





dúvidas projetuais

primeiro rendering





sanca com imagem celeste
lua protuberante e telescópio

detalhe do octógono exemplo



O ano

As festividades

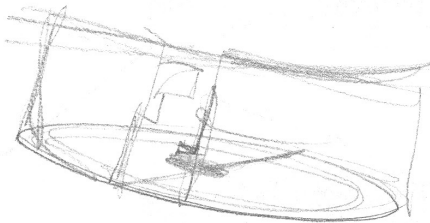
Quisemos criar um ambiente que remetesse ao ciclo do ano e que fosse versátil para mudanças a cada época e festividade. Desse modo, seria uma seção estimulante ao retorno à exposição.

A seção conta com três vitrines, sendo uma permanente e duas itinerantes, além de uma área de projeção para audiovisuais sobre a festa da vez.

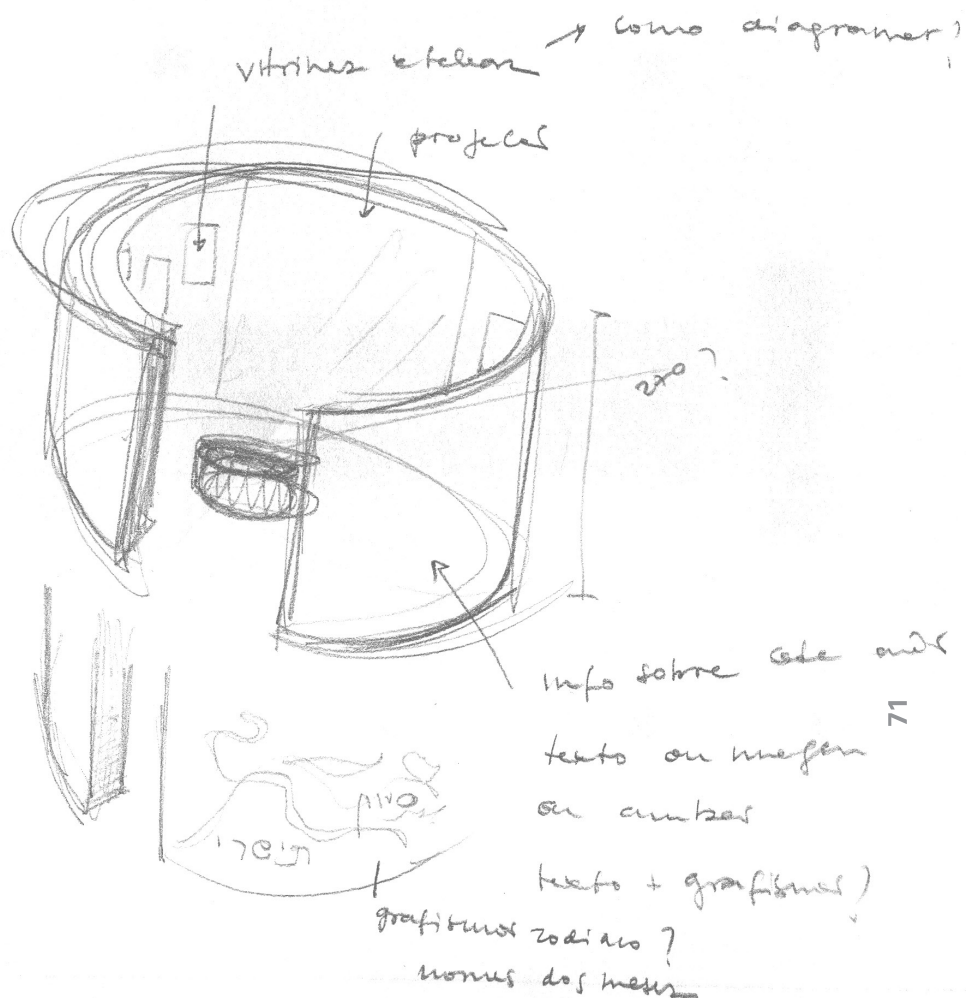
sessão ano

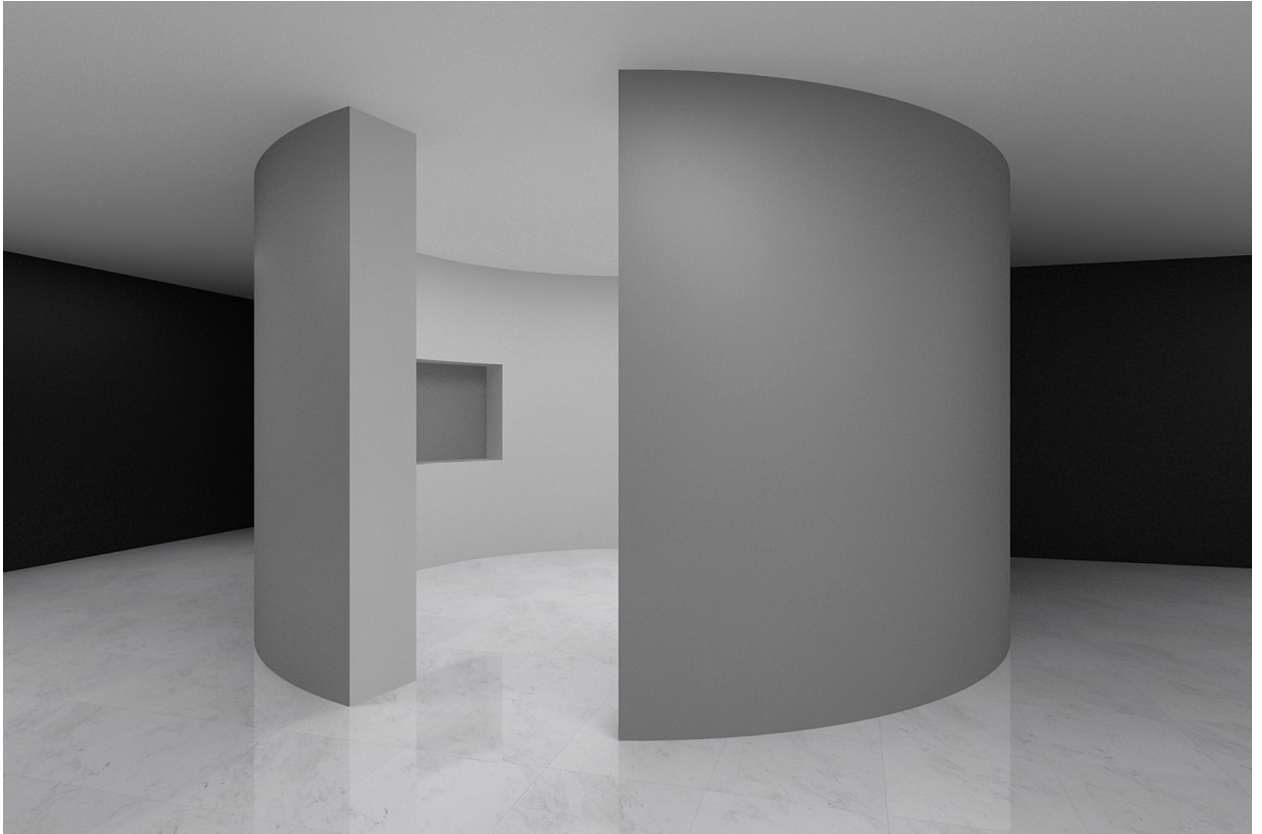
conteúdo: brief de cada mês

exposição temporária sobre o mês corrente



esboços





primeiro *rendering* da seção

texto sangrando para o chão
funciona como sinalização





**vitrines temporárias com objetos
sobre a 'páscoa' judaica**

projeção de um vídeo educativo

**vitrine permanente com
informação sobre as
festividades do ano**

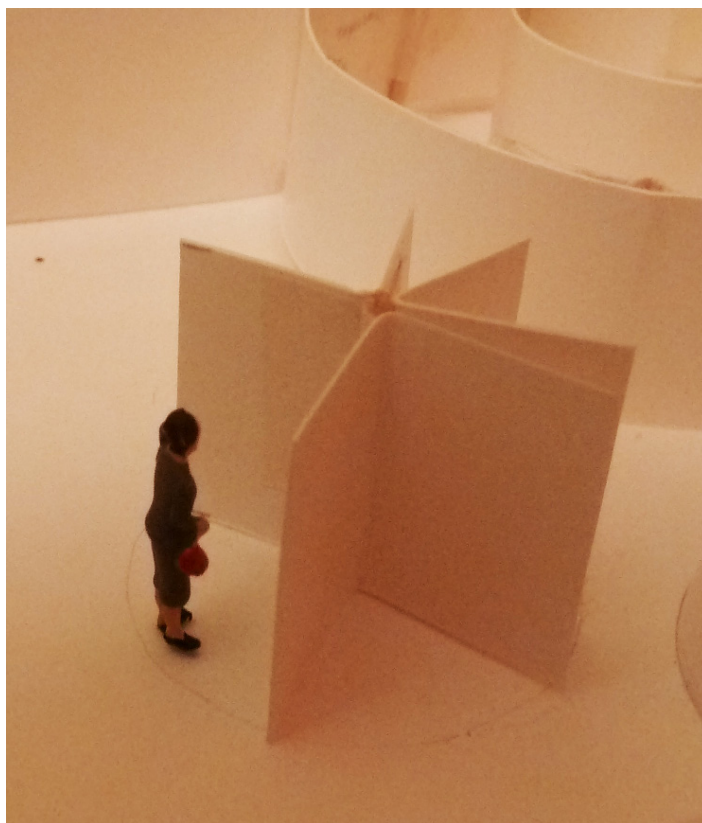


A vida

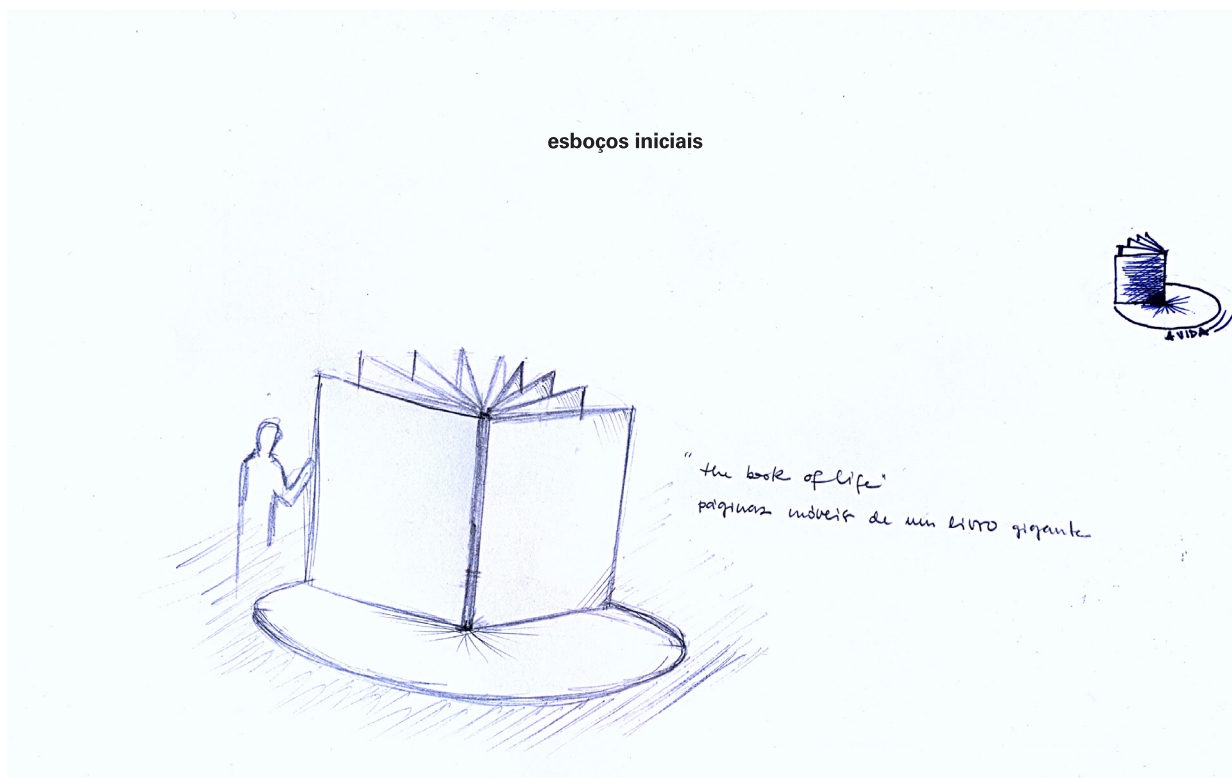
O livro da vida

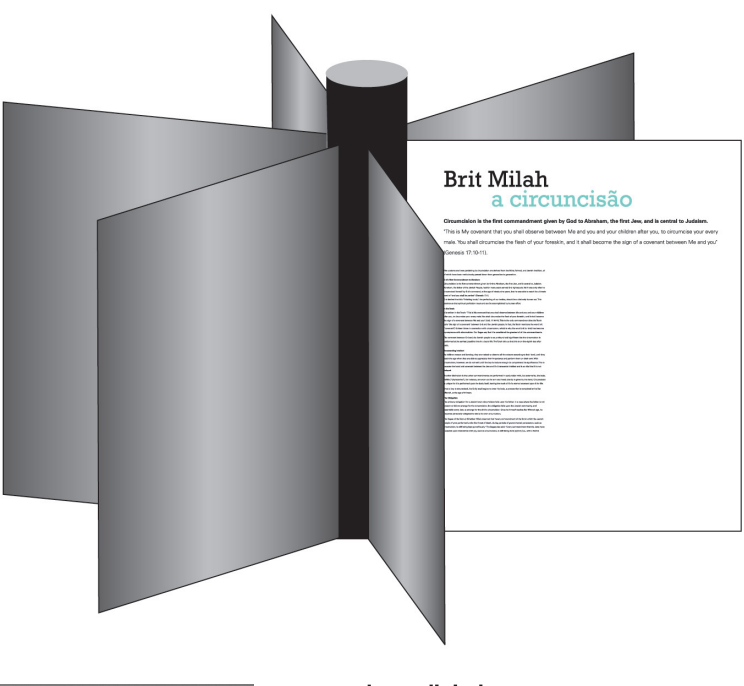
Nesta seção, o suporte é um livro de dimensões enormes com folhas móveis que pivotam em um eixo. As páginas foram diagramadas baseadas no Talmud. Para isso, criamos um grid de nove colunas com três tipos de texto; uma explicação geral sobre a tradição, a forma de praticar e uma explicação cabalística.

detalhe da maquete

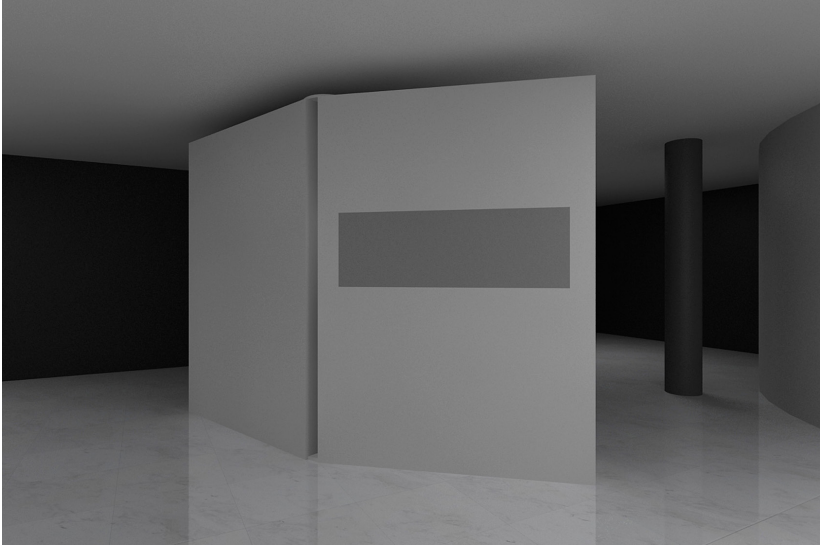


esboços iniciais

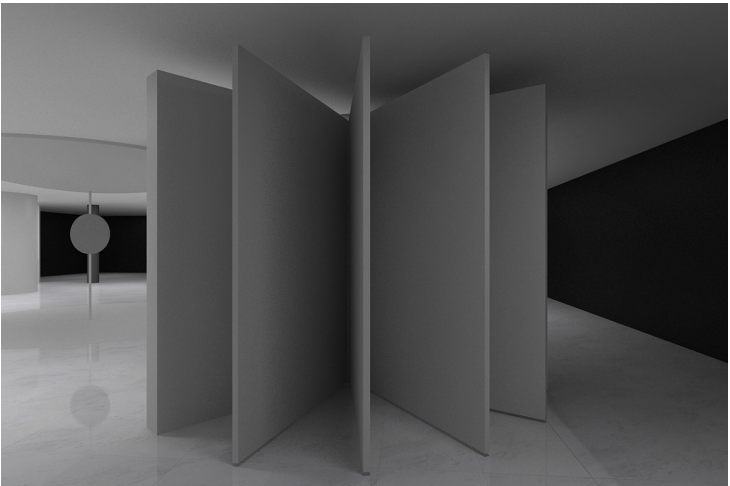




esboço digital



primeiros renderings

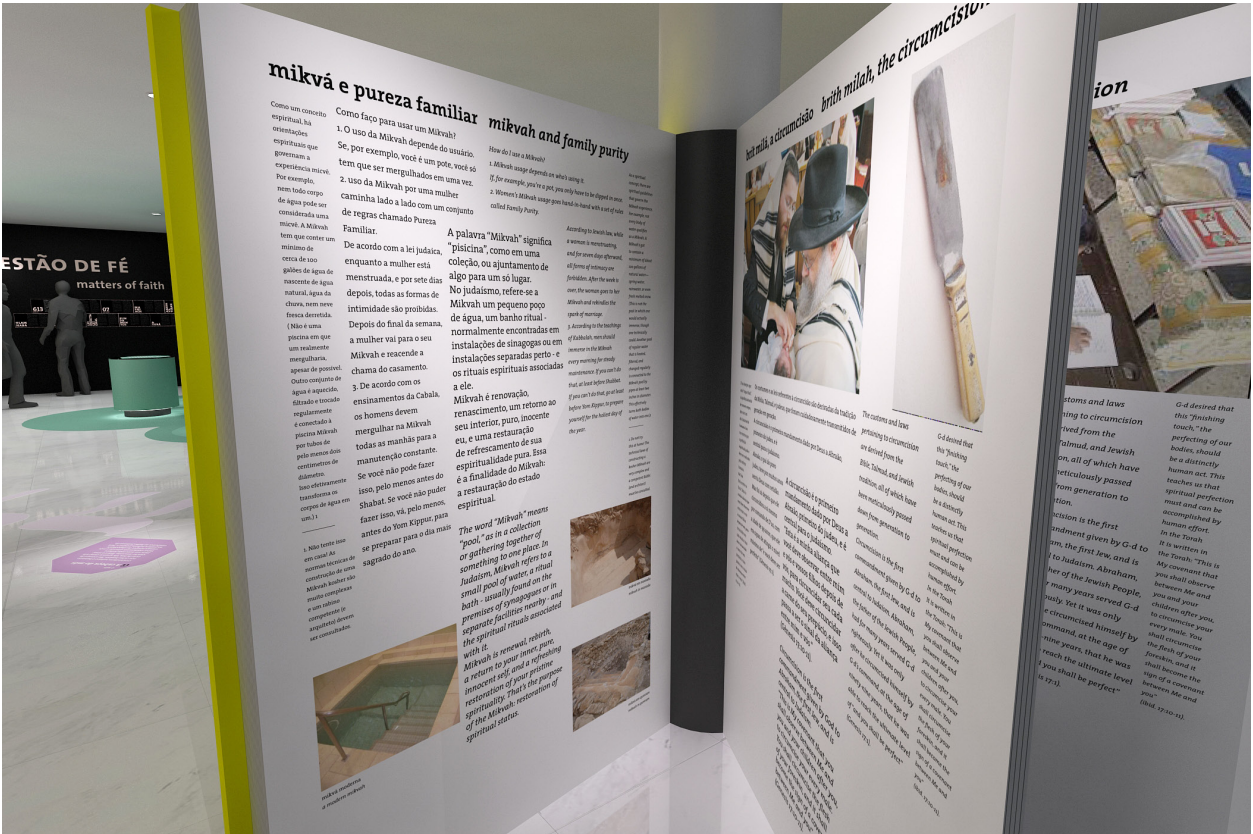




capa do livro
tentativa de simular um livro
religioso

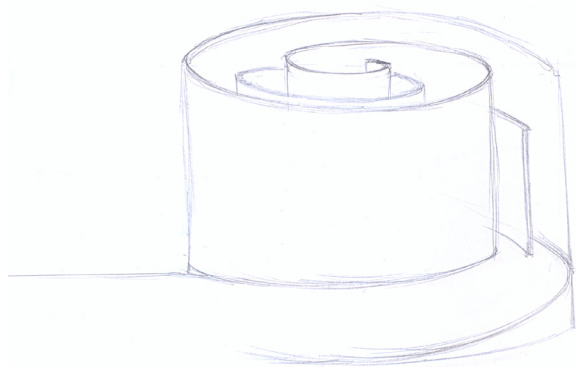


‘spread’ exemplo aberto
diagramação conforme
página do talmud

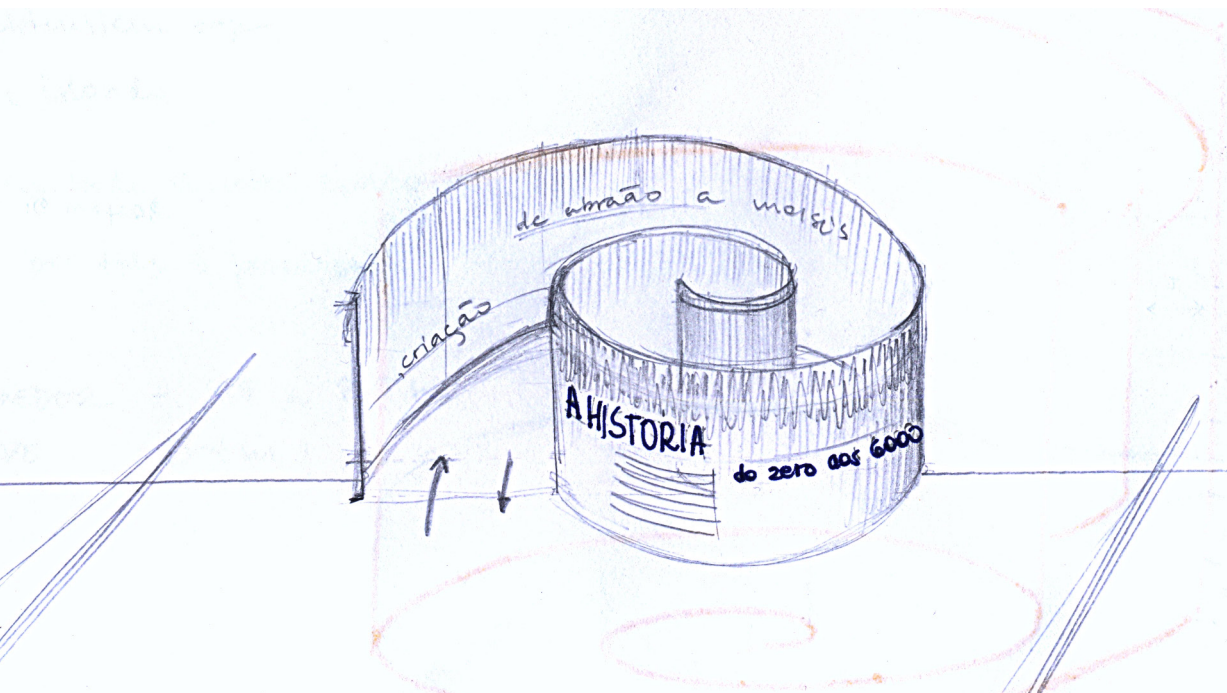


A História: 6000 anos em 30 metros

Esta exposição é dedicada à “vida judaica”. No entanto, se faz necessário incluir de maneira bastante condensada a trajetória do povo judeu. Nesta seção também falamos sobre a imigração para o Brasil. Para representá-la, usamos a forma espiral. No judaísmo ela tem especial importância considerando o aspecto da memória e lembrança sempre presentes na tradição judaica.



primeiros esboços



detalhe da maquete esquemática



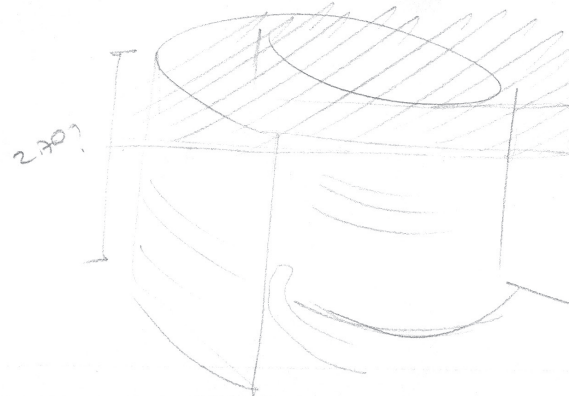
seção história

reprodução
de arte sobre fatos de linde do tempo?

cl de for

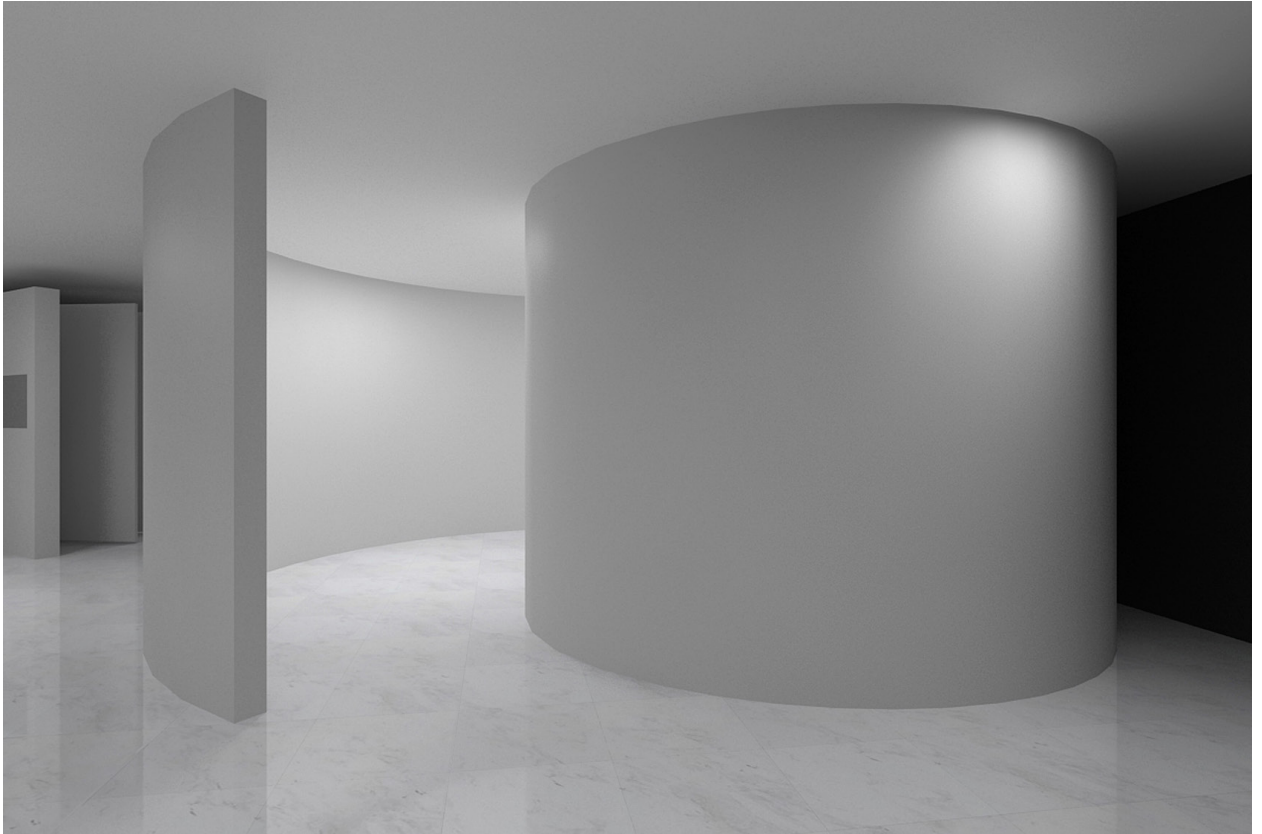


desenhos para pensar o conteúdo



esboço digital





primeiro *rendering* da seção

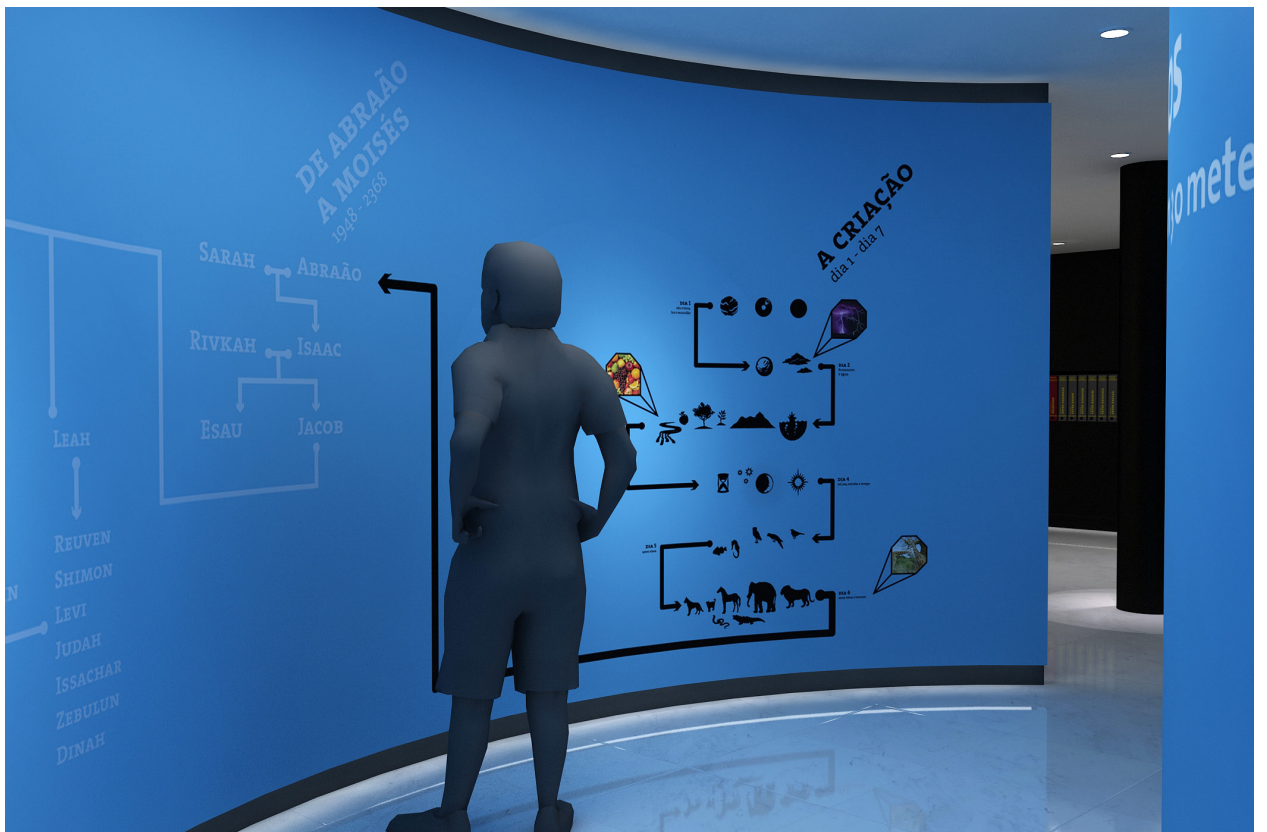
parte externa da seção história





entrada para a seção história

detalhe da apresentação de
conteúdo da seção história:
uma grande linha do tempo



Parte externa

Entrada externa

Queríamos planejar a entrada para a exposição independente da entrada principal da Sinagoga por alguns motivos:

- Interferir o mínimo possível na arquitetura existente deste monumento;
- Ter autonomia, caso o espaço fosse usado para atividades comunitárias como casamentos, e Bar Mitzvahs que podem ocorrer em dias úteis;
- O hall de entrada para a Sinagoga tem dimensões limitadas e não abrigariam um fluxo movimentado.

Assim, utilizamos um corredor lateral que dá acesso ao subsolo e se comunica com a rua.

Projetamos uma marquise que funciona como fachada na cor preta, para que forme uma unidade com o granito preto da construção original, mas que tenha destaque suficiente para o passante perceber.

Esta entrada é bem devassada e tem uma vista para o corredor de acesso, pretendemos com isso a supracitada transparência para o público. Mesmo assim, como em qualquer instituição judaica, medidas de segurança precisam ser tomadas e estas não foram contempladas neste projeto.

Abaixo da marquise temos uma grande vitrine com um breve histórico do Templo e uma planta baixa informativa do que o visitante irá encontrar em cada um dos andares da exposição.

Corredor de acesso

Neste corredor não podia faltar um local de destaque para os patrocinadores, mantenedores e fundadores da instituição, bem como sinalização básica do local e plantas localizadoras. Colocamos um teto de vidro com o padrão octogonal, que também é reproduzido nas paredes.

Bilheteria e mesa de informação

Criamos uma ilha angular que serve de bilheteria, mesa de informação e local para aluguel dos áudio guias.

Guarda volumes

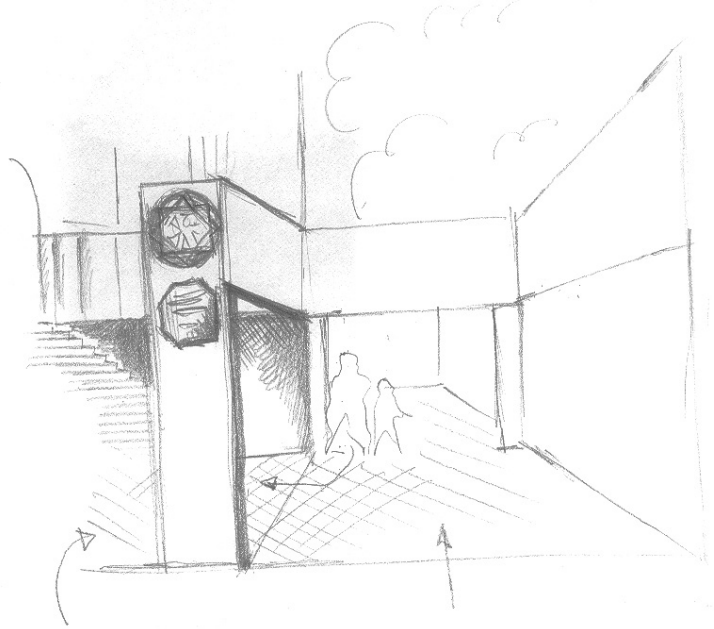
Aproveitamos um espaço no final do corredor para ser o guarda volumes. Ele é apenas uma indicação de como poderia funcionar uma estrutura dessas no ambiente.

Acesso aos portadores de deficiência

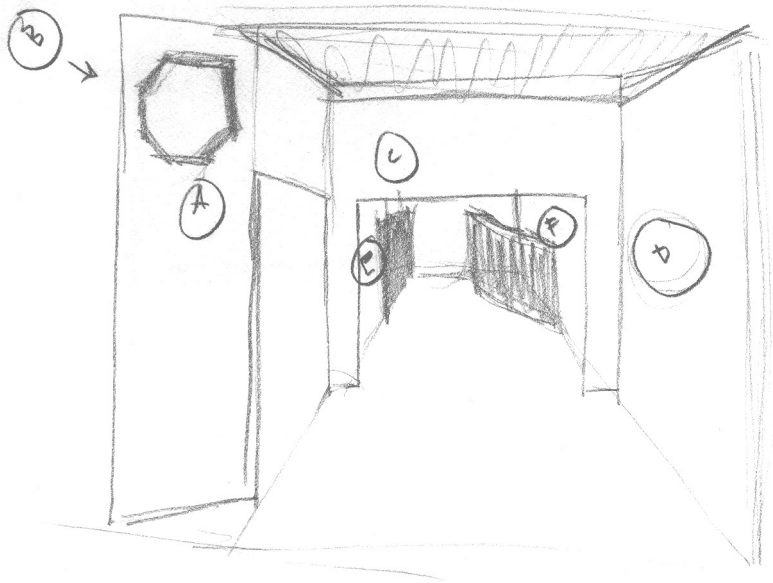
A acessibilidade foi um dos requisitos desde o começo da proposta. Assim, transformamos as escadas existentes em uma rampa levando o cadeirante até a exposição através de uma segunda entrada.

Saída

Para a saída criamos um saleta em que o espectador pode devolver o áudio-guia. Neste local desenvolvemos uma ilha similar à da bilheteria.



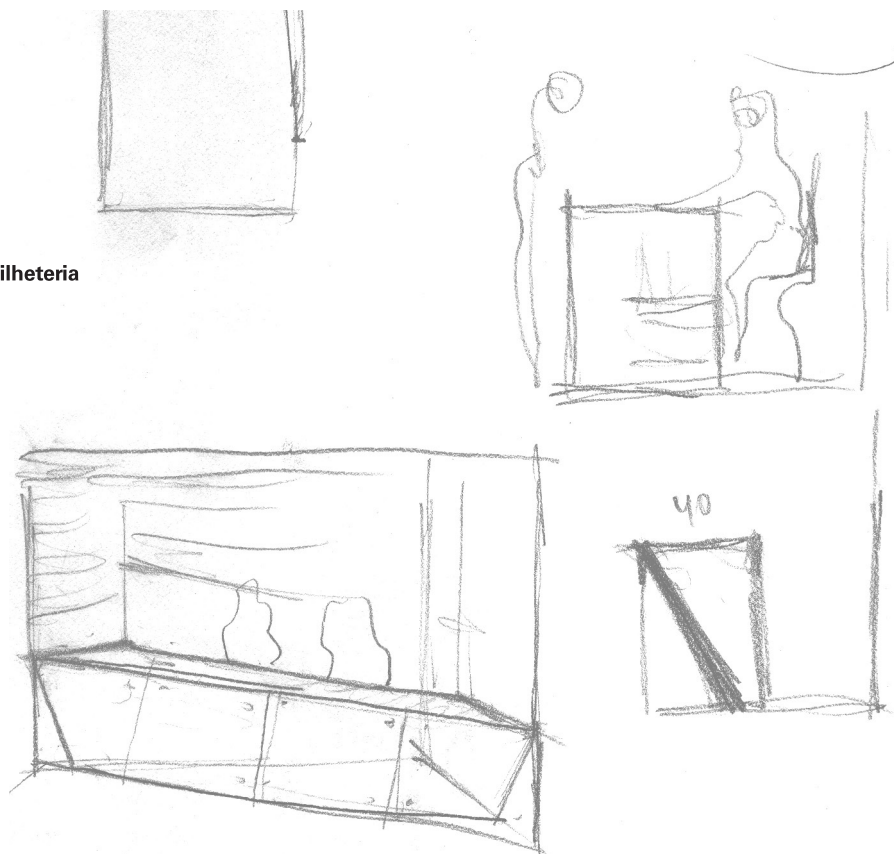
esboços para pensar na
integração de uma fachada
com a arquitetura do prédio



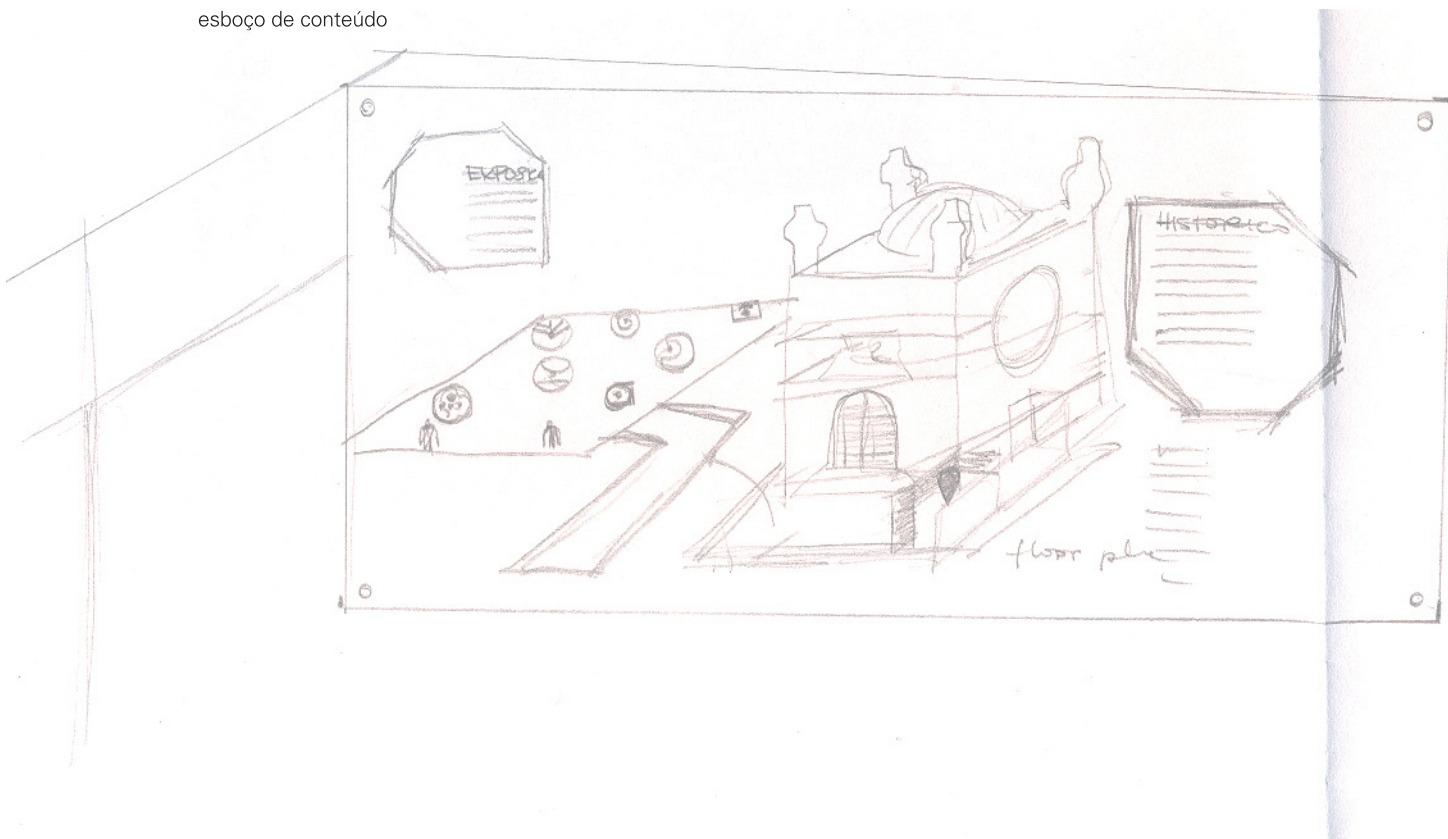
primeiras visualizações



esboços para balcão de bilheteria



painel para a entrada do museu
esboço de conteúdo





entrada externa

painel da entrada
com histórico e planta baixa





visão geral do corredor de acesso

detalhe da sinalização na entrada





placas de vidro
com nomes dos fundadores gravados

detalhe da iluminação das placas





**balcão de informação, bilheteria e
guia interativo**

**local para guarda volumes
segunda entrada para cadeirantes**





rampa de acesso

entrada principal da exposição

com painel retro-iluminado contendo
a planta baixa da exposição





balcão da saída
devolução do guia interativo

porta e escadas para saída



5. Resultado

5.1 Apresentação de resultados

A seguir apresentamos algumas vistas para a compreensão global do projeto.

Os renderings específicos de cada seção serão encontrados no item 4.2.

Desenhos esquemáticos, bem como algumas artes-finais, estão no anexo VI.



fachada





vista geral da exposição





vista pela entrada





vista pela parte de trás
da exposição

5.2 Considerações finais

Provavelmente, em qualquer projeto com tempo hábil relativamente curto alguns itens ficam menos bem resolvidos do que outros.

Apontamos três itens que não puderam ser detalhados como gostaríamos no início da proposta, são eles:

- i) Interação do usuário com o áudio-guia;
- ii) Espaço para pesquisa;
- iii) Espaço para diálogo entre o público.

i) Pensou-se que o áudio-guia teria recursos como: realidade aumentada, ferramentas de busca, tecnologia GPS, local para postar comentários sobre as seções, etc. Desenvolver isso, seria um projeto em si. Além disso, com a velocidade do surgimento de novas tecnologias, um projeto como estes poderia ficar datado, tendo em vista uma possível implantação da presente proposta.

ii) Outro quesito comprometido foi pensar em um espaço exclusivo para pesquisa -para isso precisaríamos estender o projeto para além do subsolo, o que envolveria um planejamento mais completo do local.

iii) E por fim, poderíamos ter indicado melhor como o público se relacionaria dentro do espaço da exposição. Mesmo assim, de modo geral, as seções foram pensadas para promover esta interação, principalmente por se tratar de um espaço limitado de exposição em que os espectadores precisarão muitas vezes dividir os recursos interativos disponíveis.

6. Conclusão

6. CONCLUSÃO

Certamente, um trabalho de conclusão desta Escola não fica restrito à banca e aos colegas que acompanharam o processo do mesmo. Contudo, gostaria de finalizar com um relato em primeira pessoa.

O fechamento do ciclo de ensino na Esdi tem especial significado para mim. Meus pais, a professora e designer Noni Geiger e o pesquisador Luiz Velho se formaram aqui há 31 anos atrás.

Para aumentar a emoção, o orientador deste trabalho, o designer e professor Freddy van Camp, também orientou o meu pai em seu trabalho de conclusão.

Assim, é lindo ver a tradição e prática desta instituição sendo passadas de geração em geração.

Isso se relaciona e está em consonância com o motivador para este projeto - a preservação de uma memória, que só faz sentido ser vivida e revivida em seu próprio tempo.

7. Referências bibliográficas

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAD, Ron, *No Discipline*, New York, MoMA, 2009

AVRUTICK, Sharon, *The Israel Museum Jerusalem*, New York, Harry N. Abrams, 2005

BELASCO, Daniel, *Reinventing Ritual*, New York, Yale University Press, 2009

BENEVIDES, Maria Victoria. "Cidadania e democracia." Lua Nova, São Paulo: Cedec, nº 33, 1994, pp. 5-16 (ISSN 0102-6445)

CEDEC. "Uma política de cidadania cultural – Entrevista de Marilena Chauí a Gabriel Cohn." Lua Nova, São Paulo: Cedec, nº 20, maio 1990, pp. 31-40 (ISSN 0102-6445)

CLASEN, Wolfgang, *Exhibitions and Fair Stands*, G. Hatje, 1968

CLIFF, Stanford, *The Best In Exhibition Stand Design 2*, London, Quarto Publishing, 1995

DAVIS, Avrohom, *Kitzur Shulchan Aruch*, New York, Metsudah Publications, 1996

DECOL, Rene Daniel, *Judeus no Brasil Explorando os Dados Censitários*
<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a08v1646.pdf>

DUBOV, Rabbi Nissan Dovid, *Fatos Fundamentais do Judaísmo*, S. Paulo, Colel Torat Menachem, 2005

EISENMAN, Peter, *Holocaust Memorial Berlin*, Italy, Lars Muller Publishers 2005

GRINBERG, Keila, *Judeus Cariocas*, Rio de Janeiro, Cidade Viva, 2010

HAREL, Dorit, *Facts and Feelings*, Jerusalem, Yad VaShem, 2010

HUNT, Wayne, *Urban Graphics Entertainment*, Madison Square Press 1998

JACOBI, Pedro. "Movimentos sociais urbanos: os desafios da construção da cidadania." Cadernos do CEAS, nº 129, set./out. 1990, pp. 34-44

KAPLAN, Aryeh, *Meditação e Cabalá*, S. Paulo, Sefer, 2005

KLEIN, Larry, *Exhibits Planning and Design*, New York, Madison Square Press, 1986

LORENC, Jan, *What is Exhibition Design?*, Rotovision

LUPTON, Ellen, *Pensar com Tipos*, S. Paulo, Cosac Naify, 2006

MATERIALS on The Memorial to Murdered Jews in Europe, Berlin, Nicolai, 2009

MAURER, Ingo, *Complete with bulb lights*, Berlin, Bauhaus Archive, 2010

NEUHART, John, *Eames Design*, New York, Harry N. Abrams, 1989

SACHS, Angeli, *Nature Design*, Zurich, Lars Muller Publishers, 2007

SAMARA, Timothy, *Grid: Construção e desconstrução*, S. Paulo, Cosac Naify, 2007

SAN PIETRO, Silvio, *New Exhibits 2: Made in Italy*, L'Archivoltò, 2001

SCHNEIDER, Bernhard, *Daniel Libeskind Jewish Museum Berlin*, Munich, Prestel Verlag, 1999

SHOWROOM And Exhibition Display, Meisei Publications, 1993

WHEN ART Meets Space, Victionary, 2007

WORCMAN, Susane, *Heranças e Lembranças*, Rio de Janeiro, Quase Catalogo 5, 1991

WORLD Exposition Aichi Japan, Azur, 2007

<http://www.museulinguaportuguesa.org.br>

Holocaust Museums
<http://www.science.co.il/holocaust-museums.asp>

Yad VaShem
www.yadvashem.org

Jewish Museum Berlin
<http://www.jmberlin.de>

Jewish Museum NY
<http://www.thejewishmuseum.org>

The Israel Museum
www.english.imjnet.org.il/htmls/home.aspx

Museum on the Seam
www.mots.org.il

National Museum of American Jewish History
www.nmajh.org/

www.chabad.org

www.askmoses.com

<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/01/19/museu-do-amanha-no-pier-maua-sera-marco-da-rio-20-915571572.asp>

anexo I

Conteúdo

questão de fé

crenças judaicas fundamentais
amor e temor a d's
recompensa pelas mitzvot - o mundo vindouro
mashiach

o alfabeto

o alef beit
valores numéricos

o povo do livro

os dez mandamentos
monte sinai e fé em d's
as sete leis de noé
os 613 mandamentos
a torá
a lei escrita e a lei oral
o tanach
a torá
neviim (profetas)
ketuvim (escritos)
a mishná
o talmud
rambam
shulchan aruch
lei judaica hoje
a corrente de ouro
lei e costume
ordem dos estudos
importância do estudo
os judeus - povo da torá
12 trechos da torá

ética, moral e valores

tzedacá - caridade
hachnassat orechim - hospitalidade
bicur cholim - visita aos doentes
halvaiat ha met - cortejo fúnebre
hachnassat calá - auxílio as noivas
ahavat israel - amor ao irmão judeu
halbanat panim - insulto ao semelhante
lashon hará e rechilut - maledicência e difamação
necamá e netirá - vingança e rancor
onaá e ganavat dat - fraude
netinat michshol lifnei iver - colocação de obstáculo diante de um cego
guenevá e guezela - furto e roubo
hashavat avedá - devolução de objetos perdidos
baal taschit - não destruirás
tzaar lebaalei chaim - crueldade com seres vivos
kibud av va em - honrarás teu pai e tua mãe

mipnei seivá takum - diante de idosos te levantarás
kvod ha rav - honra aos mestres
emet - verdade
shalom - paz
anavá - humildade
simchá - alegria
teshuvá - retorno, arrependimento
tziniut - recato

O DIA

abençoado seja

introdução a berachot
netilat yadaim
birchot hashachar
birchot hatorá
tefilá
bençãos dos alimentos
bircat hamazon
100 bençãos por dia
bençãos pelas mitzvot
shehecheianu
fenômenos naturais
gratidão

alimentação

a razão por trás da cashrut
animais casher
aves
salgação da carne
fígado
gorduras
o açougueiro casher
peixes
leite
queijo
frutas e verduras
ovos
carne e leite
tevilat keilim
parve
peixe e leite ou carne
vinho
pão
cuidado

rezas

as cinco rezas
as três rezas diárias
shacharit
minchá e maariv
mussaf
yom kippur
torah
sefer torah
leitura da torá
número de pessoas chamadas à torá

aliá
maftir
bar mitzvá
preparação
o texto das orações
cavaná
pedidos
hebraico
nussach
requisitos
minian
sinagoga
mechitzá
conexão
sefer torá
tefilin
mezuzá
tzizit

A SEMANA

os sétimos são queridos

o propósito do shabbat
cavod e oneg shabbat
o espírito do shabat
shabatot especiais

o ritual

ordem do shabat
velas de shabat
kidush e havdalá
refeições

o conceito de trabalho

39 melachot
proibições rabinicas
atitude em relação às atividades proibidas

O MÊS

o ciclo da lua
rosh chodesh
santificação da lua

O ANO

o calendário
pessach
shavuot
rosh hashaná
yom kipur
sucot
chanucá
purim
os dias de jejum

A VIDA

o ciclo da vida
nascimento
* brit milá
pidion ha ben
chinuch
opsher
bar e bat mitzvá
casamento
mikvá e taharat hamishpachá
chanucat habait
morte
ressurreição dos mortos

A HISTÓRIA

do zero aos 6000

criação
abrão a moisés
moisés
josué ao rei david
primeiro templo
divisão do reino
reis de israel e judá
exílio e segundo templo
exílio a atualidade
judeus no brasil
história moderna
holocausto
israel

herança das tribos

cohen, levi, israel
shevet levi
cohanim
privilégios especiais atualmente
responsabilidades especiais

terra

terra prometida
o que há de tão especial em eretz
loais sagrados
israel hoje
mapa de israel

Revista eletrônica Morashá
Edição 39 - Dezembro de 2002

Após sete décadas da sua fundação, busca agora um revigoramento, podendo abrigar um Museu Judaico e outras iniciativas. Iniciada em 1925, não foi à toa que a construção do Grande Templo Israelita se deu naquela região do Centro do Rio. A poucas quadras dali estava a Praça Onze, que abrigava a maior concentração judaica da cidade, na época. De acordo com Ruy Flaks Schneider, atual presidente do Templo,] “era o centro da vida judaica na capital do Brasil”. O próprio presidente da República, Washington Luiz, foi quem colocou a pedra fundamental da construção. Segundo Schneider, o Grande Templo foi a primeira sinagoga no Rio erguida com o intuito de ser uma casa de oração, isto é, não foi uma casa que se transformou em sinagoga. “Em São Paulo, talvez, a Beth-El seja mais antiga”, arrisca. Na verdade, o templo paulistano começou a ser construído mais tarde, em 1929.

Além de berço do samba carioca, a Praça Onze permitia uma perfeita convivência das famílias judias chegadas da Europa Oriental, que ali desenvolveram intensas atividades políticas, culturais e religiosas. Era a região das ídishe vende, isto é, as lojas que vendiam alimentos típicos judaicos. Era a área por onde passavam os klienteltchikes (mascates). Mais tarde, foi destruída para a construção da Avenida Getúlio Vargas, uma das principais vias do Centro do Rio, onde depois se construiu a região cha-mada Cidade Nova, que hoje abriga ultramodernos arranha-céus e os chamados ‘edifícios inteligentes’.

“Desconheço as razões que levaram aqueles primeiros imigrantes judeus, provenientes dos países daquela região e que se radicaram no Rio de Janeiro, a escolher o bairro da Praça Onze para nele se instalarem. É bem possível que, do ponto de vista comercial, o bairro tivesse então, geograficamente, uma localização privilegiada. Ficava nas proximidades da estação final da Estrada de Ferro Central do Brasil. O Rio, na época capital do país, contava com uma população de aproximadamente um milhão de habitantes, na maioria gente das classes média e pobre, que vivia na Zona Norte e cujo principal meio de transporte era o trem suburbano. A Praça Onze podia ser considerada a porta de acesso à parte central da cidade”, explica o saudoso Samuel Malamud em seu livro Recordando a Praça Onze.

“No sentido literal, a denominação Praça Onze refere-se apenas a uma praça pública. Entretanto, para a comunidade judaica do Rio de Janeiro, no decorrer dos anos de 1920 e 1930, essa denominação referia-se não só à própria praça, mas também aos seus arredores, onde viviam centenas de famílias judias, funcionavam dezenas de casas comerciais e pequenas oficinas exploradas por judeus de várias procedências da Europa Oriental e onde funcionavam a maioria das suas instituições religiosas, filantrópicas, culturais, sociais, recreativas e ideológicas. Naquele bairro estavam também localizadas as redações e tipografias dos vários órgãos de imprensa que, então, apareciam no Rio, em ídiche”, completa.

O avô materno de Ruy Schneider, Jacob Schneider, que era um desses comerciantes, foi um dos fundadores do Grande Templo Israelita. Oriundo da Bessarábia, Jacob Schneider chegou ao Brasil em 1903, aos 16 anos, tendo a referência da irmã Elisa, que já vivia em Franca, interior de São Paulo, casada com Isaac Tabacow. Mais tarde, Jacob se mudou para o Rio. “Meu avô foi um dos maiores líderes judeus não só do Rio de Janeiro, mas do Brasil. Pode-se dizer que foi um dos iniciadores da vida judaica organizada a partir do início do século XX; a fundação de grande parte das instituições teve sua participação, incluindo o Grande Templo”, orgulha-se Ruy, cujos pais, Tzipora Schneider e Israel Flaks, figuraram o segundo casamento realizado no Templo, em 1935. O próprio Ruy casou-se com Helena Guertzenstein também no Templo, em 1967.

“É surpreendente como aquela coletividade conseguiu fazer uma edificação com tamanho requinte, com aquele simbolismo. Não fizeram apenas uma sinagoga. Houve o intuito de realmente projetar uma identidade judaica através de um prédio que fosse um símbolo não só arquitetônico, mas espiritual, nacional. Houve uma mobilização geral”. De acordo com histórias que seu avô lhe contava, “todas as noites ele ia de bonde aos mais afastados lugares onde vivesse uma família judia para colher a menor das doações que fosse”, afirma Ruy.

Segundo a simpática Anna Bentes Bloch, viúva de Adolpho Bloch – que foi ex-presidente do Templo, havia uma sinagoga mais antiga que o Grande Templo Israelita construída em suas redondezas, no começo da década de 20: a Beit Israel, na Rua Santana. “Beit Yisrael, conforme a pronúncia ídiche”, frisa. “Mas foi destruída para a construção do metrô e todos os que rezavam lá passaram a fazê-lo no Grande Templo”, garante Anna, lembrando que outra sinagoga próxima era a Bene Herzl, sefaradita. Em tempo: o casal Bloch também se casou no Templo.

De acordo com Schneider, o Grande Templo Israelita teve grandes rabinos. Na época em que funcionava com serviços religiosos regulares, as mulheres ficavam no andar de cima. “Um dos principais líderes que teve foi o rabino Tzekinovsky, além do grande chazan Steinberg”, conta. Rabinos muitos importantes que chegavam ao Rio de Janeiro passavam pelo púlpito do Templo para palestras, discursos e prédicas, ainda segundo Schneider. O próprio grão-rabino Henrique Lemle, trazido ao Rio pelos ashquenazitas alemães, foi um dos que passaram pela bimá do Grande Templo.

Anna Bentes Bloch conta que grande parte do terreno em torno do prédio do Templo foi vendido posteriormente para se angariar dinheiro para a construção das duas torres. ““Em um edifício construído ao lado viveu a família do Sílvio Santos”, conta, referindo-se à família do judeu Senior Abravanel, camelô que virou um dos maiores empresários do Brasil.

O acadêmico Arnaldo Niskier, 67, declara-se freqüentador do Grande Templo. “Na minha infância e adolescência era o grande espaço comunitário judaico, sobretudo para os moradores da Zona Norte, e era o meu caso. Assisti a muitas cerimônias no Templo. Meus pais também o freqüentaram.” Na década de 1970, o prédio do Grande Templo passou por uma grande obra, liderada por Adolpho Bloch. “Eu fui o ‘devastador dos morcegos’. Eles infestavam o teto do Grande Templo e, como conhecia as autoridades do governo estadual, fui pelo Adolpho encarregado de providenciar a expulsão dos ‘intrusos’. Dava medo. As obras recuperaram o conforto do Grande Templo, impediram que ele saísse de moda”, afirma.

“O Templo sempre foi freqüentado por judeus de todas as classes sociais, daí o seu sentido de entidade eminentemente democrática”, assinala Niskier. “Hoje em dia, com a migração da comunidade para a Zona Sul, tudo ficou muito mais difícil, razão pela qual penso que o melhor a ser feito é transformar o Templo da Tenente Possolo num grande Centro de Memória do Judaísmo Brasileiro, com características de museu vivo”, sugere o acadêmico.

Ruth e Arnaldo Niskier casaram-se no Grande Templo, em 1962, com o rabino Rachmil Blumenfeld. “Estava lotado, apesar da chuva. Seguramente, mais de 600 pessoas”, orgulha-se. Jornalista, professor e escritor, o carioca Arnaldo Niskier foi o primeiro judeu a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1984, presidindo a Casa de Machado de Assis de 1998 a 1999.

O Templo hoje

Definitivamente, o Centro do Rio não é área residencial, há várias décadas. Além disso, a vizinhança não é das mais seguras, qualquer carioca o sabe.

“Gradativamente, devido à ascensão econômica e social, os judeus deixaram a região do Grande Templo e criaram outras sinagogas, em locais mais nobres, mais próximos de suas residências”, reconhece Schneider. “Um verdadeiro êxodo”, resume.

Para o recém-eleito presidente da Federação Israelita do Estado Rio de Janeiro (Fierj), Osias Wurman, que foi diretor-tesoureiro do Grande Templo Israelita por 14 anos, “a tendência do Templo é se tornar um espaço que possa ser aproveitado de forma múltipla, principalmente sob o aspecto histórico. Além de uma pequena sinagoga que respeitaria o atual Aron Hakodesh, acredito que o local tem um grande potencial de abrigar uma exposição permanente sobre a história dos judeus do Rio de Janeiro, um museu fotográfico da comunidade e até um museu do Holocausto. Acredito também que o subsolo do Templo possa abrigar o acervo do Museu Judaico, além de um auditório com recursos audiovisuais”.

A própria Federação Israelita ocupava, até o último mês de outubro, o subsolo do Grande Templo. Com o fechamento do Consulado de Israel no Rio, o imóvel em Copacabana foi cedido, em regime de comodato, à Fierj, que já se instalou na ampla cobertura no coração da Av. Nossa Senhora de Copacabana, a principal do bairro, que tem uma das maiores concentrações judaicas da cidade.

“Concordo com as palavras do Osias. Por todos os aspectos, o Grande Templo e sua atmosfera ímpar na cidade do Rio de Janeiro será sempre o local das grandes festas religiosas. Com a saída da Federação, concordo que o melhor é sediar o Museu Judaico”, declara Ruy Schneider, presidente do Templo, acrescentando a idéia de um Centro de Pesquisas de Famílias e Descendentes “e outras atividades que hoje configuram o dinamismo de um museu”. Schneider afirma que o fechamento do Templo para atividades regulares foi uma opção estratégica, por questões financeiras e de segurança. “Nos últimos anos, a comunidade sofreu um processo de empobrecimento, sofreu um processo de evasão para São Paulo. Quando assumi o templo promovi um saneamento financeiro, mas é difícil”, desabafa. “E cabe ressaltar: nenhum casal de noivos judeus deixará de se casar no Templo por falta de condições financeiras”, garante.

Tombado em 1987, o Grande Templo hoje em dia só abre para as Grandes Festas, eventos especiais e para visita turística, geralmente de judeus norte-americanos de passagem pela cidade. Ruy Schneider garante que não sabe como eles ficam sabendo do Templo, mas certamente a edificação deve constar de catálogos e guias de viagem no exterior, seja pela sua importância histórica quanto arquitetônica. “Ao que parece, o traçado do Grande Templo foi baseado numa antiga sinagoga de Trieste, na Itália, o que é interessante, pois a comunidade que ergueu o Templo era predominantemente ashquenazi, mas o traçado tem muito do sefardi. Um dos aspectos mais intrigantes é a reprodução dos signos do zodíaco, o que é raríssimo numa sinagoga”. Infelizmente, grande parte dos registros fotográficos antigos foi totalmente perdida devido a uma enchente que arrasou o subsolo do templo.

Uma vez ao ano, em Rosh Hashaná e Yom Kipur, o Templo revive os momentos do apogeu. Segundo Schneider, não só aqueles que participaram daqueles tempos áureos e seus descendentes visitam a sinagoga nas Festas, mas também alguns judeus de outras áreas da cidade, das Zonas Sul e Oeste, que dispõem de outras 24 sinagogas, da mais ortodoxa à mais reformista. “Na Neilá deste ano tivemos perto de mil pessoas. Costumamos trazer um coro, rabino e chazan da Argentina”, completa. São estes líderes religiosos que verificam, anualmente, o acervo do material religioso da sinagoga, como Sifrei Torá, talitot e demais artigos judaicos.

Em ocasiões especiais, o Templo também reabre suas portas. Em parceria com a Lar da Criança Israelita, por exemplo, realizou-se, no final de agosto, um recital com o pianista Arthur Moreira Lima. “O ambiente tem tudo a ver”, afirma Schneider, referindo-se à acústica. Um recente Cabalat Shabat superlotou os mil assentos da sinagoga. Muitos dos que compareceram entravam no Templo – ou mesmo o viam – pela primeira vez e não escondiam o encantamento com sua grandiosidade.

O presidente do Grande Templo afirma que qualquer rabino, de qualquer sinagoga, é bem-vindo a realizar uma cerimônia judaica no Templo. “O Grande Templo Israelita é um patrimônio de toda a coletividade judaica do Rio de Janeiro”, garante Ruy Schneider.

Marcus Moraes

Jornalista responsável pelas notícias do site morasha.com e correspondente da JTA (Jewish Telegraphic Agency) no Brasil e Portugal

Museu do Amanhã, no Pier Mauá, será marco da Rio+20

Publicada em 19/01/2010 às 23h41m

Luiz Ernesto Magalhães e Isabela Bastos

RIO - A Zona Portuária vai ganhar, como uma de suas âncoras no processo de revitalização planejado pela prefeitura, um projeto do arquiteto espanhol Santiago Calatrava. Conhecido em todo o mundo pelos projetos arquitetônicos que se destacam pela leveza e pelo arrojo de estruturas lembrando animais, Calatrava foi convidado pelo prefeito Eduardo Paes para projetar o futuro Museu do Amanhã, que será erguido em parceria com a Fundação Roberto Marinho no Pier Mauá. A notícia foi antecipada nesta terça-feira por Ancelmo Gois em sua coluna no GLOBO.

A proposta original previa que o museu - que será dedicado à sustentabilidade - fosse construído nos Armazéns 5 e 6 cedidos pela Companhia Docas para o plano de revitalização do Porto. Paes, no entanto, quer que o projeto se transforme num marco da Terceira Cúpula da Terra (Rio+20), encontro que tem como objetivo renovar e avaliar o engajamento dos líderes mundiais com o desenvolvimento sustentável do planeta, 20 anos depois da Rio 92. O evento, que tratará como a economia verde pode ajudar no desenvolvimento da pobreza, foi confirmado pela ONU no fim de dezembro. A ideia é que os chefes de estado reafirmem princípios da Rio 92. (Veja o especial multimídia sobre os projetos para o Rio) As negociações com o arquiteto começaram há cerca de dois meses, em Madri. Paes explicou que o projeto ainda não foi orçado, mas o custo será "bastante razoável".

- Meu desejo é que a Rio+ 20 aproveite o Pier Mauá durante os encontros. E o Museu do Amanhã seria um ícone do evento. No encontro disse que queria um equipamento que fosse útil para a cidade. E que tivesse um orçamento que fosse mantido do começo ao fim. Isso porque o Rio tem trauma dos custos da Cidade da Música - disse o prefeito.

Segundo a gerente geral de Patrimônio da Fundação Roberto Marinho, Lúcia Basto, Calatrava ficou empolgado com o convite e aceitou o desafio de desenhar o museu. Mas ainda falta formalizar o contrato. Para isso, será preciso alinhar o orçamento total da obra e seu prazo de execução e discutir a adequação do projeto arquitetônico ao conceito do museu.

A contratação de Calatrava é elogiada pelo ex-secretário de Urbanismo Augusto Ivan, que na década de 90 participou do projeto de revitalização do Rio Antigo e das discussões da revitalização do Porto. Ivan cita como um dos principais exemplos de projetos de Calatrava, que contribuíram para a revitalização de áreas degradadas, a Gare do Oriente, em Lisboa. O complexo compreende estações de metrô, ônibus e um centro comercial. A estação foi construída para a Feira Mundial de 98 (Expo-Lisboa) que recuperou áreas degradadas às margens do Rio Tejo.

- Ele é um dos grandes arquitetos da atualidade. Muitas de suas obras seguem a tendência de arquitetura a serviço da revitalização porque se transformam em marcos. Seus projetos têm formas e se destacam na paisagem - disse.

O arquiteto Paulo Casé também elogiou o colega:

- Suas obras realmente marcam os lugares porque tem uma visão estética muito apurada no uso de estruturas metálicas.

Na segunda-feira, Eduardo Paes almoçou no Rio com o chanceler Celso Amorim para discutir a proposta. O Itamarati informou que ainda não há data para a realização do evento. Apenas a partir desta quarta-feira, o Ministério do Meio Ambiente e o Itamaraty começam a se reunir para discutir os preparativos da Rio+20.

O anúncio da ida do Museu do Amanhã para o Píer Mauá sepulta um projeto anunciado e já licitado no ano passado de construir um parque urbano naquele espaço. Iniciadas há dois meses, as obras do parque, orçadas em cerca de R\$ 28 milhões, estavam na fase de montagem do canteiro para os operários. A licitação foi vencida pela empreiteira OAS. Paes disse que ainda será decidido o que será feito do contrato já assinado com a empreiteira.

CULTURA

Pedra fundamental do novo Museu da Imagem e do Som é lançada em Copacabana

Publicada em 19/01/2010 às 16h35m

RIO - A pedra fundamental do novo Museu da Imagem e do Som (MIS) foi lançada na manhã desta terça-feira, em Copacabana. O governador Sérgio Cabral participou da solenidade, que também contou com a presença da secretária estadual de Cultura, Adriana Rattes. De acordo com ela, este é o primeiro passo concreto para a construção do espaço, que tem projeto arquitetônico dos americanos Elizabeth Diller e Ricardo Scofidio. A previsão é de que até março seja concluída a demolição do prédio atual e, no segundo semestre de 2012, o MIS esteja de portas abertas para a população:

Veja imagens do projeto do novo Museu da Imagem e do Som

- O MIS hoje é um grande acervo do Rio e da Cultura Brasileira. Vamos transformar esse patrimônio para que ele esteja acessível ao público. Copacabana é um bairro muito importante e precisava de um novo impulso. O museu terá um papel de aglutinação, vai ajudar a revitalizar o bairro social e culturalmente.

O governador Sérgio Cabral e o vice, Luiz Fernando de Souza Pezão, também participaram da solenidade, que reuniu representantes da cultura carioca, como o pesquisador Haroldo Costa e os jornalistas Sérgio Cabral e Ruy Castro. Em seu discurso, Cabral lembrou que ajudou a apagar um incêndio ocorrido no MIS, na Praça Quinze.

- É uma alegria pessoal estar aqui. Com 18 anos de idade, ajudei a apagar o incêndio do MIS, em 1981. Estava em casa, minha mãe é museóloga, estava desesperada. Era noite, partimos em caravana, entrei numa Kombi aberta atrás, jogava água no fogo - lembrou Cabral, acrescentando que o Rio vai inaugurar um equipamento cultural de primeira. - Será uma atração turística internacional, com uma marca importante do Rio, que é a cultura. O MIS é uma síntese dessa cidade. Em 2016, não mais governador, já me imagino sentado no último andar do museu, assistindo aos Jogos Olímpicos que estarão acontecendo em Copacabana.

Por enquanto, os tapumes do canteiro de obras do MIS ficarão cobertos por um grande painel colorido, feito pelo artista Muti Randolph. A obra de arte a céu aberto, que de perto parece uma pintura abstrata, ao ser observada de longe exibe imagens de ícones da cultura carioca e do Brasil, como Noel Rosa, Carmem Miranda e Pixinguinha.

O projeto do novo museu faz parte de uma parceria entre o governo do estado e a Fundação Roberto Marinho, e está orçado em R\$ 70 milhões. Também participaram do lançamento o secretário-geral da FRM, Hugo Barreto; a presidente da Fundação Museu da Imagem e do Som, Rosa Maria Araujo, os autores do projeto de museografia, Daniela Thomas e Felipe Tassara, e o curador do museu, Hugo Sukman.

REVITALIZAÇÃO

Prefeito Eduardo Paes lança pedra fundamental do Museu de Arte do Rio

Publicada em 01/06/2010 às 21h47m

Simone Candida

RIO - Escondido por tapumes desde março, o prédio do futuro Museu de Arte do Rio (MAR), na Praça Mauá, foi palco nesta terça-feira de sua primeira grande apresentação ao público carioca. Numa cerimônia com intelectuais, artistas, secretários e o ministro do Turismo, Luiz Barreto, o prefeito Eduardo Paes lançou oficialmente o novo museu, que ficará instalado no Palacete Dom João VI - prédio de estilo eclético construído em 1916 e tombado pelo município - e no edifício ao lado, antigo endereço do Hospital da Polícia Civil. Com orçamento inicial de R\$ 43 milhões, a iniciativa é uma parceria da prefeitura com a Fundação Roberto Marinho.

A instituição deve ser inaugurada em 2012. Para a prefeitura, o MAR é peça fundamental do projeto Porto Maravilha, de revitalização da Zona Portuária.

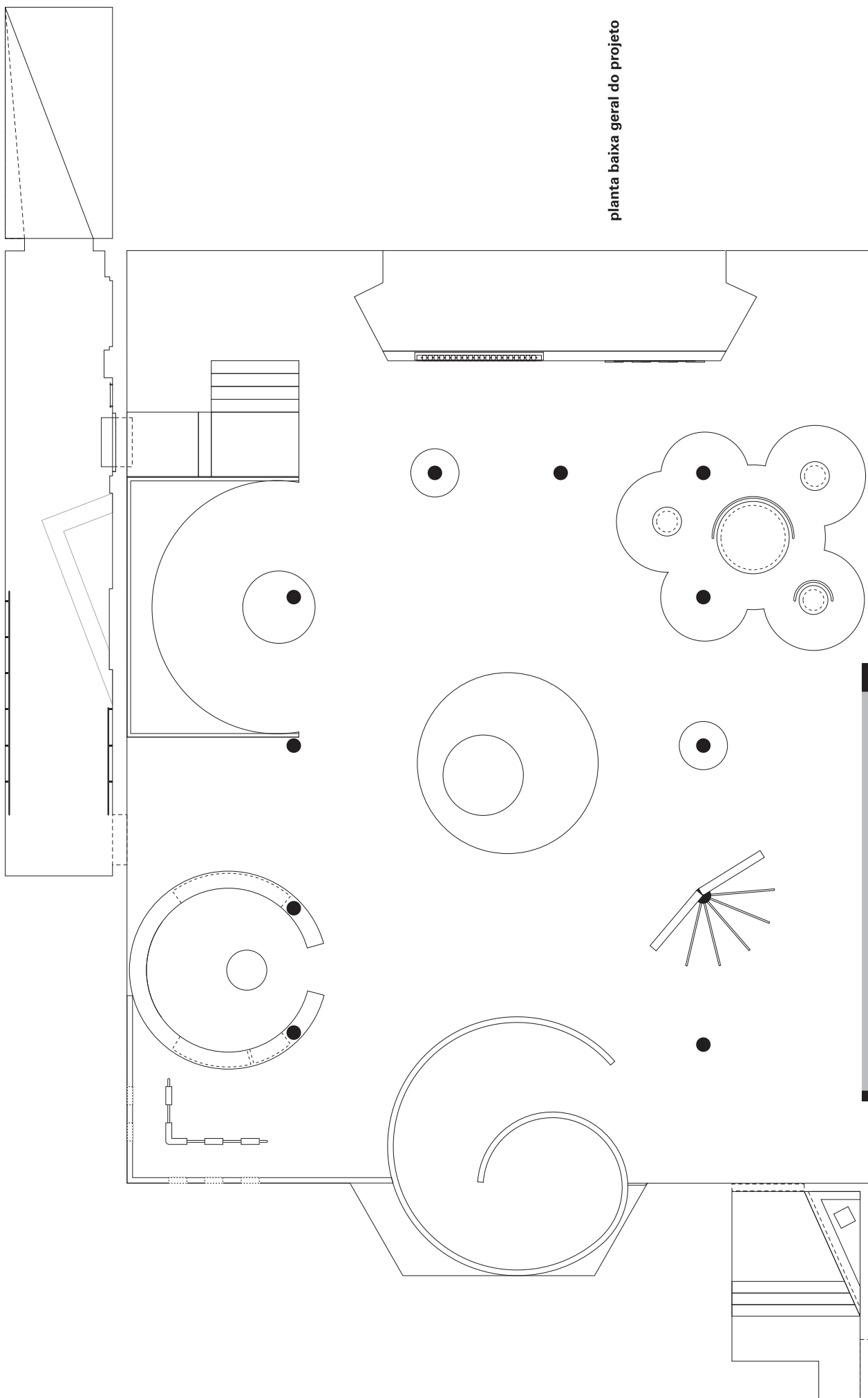
Segundo o curador do MAR, Leonel Kaz, o museu não terá acervo próprio, sendo um espaço para a exibição de obras de arte que estão em outras instituições públicas e privadas. O espaço também abrigará "exposições-diálogo" (uma conexão entre a arte brasileira e internacional) e uma mostra permanente sobre a história do Rio de Janeiro. O local vai ser endereço também da Escola do Olhar. Para ficar mais integrado à vida noturna da Zona Portuária, o museu vai abrir à noite e de madrugada.

As obras começaram em 13 de março. O projeto é assinado pelos arquitetos cariocas Paulo Jacobsen e Thiago Bernardes, que receberam a missão de integrar e dar unidade às duas construções, de estilos bastante distintos (eclético e modernista). A ligação será feita por passarelas e uma estrutura de concreto que simulará o movimento das ondas do mar e cobrirá os dois prédios. Um teleférico vai conectar os dois edifícios ao Morro da Conceição.

anexo VI

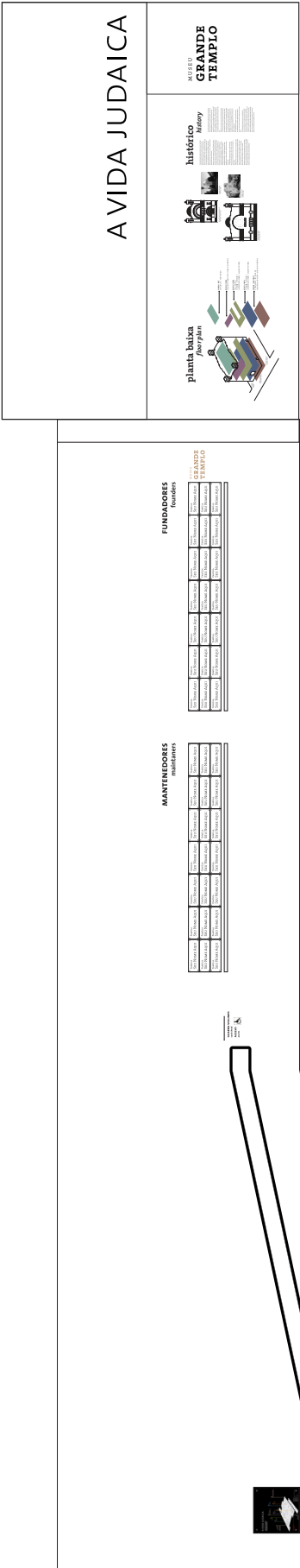
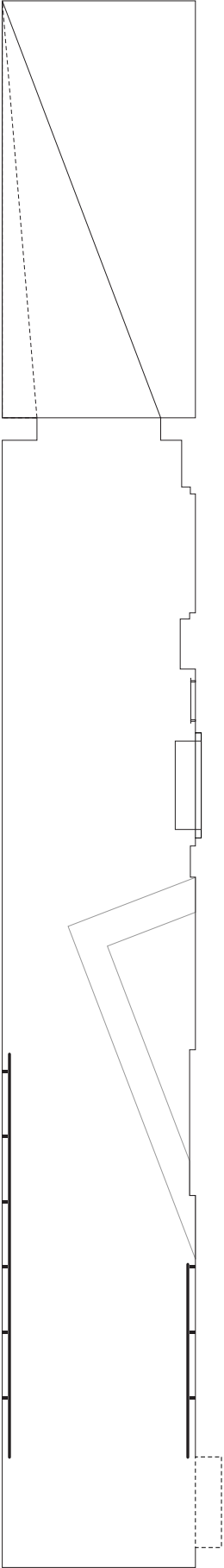
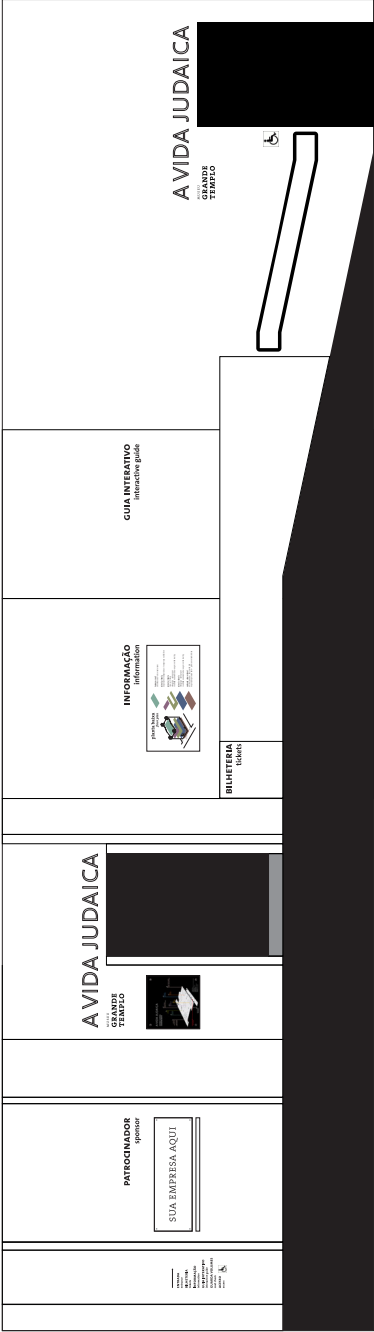
Nas próximas páginas, encontram-se os desenhos esquemáticos que foram usados para a modelagem 3D, além de algumas texturas-exemplo também.

Os desenhos nas folhas A3 não seguem um padrão de escala. Já para os desenhos nas folhas A4 procurou-se manter a escala de 1:50 para os desenhos esquemáticos. Todas as medidas estão indicadas em centímetros.



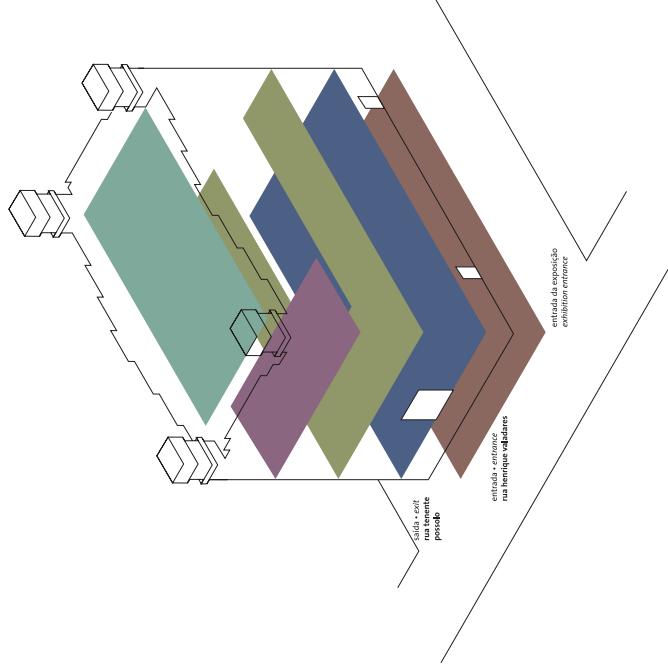
planta baixa geral do projeto

elevações e planta
parte externa e corredor de acesso



planta baixa

floor plan



terraço • roof
observatório • *observatorium*

nível 3 • level 3
exposições temporárias • *temporary exhibition*

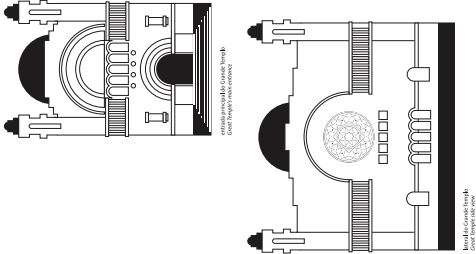
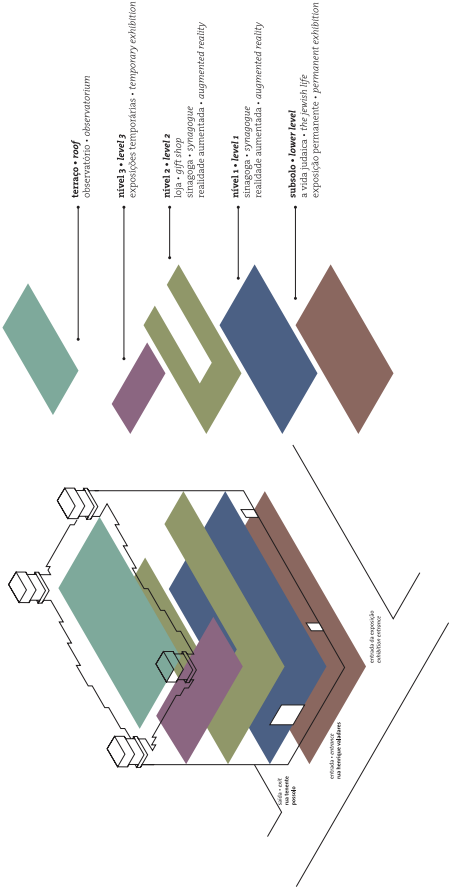
nível 2 • level 2
loja • *gift shop*
sinagoga • *synagogue*
realidade aumentada • *augmented reality*

nível 1 • level 1
sinagoga • *synagogue*
realidade aumentada • *augmented reality*

subsolo • lower level
a vida judaica • *the jewish life*
exposição permanente • *permanent exhibition*

painel aplicado à vitrine de vidro da entrada
planta baixa e histórico

planta baixa floor plan



Hanoi • Sinagoga



Hanoi • Sinagoga

histórico history

Quando o Templo foi construído, os judeus da cidade de Hanoi tinham sido expulsos da cidade por causa da sua religião. O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá.

O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá. O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá.

O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá. O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá.

O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá. O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá.

O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá. O templo foi construído para que os judeus da cidade pudessem voltar e viver lá.

The Grand Temple, known as the House of the Jews, was built by the Jewish community in Hanoi, Vietnam, in the early 20th century. It was designed as a place of worship and a center for the Jewish community in the city.

The Grand Temple was built by the Jewish community in Hanoi, Vietnam, in the early 20th century. It was designed as a place of worship and a center for the Jewish community in the city.

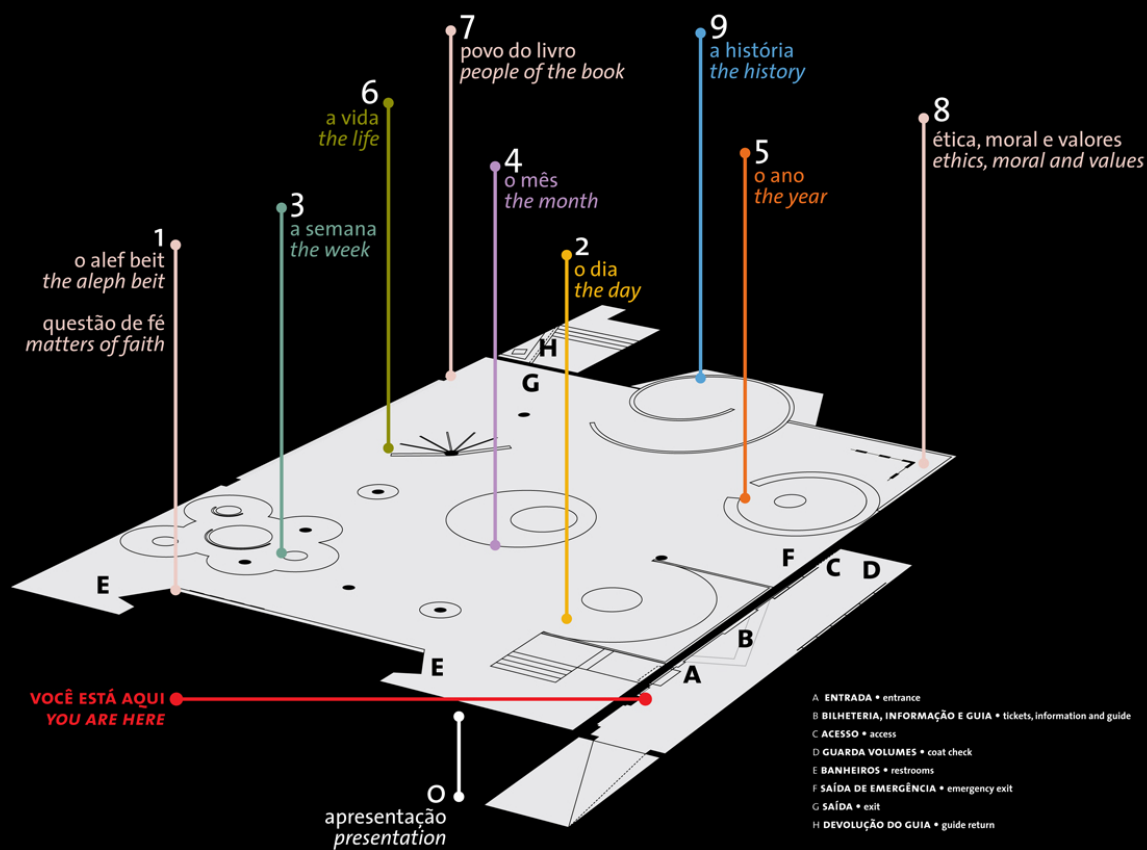
The Grand Temple was built by the Jewish community in Hanoi, Vietnam, in the early 20th century. It was designed as a place of worship and a center for the Jewish community in the city.

The Grand Temple was built by the Jewish community in Hanoi, Vietnam, in the early 20th century. It was designed as a place of worship and a center for the Jewish community in the city.

The Grand Temple was built by the Jewish community in Hanoi, Vietnam, in the early 20th century. It was designed as a place of worship and a center for the Jewish community in the city.

A VIDA JUDAICA

ROTEIRO SUGERIDO SUGGESTED ROUTE

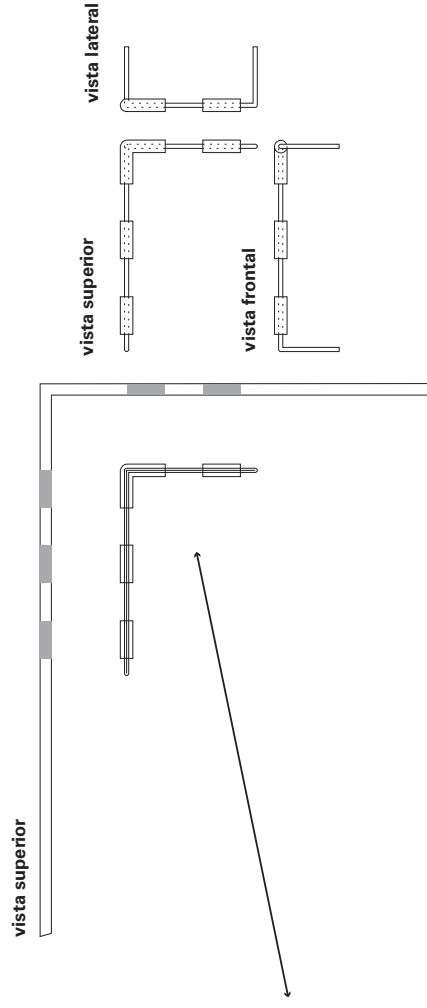
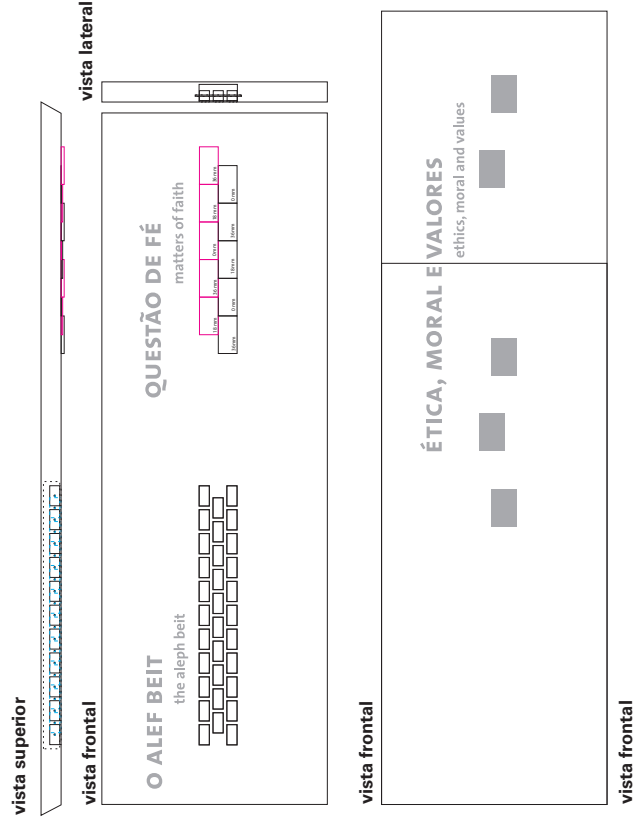


painel com planta baixa da exposição



placas de vidro para fundadores,
mantenedores e patrocinadores

as quatro seções intelectuais



HEI
hey



letra cursiva
script letter



letra de imprensa
block letter

O Hey

O nome da letra Hei aparece no verso, "Pegue [hei] semente para vós."

As três linhas que compõem a forma do IES correspondem a três vestimentas: a linha horizontal superior ao pensamento, a linha vertical direito à fala, o pé solto à ação.

The Hey

The name of the letter hei appears in the verse, "Take [hei] for yourselves seed."

The three lines which compose the form of the hei correspond to three garments: the upper horizontal line to thought; the right vertical line to speech; the unattached foot to action.

HEI
hey



valor numérico
numerical value

artes-finais

as faces de um bloco da seção 'alef beit'

artes-finais
lombadas e “livro aberto”
seção ‘povo do livro’

TANACH	TANACH	TANACH	TANACH	TANACH	TANACH	ZOHAR	ZOHAR	ZOHAR
KETUVIM EZRÁ	KETUVIM NECHEMIAS	KETUVIM DIVREI HAYAMIM	COMETARISTAS MECHILTA	COMENTARISTAS SIFRA	COMENTARISTAS SIFRI	RABI SHIMON BAR YOCHAI ZOHAR	RABI SHIMON BAR YOCHAI ZOHAR CHADASH	RABI SHIMON BAR YOCHAI TIKUNEI ZOHAR

THE ZOHAR

The Zohar is the foundational work in the literature of Jewish mystical thought known as Kabbalah. It is a group of books including commentary on the mystical aspects of the Torah (the five books of Moses) and scriptural interpretations as well as material on theosophic theology, mythical cosmogony, and mystical psychology. The Zohar contains a discussion of the nature of God, the origin and structure of the universe, the nature of souls, redemption, the relationship of Ego to Darkness and "true self" to "The Light of God," and the relationship between the "universal energy" and man. Its scriptural exegesis can be considered an esoteric form of the Rabbinic literature known as Midrash, which elaborates on the Torah.

The Zohar first appeared in Spain in the 13th century, and was published by a Jewish writer named Moses de Leon. De Leon ascribed the work to Shimon bar Yochai, a rabbi of the 2nd century during the Roman persecution[2] who, according to Jewish legend,[3][4] hid in a cave for thirteen years studying the Torah and was inspired by the Prophet Elijah to write the Zohar. This accords with the traditional claim by adherents that Kabbalah is the concealed part of the Oral Torah.

613

MITZVOT

AS 613 MITZVOT

O Talmud nos diz (dissertação Makkot 23b) que existem 613 mandamentos da Torah; 248 mandamentos positivos ("fazer") e 365 mandamentos negativos ("não fazer").

No entanto, o Talmud não nos fornecer uma lista desses mandamentos.

Vários grandes estudiosos judeus compilaram uma lista completa destes mandamentos. Embora todos eles concordam com a grande maioria dos mandamentos, eles discordam sobre alguns deles. Os argumentos são apenas para fins escolares, para que eles não discordam sobre qualquer mandamento real se é obrigatório ou proibido - eles só discordam sobre se certos mandamentos são mandamentos independente, ou talvez eles são parte de uma outra ordem e não são contados por conta própria.

Deve-se notar que muitos desses mandamentos (como todos os mandamentos associado com sacrifícios) não são viáveis, desde que não haja Templo em Jerusalém. (Além de 613 mitsvot da Torá, há também sete exclusivamente rabínicos Mitzvahs).

THE 613 MITZVOT

The Talmud tells us (Tractate Makkot 23b) that there are 613 commandments in the Torah; 248

Positive Commandments ("do's") and 365 Negative Commandments ("do not's"). However, the Talmud does not provide us with a list of these commandments.

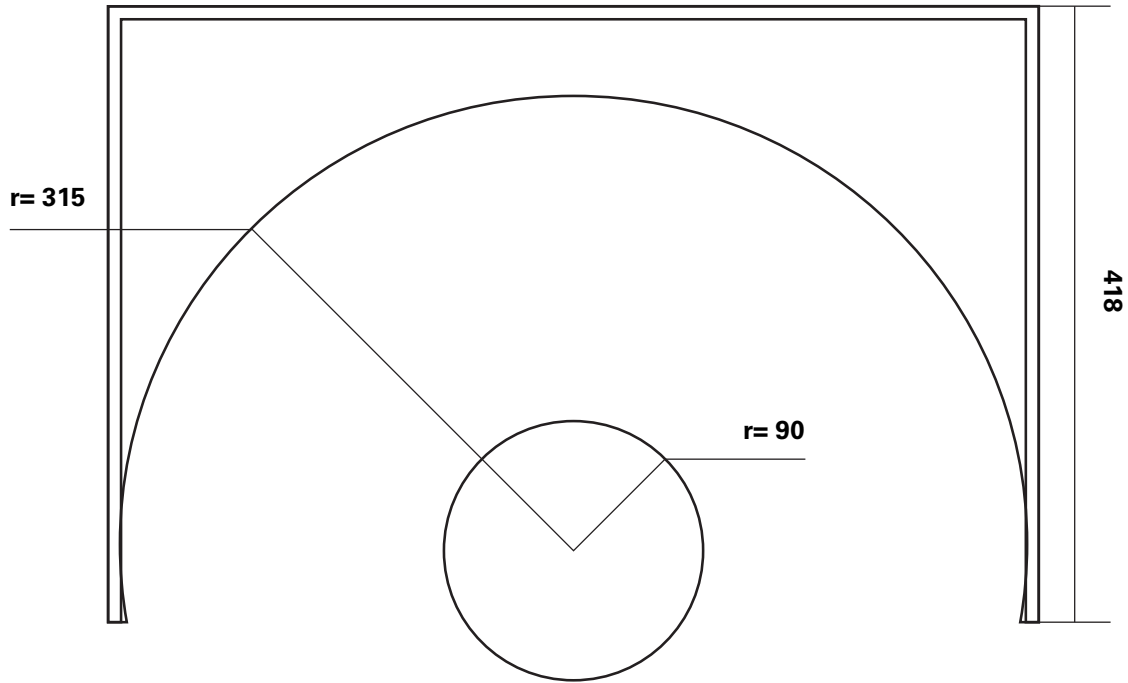
Several great Jewish scholars have compiled a complete listing of these commandments. Although they all agree on the vast majority of the commandments, they do disagree concerning a number of them. The arguments are for scholastic purposes only, for they do not disagree over any actual commandment whether it is mandatory or forbidden -- they only disagree whether certain commandments are independent commandments, or perhaps they are part of another commandment and are not counted on their own.

It must be noted that many of these commandments (such as all the commandments associated with sacrifices) are not practicable as long as there is no Temple in Jerusalem.

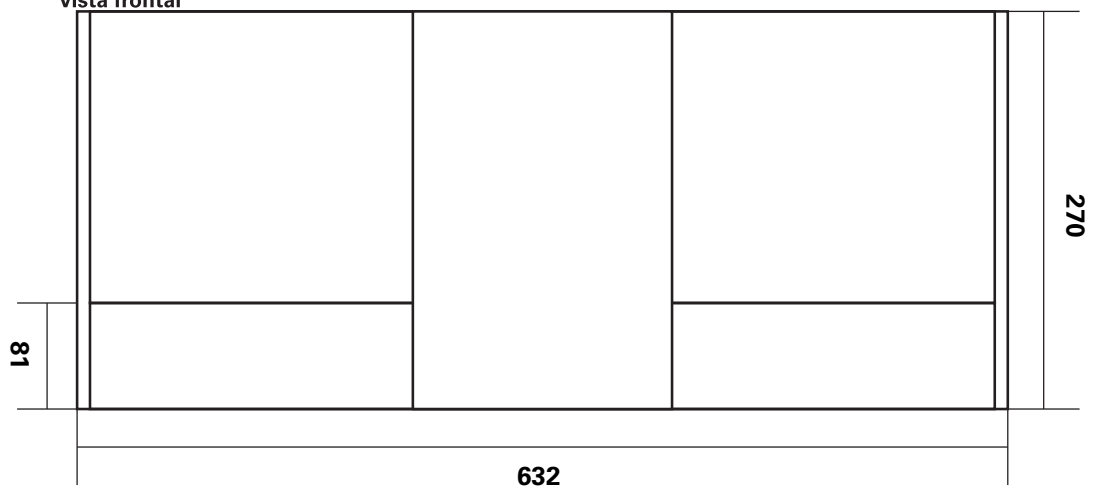
(In addition to the Torah's 613 Mitzvahs there are also seven uniquely Rabbinic Mitzvahs).

arte-final
exemplo de diagramação
para a seção 'questão de fé'

vista superior



vista frontal





O DIA ► CONEXÃO

O que são Tefilin? 🎧

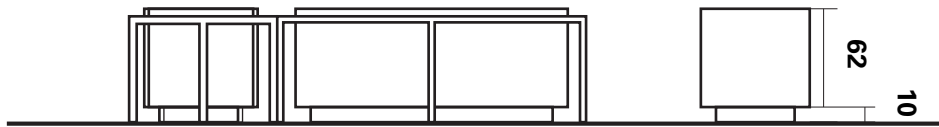
São caixas de couro com tiras que contêm os quatro trechos da Torá que mencionam esta mitzvah.

Um dos trechos é o Shemá Israel.

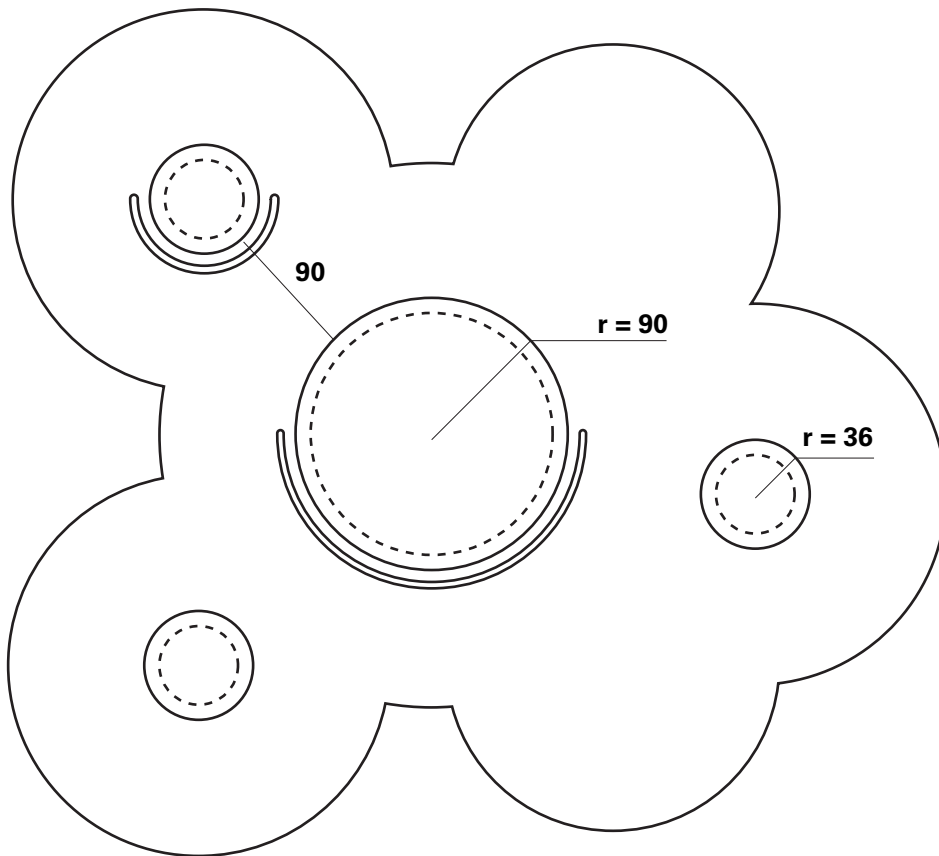
Nos Tefilin colocados no braço, os quatro trechos estão escritos num só pergaminho; nos Tefilin da cabeça, os trechos estão em quatro pergaminhos e compartimentos.

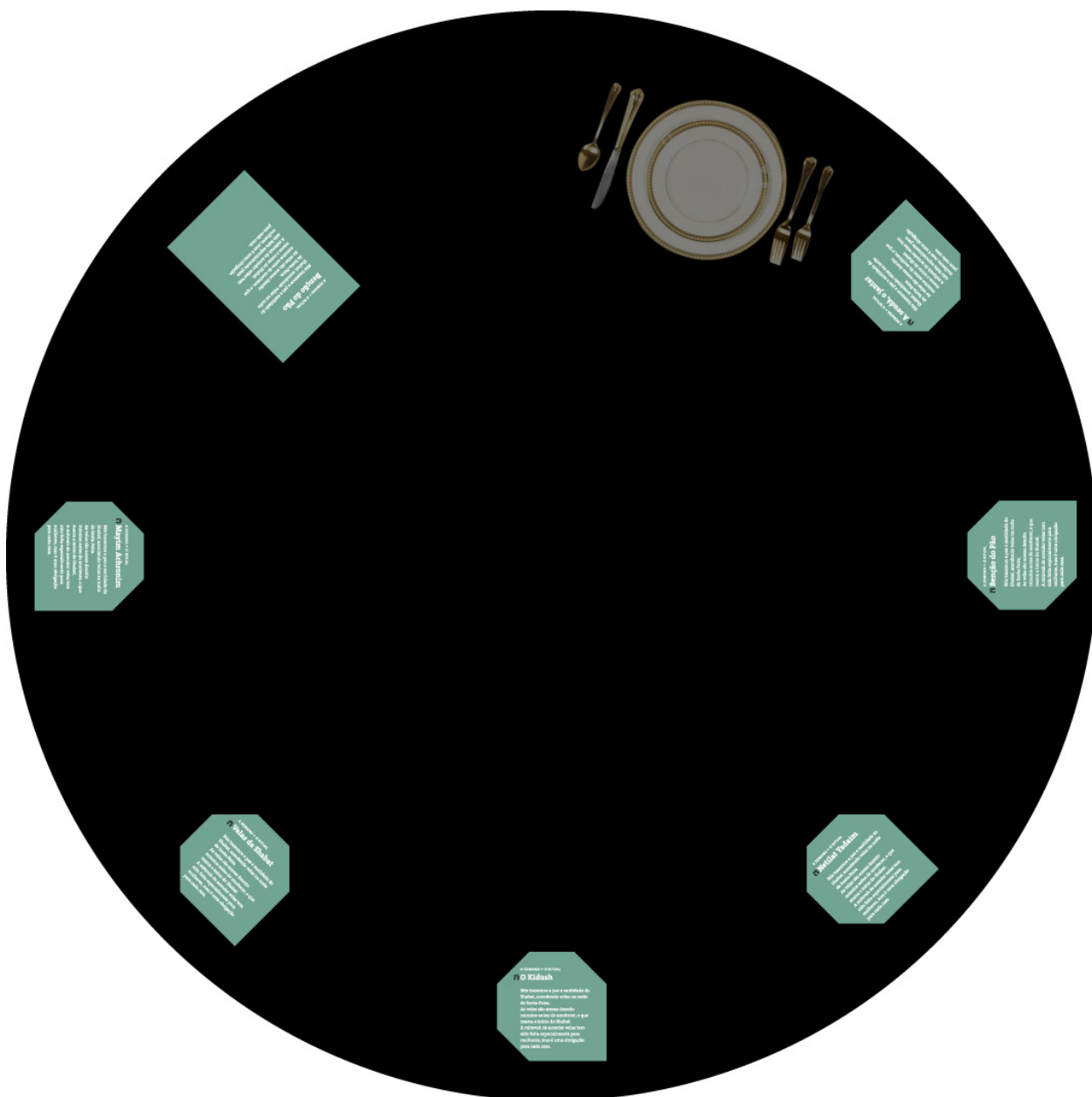
detalhe do octógono aplicado
coluna da seção dia

vista frontal

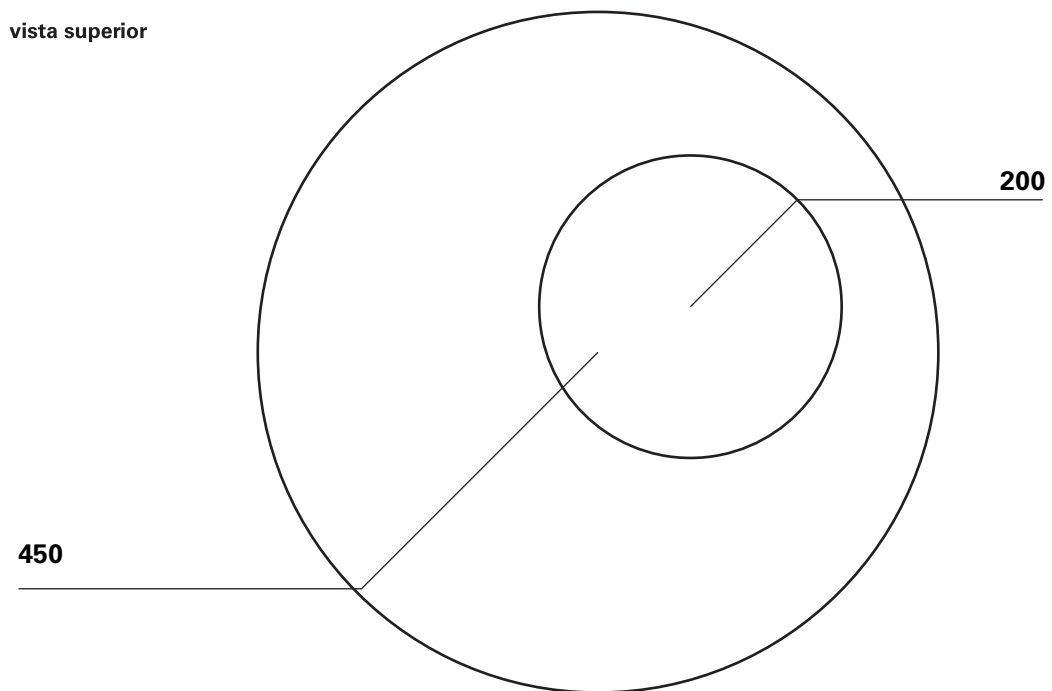
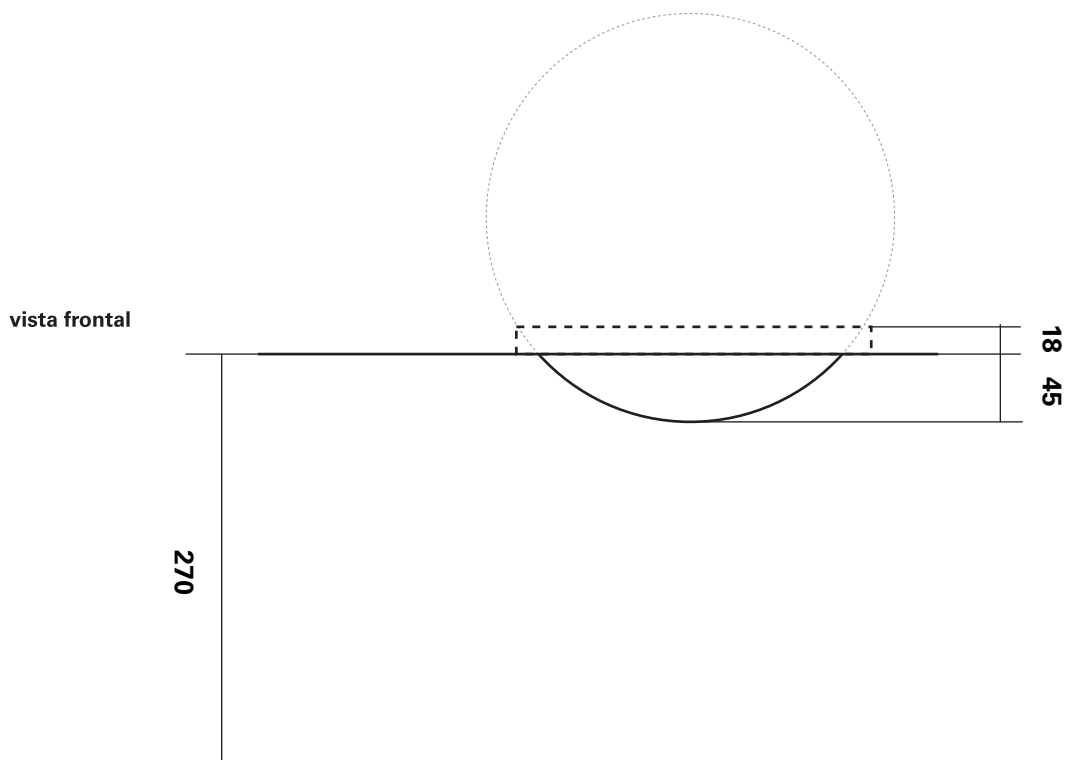


vista superior

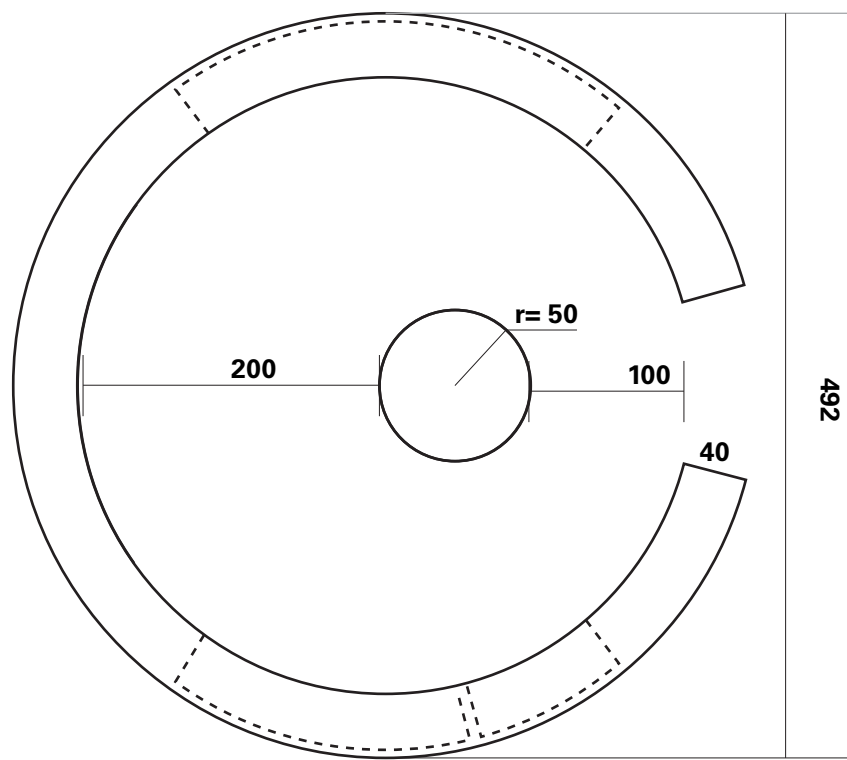




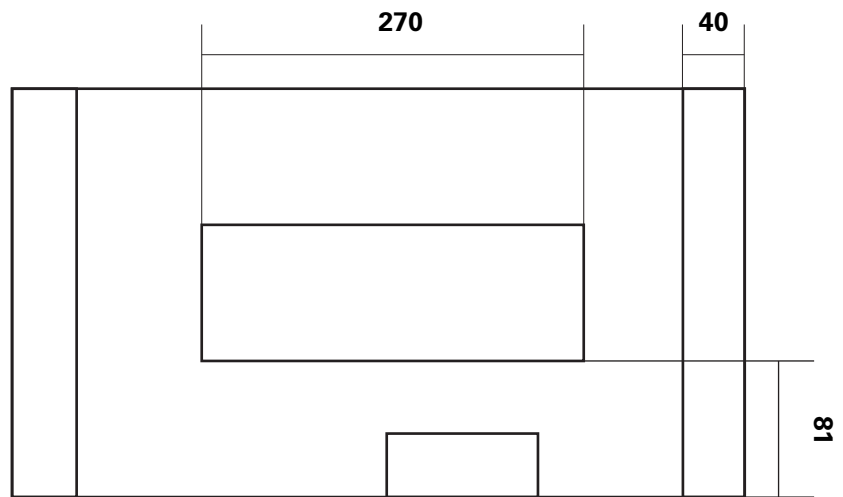
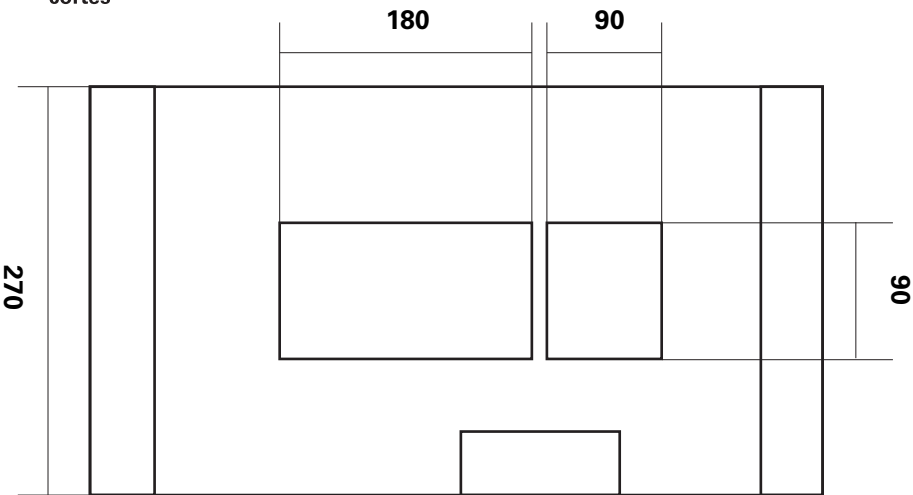
tampo sem objetos da mesa central
'seção semana'



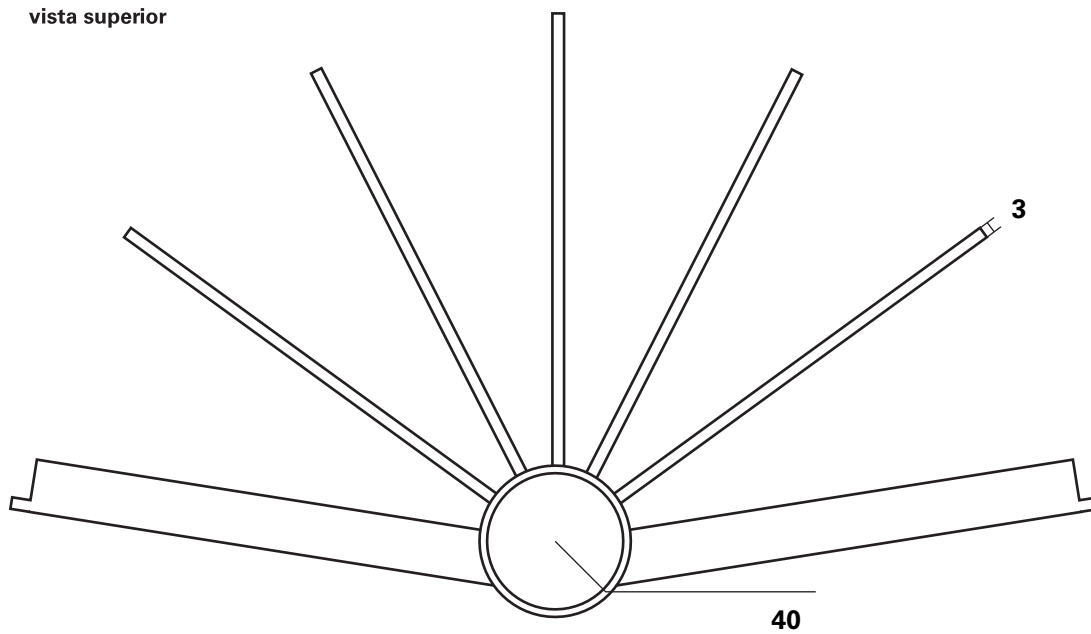
vista superior



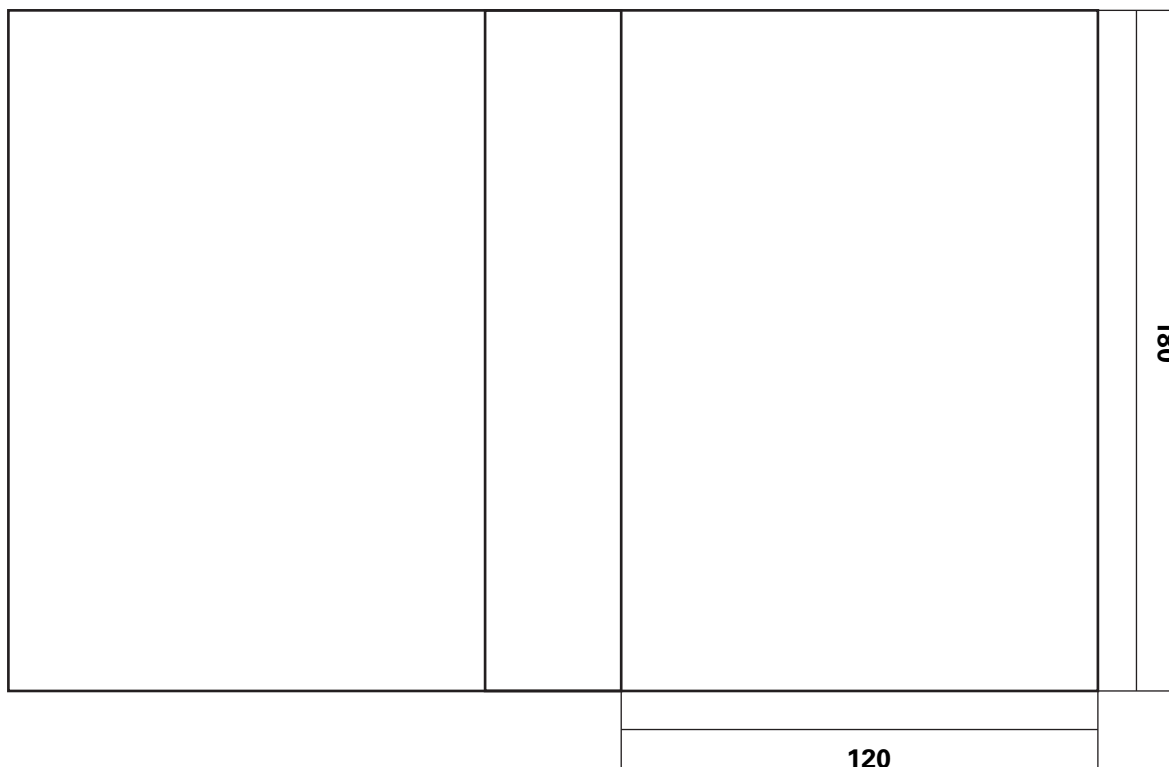
cortes



vista superior



vista frontal

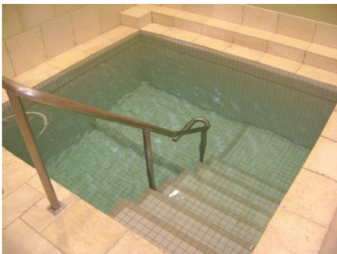


a vida

mikvá e pureza familiar mikvah and family purity

Como um conceito espiritual, há orientações espirituais que governam a experiência micvê. Por exemplo, nem todo corpo de água pode ser considerada uma micvê. A Mikvah tem que conter um mínimo de cerca de 100 galões de água de nascente de água natural, água da chuva, nem neve fresca derretida. (Não é uma piscina em que um realmente mergulharia, apesar de possível. Outro conjunto de água é aquecido, filtrado e trocado regularmente é conectado à piscina Mikvah por tubos de pelo menos dois centímetros de diâmetro. Isso efetivamente transforma os corpos de água em um.)¹

1. Não tente isso em casa! As normas técnicas de construção de uma Mikvah kosher são muito complexas e um rabino competente (e arquiteto) devem ser consultados.



mikvá moderna
a modern mikvah

Como faço para usar um Mikvah?

1. O uso da Mikvah depende do usuário. Se, por exemplo, você é um pote, você só tem que ser mergulhados em uma vez.
2. uso da Mikvah por uma mulher caminha lado a lado com um conjunto

de regras chamado Pureza Familiar.

De acordo com a lei judaica, enquanto a mulher está menstruada, e por sete dias depois, todas as formas de intimidade são proibidas. Depois do final da semana, a mulher vai para o seu Mikvah e reacende a chama do casamento. 3. De acordo com os ensinamentos da Cabala, os homens devem mergulhar na Mikvah todas as manhãs para a manutenção constante.

Se você não pode fazer isso, pelo menos antes do Shabat. Se você não puder fazer isso, vá, pelo menos, antes do Yom Kippur, para se preparar para o dia mais sagrado do ano.

A palavra “Mikvah” significa “piscina”, como em uma coleção, ou ajuntamento de algo para um só lugar. No judaísmo, refere-se a Mikvah um pequeno poço de água, um banho ritual - normalmente encontradas em instalações de sinagogas ou em instalações separadas perto - e os rituais espirituais associadas a ele. Mikvah é renovação, renascimento, um retorno ao seu interior, puro, inocente eu, e uma restauração de refrescamento de sua espiritualidade pura. Essa é a finalidade do Mikvah: a restauração do estado espiritual.

The word “Mikvah” means “pool,” as in a collection or gathering together of something to one place. In Judaism, Mikvah refers to a small pool of water, a ritual bath - usually found on the premises of synagogues or in separate facilities nearby - and the spiritual rituals associated with it. Mikvah is renewal, rebirth, a return to your inner, pure, innocent self, and a refreshing restoration of your pristine spirituality. That’s the purpose of the Mikvah: restoration of spiritual status.

How do I use a Mikvah?

1. Mikvah usage depends on who's using it. If, for example, you're a pot, you only have to be dipped in once.
2. Women's Mikvah usage goes hand-in-hand with a set of rules called Family Purity.

According to Jewish law, while a woman is menstruating, and for seven days afterward, all forms of intimacy are forbidden. After the week is over, the woman goes to her Mikvah and rekindles the spark of marriage. 3. According to the teachings of Kabbalah, men should immerse in the Mikvah every morning for steady maintenance. If you can't do that, at least before Shabbat. If you can't do that, go at least before Yom Kippur, to prepare yourself for the holiest day of the year.

As a spiritual concept, there are spiritual guidelines that govern the Mikvah experience. For example, not every body of water qualifies as a Mikvah. A Mikvah's got to contain a minimum of about 100 gallons of natural water—spring water, rainwater, or even fresh melted snow. (This is not the pool in which one would actually immerse, though one technically could. Another pool of regular water that is heated, filtered, and changed regularly is connected to the Mikvah pool by pipes at least two inches in diameter. This effectively turns both bodies of water into one.)¹

1. Do not try this at home! The technical laws of constructing a kosher Mikvah are very complex and a competent Rabbi (and architect) must be consulted.



mikvá em massada
mikvah in massada



mikvá em qumram
mikvah in qumram

brit milá, a circuncisão *brith milah, the circumcision*



D'us desejou que este "toque final", o aperfeiçoamento de nossos corpos, deve ser um ato claramente humano. Isso nos ensina que a perfeição espiritual pode e deve ser realizado pelo esforço humano. Na Torá Está escrito na Torá: "Esta é a minha aliança que você deve observar entre mim e vós e vossos filhos depois de vós, para circuncidar seu cada macho. Você deve circuncidar a carne do seu prepúcio, e isso passa a ser o sinal da aliança entre mim e vós" (ibid. 17:10-11).

Os costumes e as leis referentes à circuncisão são derivadas da tradição da Bíblia, Talmud, e judeus, que foram cuidadosamente transmitidos de geração em geração.

A circuncisão é o primeiro mandamento dado por Deus a Abraão, primeiro do judeu, e é central para o judaísmo.

Abraão, o pai do povo judeu, teve por muitos anos serviu Deus com retidão. Mas foi só depois que ele circuncidou a si mesmo por comando de D'us, com a idade de 99 anos, que ele era capaz de atingir o nível máximo de "e você deve ser perfeito" (Gênesis 17:1).

A circuncisão é o primeiro mandamento dado por Deus a Abraão, primeiro do judeu, e é central para o judaísmo.

"Esta é a minha aliança que você deve observar entre mim e vós e vossos filhos depois de vós, para circuncidar seu cada macho. Você deve circuncidar a carne do seu prepúcio, e isso passa a ser o sinal da aliança entre mim e vós" (Gênesis 17:10-11).

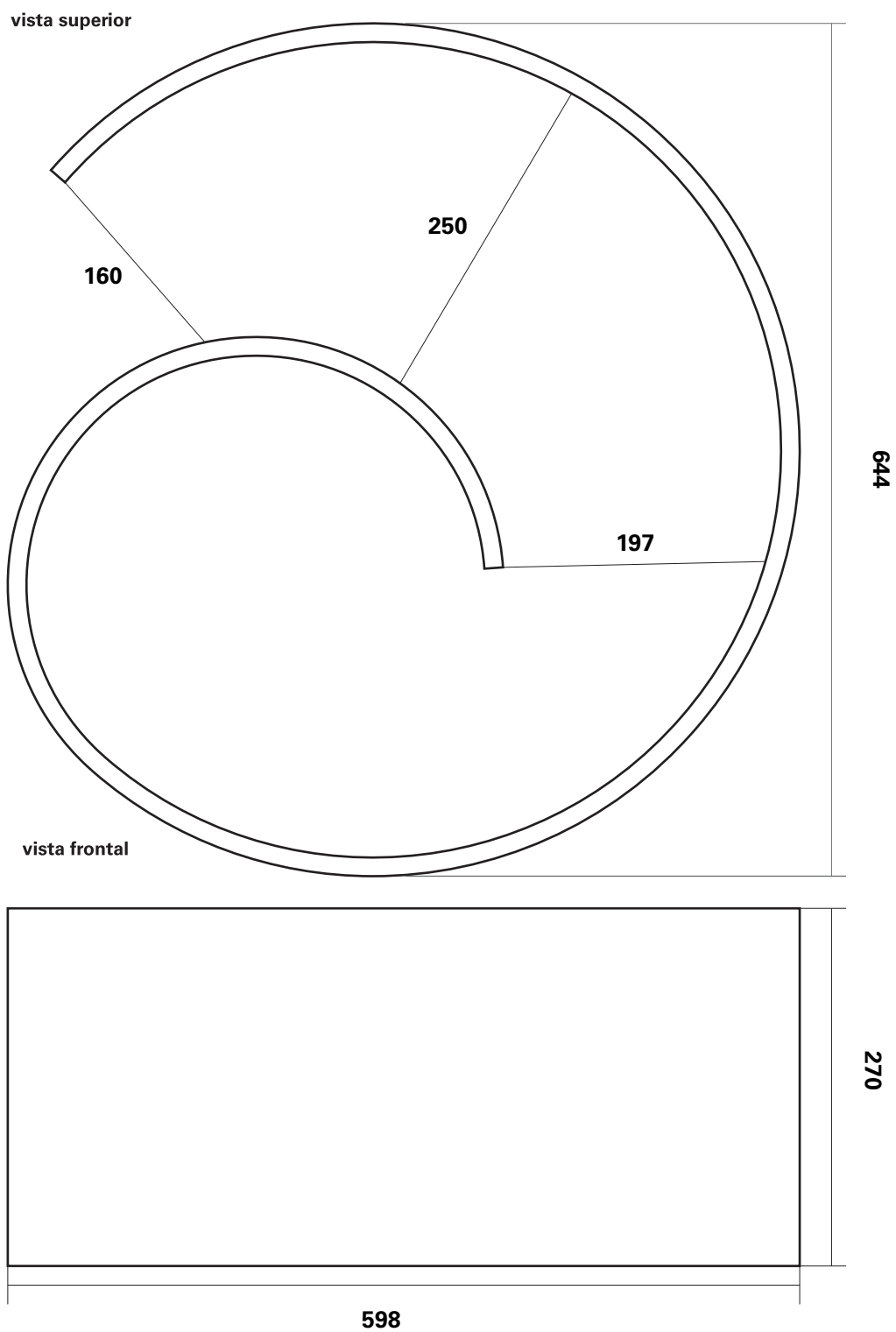
Circumcision is the first commandment given by God to Abraham, the first Jew, and is central to Judaism.

"This is My covenant that you shall observe between Me and you and your children after you, to circumcise your every male. You shall circumcise the flesh of your foreskin, and it shall become the sign of a covenant between Me and you" (Genesis 17:10-11).

The customs and laws pertaining to circumcision are derived from the Bible, Talmud, and Jewish tradition, all of which have been meticulously passed down from generation to generation.

Circumcision is the first commandment given by G-d to Abraham, the first Jew, and is central to Judaism. Abraham, the father of the Jewish People, had for many years served G-d righteously. Yet it was only after he circumcised himself by G-d's command, at the age of ninety-nine years, that he was able to reach the ultimate level of "and you shall be perfect" (Genesis 17:1).

G-d desired that this "finishing touch," the perfecting of our bodies, should be a distinctly human act. This teaches us that spiritual perfection must and can be accomplished by human effort. In the Torah It is written in the Torah: "This is My covenant that you shall observe between Me and you and your children after you, to circumcise your every male. You shall circumcise the flesh of your foreskin, and it shall become the sign of a covenant between Me and you" (ibid. 17:10-11).



A CRIAÇÃO

dia 1 - dia 7

DIA 1
céu e terra,
luz e escuridão

DIA 2
firmamento
e água

DIA 3
terra firme e mares,
vegetação e árvores

DIA 4
sol, lua, estrelas e tempo

DIA 5
seres vivos

DIA 6
seres vivos e homem

saída

